



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE – PGcult

MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO

**TECER DE VARANDAS:
ARTE E MEMÓRIA NA REDE DE DORMIR EM VIANA/MA**

MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO

São Luís/MA, 2025

**TECER DE VARANDAS:
ARTE E MEMÓRIA NA REDE DORMIR EM VIANA/MA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira

Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Pinheiro, Maria Susana.

Tecer de Varandas : arte e memória na rede de dormir em
Viana/Ma / Maria Susana Silva Pinheiro. - 2025.
147 f.

Orientador(a): Ana Caroline Amorim Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão,
Ufma, 2025.

1. Rede. 2. Memória. 3. Arte. 4. Interdisciplinar.
5. Viana/maranhão. I. Amorim Oliveira, Ana Caroline. II.
Título.

MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO

**TECER DE VARANDAS:
ARTE E MEMÓRIA NA REDE DE DORMIR EM VIANA/MA**

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira
Orientadora

Aluna:
Maria Susana Silva Pinheiro

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Arkley Marques Bandeira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Hugo Menezes Neto
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível com o apoio, o incentivo, a escuta e a colaboração de muitas pessoas e instituições, que contribuíram de diferentes formas para que este trabalho se concretizasse.

Agradeço, inicialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e à Universidade Federal do Maranhão, pelo espaço institucional de formação, reflexão crítica e incentivo à pesquisa, fundamentais para a realização deste trabalho. Agradeço especialmente à minha orientadora, a Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira, pela condução sensível, pelo rigor acadêmico e pela confiança depositada ao longo de todo o processo. Suas orientações foram fundamentais para o amadurecimento das reflexões aqui apresentadas e para a construção de um percurso investigativo comprometido com a memória, a cultura e o olhar crítico.

Aos membros da banca examinadora, interna e externa, Prof. Dr. Arkley M. Bandeira (UFMA) e Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (UFPE), agradeço profundamente pela disponibilidade, leituras cuidadosas, pelas contribuições qualificadas e diálogos que certamente enriqueceram esta dissertação, ampliando seus horizontes analíticos e interpretativos.

À coordenação, aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, agradeço pelas contribuições teóricas, pelos debates instigantes e pelo ambiente acadêmico que favoreceram o aprofundamento das questões que atravessam esta pesquisa.

À Academia Vianense de Letras (AVL) e à Academia Vianense de Letras Juvenil (AVLJ), em nome de sua presidente, que abriu as portas da Casa Anica Ramos, a Dra. Fátima Travassos, meu sincero agradecimento pela acolhida, pela disponibilidade e pelo apoio na realização da pesquisa de campo, especialmente pelo espaço cedido e pela mediação junto aos participantes.

Aos moradores e moradoras de Viana que aceitaram participar da pesquisa, compartilhando suas memórias, vivências e afetos em torno da rede de dormir, deixo minha profunda gratidão. Seus relatos constituem o coração deste trabalho e reafirmam a importância da escuta sensível como método de pesquisa e como gesto de valorização da cultura local.

À Dona Isauderina, tecelã e guardiã de um saber-fazer ancestral, agradeço de forma especial. Sua história, sua dedicação e sua relação com a rede de dormir atravessam este trabalho como testemunho vivo da arte, da memória e da resistência cultural.

Agradeço à minha família, pelo apoio incondicional, ao meu filho Davi Pinheiro

Pires, a quem a vida me presenteou com a maternidade e o amor eterno, aos meus irmãos amados Antônio Carlos Gomes e José Armando Silva Pinheiro, pela paciência e pelo incentivo constante, especialmente nos momentos de cansaço e incerteza. Suas presenças tornaram possível a continuidade deste percurso.

Aos amigos e amigas que estiveram por perto, especialmente Cássia Pires, por sempre me levar para a arte e caminho acadêmico, oferecendo palavras de incentivo, escuta e afeto, meu agradecimento sincero. Aos amigos que o Mestrado me ajudou a construir. Cada gesto de apoio foi essencial para que este caminho fosse percorrido com coragem e sensibilidade.

Por fim, e como uma prece por tudo, agradeço a Deus, por permitir mesmo enfrentando resistências e dores, vencer cada dificuldade, e chegar até aqui. A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. Que este trabalho seja também um gesto de reconhecimento à rede de dormir, objeto, artefato e testemunho vivo, e às pessoas que, ao longo do tempo, a mantiveram presente no cotidiano, na memória e na cultura.

*Onde se estende uma rede, a memória encontra abrigo,
É arte manifestada nas coisas sobre a vida!
(A autora)*

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar o artefato rede de dormir enquanto documento histórico-cultural da cidade de Viana/MA. A metodologia aplicada é a pesquisa documental. A coleta de dados foi realizada a partir de livros, revistas científicas, artigos, nas bases de dados on-line como SciELO ou Google Acadêmico. Quanto aos procedimentos e técnicas utilizadas, esta pesquisa, pressupõe um caráter bibliográfico, documental e qualitativo. Realizou-se trabalho de campo com observação participante, conversas informais com jovens e adultos membros da Academia Vianense de Letras (AVL) e Academia Vianense Letras Juvenil (AVLJ) por entender que essas pessoas compõem a população vianense nas diversas classes sociais, diferentes graus educacionais e faixa etária. Apresento alguns dados históricos sobre os registros das redes através de escritos de escritães, viajantes, artistas, e trabalhos como os do etnógrafo Câmara Cascudo (2003), em que parte deste trabalho ganhou sua fundamentação teórica. A dissertação está estruturada em três capítulos: o primeiro apresenta o estado da arte sobre a rede de dormir; o segundo busca identificar os significados históricos, de memórias, culturais e simbólicos da rede de dormir na sociedade brasileira; e o terceiro irá analisar o significado da rede de dormir para moradores da cidade de Viana, jovens e adultos a partir do trabalho de campo. Quanto aos resultados da pesquisa de campo, a coleta de dados aponta que a rede de dormir na cidade de Viana, para os participantes, está associada à hora do descanso, seja em espaços abertos ou fechados, nas varandas ou nos quartos. Ligadas à memória de parentes ou à infância, às brincadeiras, aos pensamentos em movimento, ao abraço e descanso da mente. Reportaram que o vai-e-vem na rede ameniza o calor, mas que o fato de possuírem redes de dormir não é determinante para dormirem nelas. Observou-se, que ao responderem ao questionário, pouco sabiam sobre a existência de alguma história sobre a rede de dormir e, afirmaram ainda, desconhecer a história da rede de dormir ligada a algum acontecimento histórico. Associaram a rede de dormir como um lugar para as visitas e o lugar do sono para os idosos, podendo servir como brinquedo para as crianças, portanto um lugar democrático, interdisciplinar na medida em que servindo ao uso cotidiano do descanso, proporciona lazer. Uma lacuna, no entanto, se apresentou, pois a rede tem sua vida marcada pelos acontecimentos da própria existência das pessoas, portanto contém nela a história da vida das pessoas do lugar, e a vida daqueles que por ela foram encantados. Apesar da indústria crescente apresentar uma larga produção das redes, ainda permanece o ato artesanal resistindo em Viana pelas mãos da redeira Dona Isauderina, que segura de seu ofício, tem na rede de dormir seu sustento e manutenção da tradição da tecelagem das redes em Viana.

Palavras-chave: Rede, Memória, Arte, interdisciplinar, Viana/MA.

ABSTRACT

This research seeks to explore the hammock as a historical and cultural artifact in the city of Viana, Maranhão. Rooted in documentary methodology, the study draws from bibliographic and qualitative approaches, analyzing texts from books, scholarly journals, and databases such as SciELO and Google Scholar. Fieldwork was conducted through participant observation and informal conversations with members of the Viana Academy of Letters (AVL) and its youth division (AVLJ), embracing the diversity of Viana's people across generations, educational levels, and social classes. The work is anchored in historical records from scribes, travelers, and artists, as well as in the ethnographic writings of Câmara Cascudo (2003), which provide part of its theoretical foundation. Structured in three chapters, the first offers a review of literature on the hammock; the second investigates its historical, mnemonic, cultural, and symbolic meanings in Brazilian society; and the third delves into the perceptions of Viana's residents, both young and old, shaped by their lived experiences. Field data reveals that, in Viana, the hammock is entwined with the rhythms of rest—whether strung in open verandas or closed rooms—and evokes memories of kin, childhood, play, drifting thoughts, and mental stillness. Its gentle sway soothes the heat, yet its presence in a home does not guarantee its nightly use. Many participants were unaware of any specific historical narrative tied to the hammock, though they recognized its roles: a seat for visitors, a bed for elders, a cradle of play for children—a democratic, multidisciplinary space where leisure and rest intertwine. Yet a silence lingers: the hammock bears the imprints of personal histories, embodying lives lived and dreams cradled. Amidst the rise of industrial production, the artisanal craft endures through the hands of Dona Isauderina, a weaver who sustains both her livelihood and the ancestral art of hammock-making in Viana. Through it, the thread of tradition remains unbroken.

Keywords: Rede, Art, Indígenas, Memory, Interdisciplinary, Viana-MA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exposição Tecer de Varandas.....	12
Figura 2	Obra Cicatrizes de Varandas.....	14
Figura 3	XIII Trienal de Milão-Vista do pavilhão Brasil -Riposatevi, 1964. Lúcio Costa.....	21
Figura 4	Igreja da Matriz – Paróquia e Catedral de Nossa Senhora da Conceição – Viana/MA.....	25
Figura 5	Mapa da cidade de Viana. Fonte IBGE. 2024.....	26
Figura 6	Sede da Academia Vianense de Letras (AVL) – Viana/MA.....	33
Figura 7	Maca, cena interior de navio da Marinha do Brasil, 2018, RJ. Foto autoral.....	46
Figura 8	Xilogravura - Figure des Brisilians 1550. (Fonte: internet).....	66
Figura 9	Mapa Portulano (carta náutica 1551), Guillaume Le Testú.....	67
Figura 10	Cosmografia Universal – As singularidades da França Antártica – 1557, Andre Thevet.....	68
Figura 11	Duas Viagens ao Brasil – rede de dormir – 1557. Hans Staden.....	69
Figura 12	História de uma Viagem feita à Terra do Brasil, 1578. Jean de Léry.....	71
Figura 13	Sábio Trabalhando em seu Gabinete, aquarela, 1827- Jean Baptiste Debret....	73
Figura 14	Rede de dormir Guajajara.....	84
Figura 15	Arquitetura, sobrado amarelo. Foto autoral.....	85
Figuras 16 e 17	Povoado Nazaré.....	87
Figuras 18 e 19	Guaratuba, Beira da Baixa, Viana. Foto autoral.....	87
Figura 20	Fotografia da casa do Guaratuba.....	88
Figura 21	Aquarela – casa do Guaratuba, 2022. Susana Pinheiro.....	88
Figura 22	Dona Isauderina mostrando a rede de dormir tecida em fios de algodão.....	94
Figuras 23 e 24	Dona Isauderina Mafra, 2024: Foto autoral.....	96
Figura 25	O tear de Dona Isauderina.....	98
Figura 26	Gráfico sobre a utilidade da rede de dormir para o vianense.....	100
Figura 27	Gráfico sobre os hábitos de dormir em camas, redes ou ambas.....	103
Figura 28	Gráfico do conhecimento sobre a origem das redes de dormir em Viana/MA.....	104
Figura 29	O conhecimento sobre filmes, músicas ou poesias relacionadas à rede de dormir.....	106
Figura 30	Conhecimento sobre pessoas que fazem redes de dormir em Viana.....	107
Figura 31	Tecelagem de Dona Isauderina, artesã vianense.....	112
Figura 32	Madona de Czestochowa – Polônia.....	113

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 Sobre a rede de dormir.....	48
2 A história da rede pelo olhar estrangeiro e outras memórias.....	63
2.1 A rede de dormir para o vianense.....	77
2.2 O povo indígena, a rede de dormir e a cidade.....	79
2.3 Viana – arquitetura e o campo.....	85
2.4 Vianenses – arte e memória na rede de dormir.....	89
3 Considerações finais.....	117
Referências.....	120
Apêndices.....	124
Anexo.....	144

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe analisar o artefato rede de dormir enquanto documento histórico-cultural da cidade de Viana/MA. O estudo sobre a rede de dormir a partir dos seus primeiros registros nas cartas dos escrivães e memorialistas durante as expedições exploratórias no período da invasão, colonização do território que se configurou como Brasil. São apresentados recortes sobre o registro das redes de dormir feitos entre os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, através de escritos documentais e iconografias de escritores e artistas em que as redes são mencionadas nos referidos testemunhos documentais. Esse recorte histórico foi selecionado por conter neles os primeiros registros em documentos em que a rede de dormir foi mencionada.

Parto do princípio de que a rede permite uma técnica de dormir (MAUSS, 1934) uma técnica de descanso, um objeto artístico de design único, que despertou tanto o interesse dos estrangeiros que levaram o objeto além-fronteiras, fazendo inclusive produções literárias de grande repercussão sobre o tema. É um artefato criado pelos povos originários, que o tempo permitiu variações em formas, utilidades, cor e materialidades, mas destaco que no momento, trataremos aqui de algo mais específico, a partir da sua expansão de usos em espaços domésticos da sociedade brasileira, em especial a maranhense.

A presente pesquisa teve início a partir de um conjunto de trabalhos artísticos, em artes visuais, que usava as imagens das varandas com seus fios entrelaçados, das redes de dormir. As imagens das varandas foram impressas nas telas usando o processo de molde, deixando o contorno da figura carimbada na superfície das pinturas. Esse conjunto de telas, motivou a exposição de arte intitulada “Tecer de Varandas”¹ realizada no ano de 2015 na cidade de São Luís, época, entretanto, em que a autora residia no Rio de Janeiro.

A narrativa usada para a temática das pinturas, foi pautada a partir da história das varandas das redes de dormir, movida pela saudade, manifestada pela ausência, presente através de objetos, textos poéticos escritos, e daquilo que guardamos com estima e que nos remete àquele ser de onde emanava o amor, agora perdido. O sentimento de saudade maternal, provocado através das varandas, motivou a tentativa de preservação daquelas imagens, guardando na tela, a lembrança desse afeto, através da materialização em arte das figuras estampadas nas varandas da rede de dormir. A mola propulsora, o desejo de ressignificação, e

¹ Exposição “Tecer de Varandas”, aconteceu no espaço galeria Sesc; link sobre o evento: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/videos-jmtv-1-edicao/video/aberta-exposicao-tecer-de-varandas-da-artista-plastica-susana-pinheiro-4304431.ghtml>

de preservação da memória materna, serviram de ancoradouro para a exposição de artes visuais que usou a rede de dormir e suas varandas de crochê como material, enredo, e memorial, como principal argumento para o desenvolvimento do conjunto da obra.

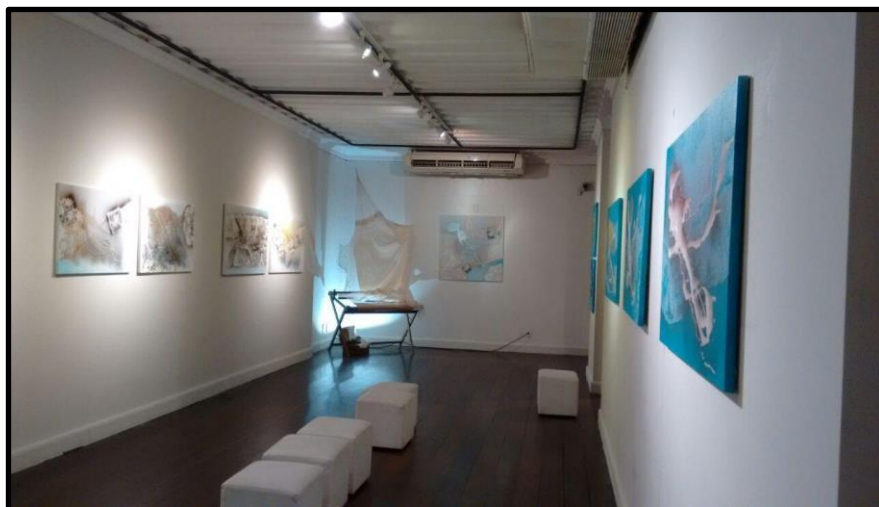


Figura 1 – Exposição Tecer de Varandas – 2015. Galeria de Arte do Sesc/MA (foto autoral).

Breve histórico

Ao revisitar os pertences pessoais da minha mãe, falecida prematuramente no ano de 2003, anos depois, encontrei dentro de um pequeno baú de madeira recoberto de vime trançado, coisas que despertaram minha atenção. Eram tecelagens feitas à mão, varandas de redes feitas em fios de algodão para que fossem adicionadas à alguma rede de dormir, imaginei assim, devido ao formato retangular, franjadas e aos pares. Quando se tece a varanda franjada para uma rede, ela é feita aos pares porque são costuradas de um lado e do outro da rede, causando um prolongamento na largura da rede. As peças do baú, eram compostas aos pares e avulsas, todas em crochê. Eram de tamanhos e formas distintas, sendo uma varanda de um lado só; seis quadrados unidos de dois em dois, e neles, as imagens de beija-flores. Essa peça parecia o início de um cobertor ou uma toalha de mesa, mas incompleto. As coisas dentro do baú estavam ruindo pelo desgaste do tempo, pois estavam ali guardadas por anos, sem uso e se desfazendo na poeira do esquecimento... até aquele dia em que o baú foi aberto. Ao abri-lo, percebi que o que estava ali dentro era algo maior do que peças avulsas de crochê desconectadas, havia em cada peça a força impressa de uma história e muitas memórias.

Aqueles pedaços puídos de varandas instigaram possibilidades para além do que estava ali. Se as varandas permanecessem intocadas, seu destino seria a deterioração devido ao desgaste natural, tensionadas pela ação do tempo, da umidade e dos insetos. O resultado foi que depois de observar aquelas coisas todas, refletindo sobre seu fim, e querendo de algum modo preservar as varandas, lembrei daquilo que os artistas dadaístas faziam com os objetos ao mudar suas funções, para refletir sobre suas existências. A arte dadaísta mudava o objeto, propunha subverter as funções de cada objeto para algo completamente diferente pois, o artista dadaísta questionava a modernidade do século XX. De modo provocativo, a arte dadaísta surgiu como uma contra ordem do que já estava estabelecido, questionando a lógica, a razão e a suposta ordem social do período pós-Primeira Guerra mundial.

Foi por intermédio desse movimento que artistas como Marcel Duchamp propuseram a reflexão da necessidade e utilidade da roda de bicicleta ao colocá-la em cima do assento de um banco em 1913, tornando o banco inadequado para sentar e a roda da bicicleta fora do esquadro do veículo. Claro que o movimento dadaísta tinha a finalidade mais diretamente voltada às manifestações artísticas de cunho político, que modificava o objeto para repensar sua utilidade, questionando o consumismo e não a sua utilidade cotidiana para que haviam sido criados. Ao subverter o objeto, através do *handmade*, do feito à mão, o movimento questionava os valores culturais, se contrapondo a produção em série, a industrialização que desprezava o fazer manual. De certo modo, ao retirar as varandas das redes do baú e inseri-las nas pinturas, fiz algo ao modo dos dadaístas, obviamente num contexto diferente, mas permitindo outras formas de existência àquelas varandas, imprimindo suas tramas e imagens na pintura em tela.

A situação das varandas me levou a outra reflexão: elas trouxeram à tona recordações de uma leitura feita, ainda na especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, em 2008, nas aulas de Filosofia, ministradas na época pelo Dr. Tomaz Brum, que apresentou o texto, traduzido do alemão para a língua portuguesa “A Ruína”, do filósofo e sociólogo Simmel (2019). O texto, escrito como parte de um discurso, chama a atenção ao usar como exemplo um prédio abandonado, o estado de ruína, destacando aspectos como o processo de transformação que acontece com aquilo que, anteriormente construído pelo ser humano, em desuso e esquecimento, entra no estado de ruína. O prédio construído, passados anos sem receber a manutenção e reparos necessários, inicia o seu estado de declínio, e nele, a ação da natureza a seu favor, tomando para si as formas da construção, permitindo que nela nasça uma nova

natureza, assim, novas formas, dentro das fendas e rachaduras em ruína passavam a existir, a natureza verde brotando entre as fendas das paredes do prédio. Há beleza no verde que brota das paredes em ruínas, o contraste entre a pedra e planta nascendo, permite algo novo, uma nova existência. Nessa condição, a natureza abre caminho, tomando de volta, o que um dia lhe pertencera. A varanda puída dentro daquele baú, servia também como a representação de que falava o filósofo, daquilo que ele havia escrito sobre o processo de ruína. Mas ao invés de deixar, não queria que a varanda de crochê cedesse às forças da natureza citadas por Simmel, não era aquela beleza do retorno do qual ele mencionava que eu queria, nem que voltassem a ser fios soltos de algodão. Desse modo, interferindo sobre elas, modifiquei seu percurso e destino, então elas passaram a compor as pinturas que contam histórias através de formas orgânicas, fazendo parte dos contrastes de luz e sombra, dos efeitos de relevos e das cores.



Figura 2 – Obra: Cicatrizes de Varandas – 2015. Galeria de Arte do Sesc/MA (foto autoral).

A partir da reflexão sobre as varandas no baú, sobre os dadaístas e Georg Simmel, a exposição de pintura ganhou uma narrativa com mais argumentos, mais propriedade que a ideia inicial, a saudade, temática que circundava as varandas. Como a própria a rede de dormir que se desdobra em possibilidades e origina outros usos, pintar as varandas das redes, oportunizou estudos sobre a história das redes de dormir, buscando não apenas acentuar o trabalho individual de uma artista e suas varandas, mas em pesquisar o contexto envolvente das redes e ganhar força para desenvolver outros olhares, e de forma interdisciplinar traçando diálogos que pudessem gerar outras ligações com as varandas, com as redes e outras perspectivas, levando em consideração as relações humanas estabelecidas com as redes e a

partir delas.

Historicamente sabemos que a rede serve para muitas finalidades, além de possuir o design sofisticado que facilita tanto o armazenamento nos mais diversos locais, como seu transporte, permitindo que seja, inclusive, levada como bagagem de mão, durante os traslados mais breves e nos mais longos, transitando por qualquer lugar de forma leve e fácil. É como se a rede pertencesse como o que constitui o cotidiano do povo brasileiro, estando presente em muitos espaços de forma natural, como se já estivesse ali, desde sempre, o que de fato o é, levando em conta nossa ancestralidade indígena. Está em todo lugar, como nas casas das pessoas, hotéis, casas de repouso, veraneio, pousadas, restaurantes, expostas em lojas, shoppings e até em algumas escolas para o descanso dos pequenos, depois do almoço. Faz parte do cotidiano de várias etnias, e permanece notícia desde o momento em que os povos originários tiveram seus objetos conhecidos por outros povos estrangeiros, desde a colonização. A rede de dormir é fruto dos saberes dos povos indígenas e esse, entre outros conhecimentos, é repassado por muitas gerações, tornando-os representantes de uma identidade. Tão presentes no cotidiano popular que são vistas com frequência nos trabalhos dos mais diversos gêneros, servindo como protagonistas ou como coadjuvantes em alguma história. Câmara Cascudo, a título de exímio exemplo, em sua obra a “Rede de Dormir – Uma Pesquisa Etnográfica”, com reedição em 2003, traz uma nota, em que o viajante alemão, Joan Nieuhof, participante nas invasões holandesas ao Brasil, escreveu baseado no que, outro viajante, chamado Jorge Marcgrav, estudioso matemático e naturalista alemão, um dos responsáveis pelas primeiras publicações científicas e atividades astronômicas no Brasil em 1640, escreveu na época. Nessa nota que Cascudo escreveu, Nieuhof, segundo Marcgrav, pontuava que os brasileiros não possuíam grandes utensílios domésticos, mas que tinham em suas casas o maior cuidado com a INI, as redes de dormir, denominada assim por eles, de acordo com o que Nieuhof escreveu. Acrescentou ainda, que as levavam para onde quer que fossem, muitas vezes carregadas nas costas.

O trabalho que aqui vos apresento, esta pesquisa, levantou esforços no sentido de despertar a consciência da existência da rede de dormir, que pudesse lançar o olhar apurado para reconhecer seus valores, identificar as limitações sobre a ideia de rede de dormir, como algo menor, e promover uma oportunidade de diálogo sobre a rede, um posicionamento mais crítico e mais aberto também. Quem nos traz esse olhar lançado, não especificamente sobre a rede de dormir, mas incluindo-a em seus estudos, é Berta Ribeiro (2014), que conduziu intensos trabalhos e pesquisas sobre a cultura dos povos indígenas. Em “A Cultura Indígena no Brasil Moderno” (p. 142), há uma observação sobre a rede de dormir em que ela afirma: “É um invento

admirável, que satisfaz as condições de existência das comunidades que a utilizam, por seu valor prático e estético” (RIBEIRO, 2014, p. 142). Berta, assim como Marcgrave, dadas as devidas diferenças, é claro, pois Berta pesquisou profundamente a cultura dos povos ancestrais do Brasil, o que Marcgrave não fez, mas ambos destacaram sob suas perspectivas, as práticas do uso das redes. Observar o cotidiano das comunidades indígenas, como Berta Ribeiro fez, evidencia também que a rede está presente em diversos contextos e seu uso se aplica a múltiplas finalidades.

A rede de dormir nesse sentido, percorre a dimensão interdisciplinar, pois seu uso ganha amplitude nas sociedades, articulando as várias áreas do conhecimento como as Artes, a Antropologia e a Etnologia, se fazendo necessário refletir sobre as questões que estabelecem pontes ou rupturas. Pensando nisso, parto de simples questionamentos, que ajudaram a construir o caminho para pensar a rede de dormir, como: A exposição Tecer de Varandas, influenciou a pesquisa sobre as redes de dormir. Esse assunto pode ser algo relevante no contexto da cultura maranhense? O que se sabe e o que se conta sobre as redes de dormir, que está presente nas casas das pessoas? De que maneira este trabalho pode contribuir positivamente para a sociedade?

Refletir sobre as questões anteriores me levou a lembranças lá atrás, a lembrar daquilo que me contavam sobre a rede de dormir no ambiente familiar. Fui transportada às memórias que preservei, muito mais pelo que vivi do que por aquilo dito, por exemplo, na casa de minha vó, onde eu julgava, ocorriam grandes acontecimentos na minha visão da infância. Lá as conversas eram com adultos, as crianças ficavam ali por perto, brincando no chão e escutando o que era dito pelos outros. Ao relembrarmos e compartilharmos com outras pessoas aspectos do nosso cotidiano, experiências vividas e acontecimentos, promovemos uma reatualização dessas lembranças – é nesse movimento que a memória se constrói e se perpetua. Contudo, essas memórias permanecem vivas, se forem constantemente evocadas, narradas ou transmitidas, como prática constante. E nesse processo é comum acontecerem pequenas flutuações de fatos que podem ser esquecidos ou intensificados. A memória, no âmbito de seu processo de elaboração, foi estudada por Michael Pollak, austríaco de Viena, nascido em 1948 e radicado em Paris, onde faleceu em 1992. Em “Memória e Identidade Social” (1987), o autor chama a atenção para várias questões referentes à memória conectando-a a ideia de identidade. Seus estudos refletem forte influência dos pensamentos de Maurice Halbacks (1950), principal incentivador dos estudos relativos à memória nas áreas das ciências sociais, antes estudadas pela psicologia e filosofia. Considerava a memória um fenômeno coletivo e social, e que a

memória é um processo de reconstrução. Pode-se entender como memória coletiva tudo aquilo que é selecionado e compartilhado como memória comum de uma sociedade, entretanto, nem sempre justa com todos os que dela fazem parte, onde as narrativas vão mudando conforme os grupos sociais. No caso do Brasil, poderíamos nos questionar sobre o que é lembrado pela memória coletiva brasileira. O patrimônio Histórico Cultural do Brasil, por exemplo, formado por tudo o que foi reconhecido como importante para a memória e a identidade da sociedade, considera os monumentos, as obras de arte e os edifícios como integrantes do patrimônio material. Os costumes, a maneira de preparar alimentos, as festas populares, a música, como patrimônio imaterial. Todo esse conjunto faz parte da memória coletiva da sociedade. Todavia, muitas memórias coletivas ainda precisam ser reconhecidas e inseridas dentro do contexto desse patrimônio cultural, formado por um povo de muitas raças como o do Brasil.

Antes de pensarmos em patrimônio, no entanto, precisamos considerar a memória como algo que acontece antecedendo a essa questão do patrimônio. Pollak (1989), em sua pesquisa sobre a memória, aborda entre outras questões, as entrevistas realizadas com mulheres que estiveram em campos de concentração, demonstrando o resultado dessas experiências concentracionárias. Observa em suas narrativas o ponto de vista dos excluídos e das minorias, e desenvolveu o que chamou de memória subterrânea, trazendo a questão dos silêncios e dos testemunhos. Considerou a existência de três critérios importantes na formação da memória. Eles seriam os responsáveis pela formação e constituição da memória, por isso nominou esses critérios de elementos constitutivos da memória. Os elementos constitutivos da memória foram pensados obedecendo a uma ordenação configurada assim: primeiro existem os acontecimentos, que podem ser vivenciados direta ou indiretamente; as pessoas ou personagens envolvidos nos acontecimentos; e finalmente, os lugares nos quais esses fatos ocorrem. Os elementos se relacionam e são responsáveis pela existência da memória, mas como nem tudo se fixa na memória individual, o estudo dos acontecimentos e da cultura de um povo, bem como tudo o que é partilhado e o registro dessas experiências, tornam possível a ampliação e a conservação da memória individual e coletiva, apesar de seu caráter dinâmico e mutável.

A memória para Pollak, é um elemento que constitui o sentimento de identidade, tanto individual como a coletiva, permitindo o sentimento de continuidade, de pertencimento. A arte nesse contexto, como elemento da criação humana, funciona como motor propulsor desse sentimento manifestada através da produção artística que um povo traz consigo, gerando o sentimento de pertencimento, à medida que esses saberes são transmitidos às gerações futuras, e assim, o sentimento de continuidade. Colocar, nesse cenário, a rede de dormir que se configura

como objeto artístico, objeto presente nos lares brasileiros e, essencialmente, uma criação dos povos originários do Brasil, é um exemplo contundente de que através da criação e manutenção desse fazer cultural, a memória e a identidade permanecem vivas, ainda que tenham sofrido mudanças através das gerações e das tecnologias. A obra de Pollak, “Memória e Identidade”, apresentada originalmente em 1987, durante uma palestra, trata da complexa inter-relação entre a memória e a identidade, tornando evidente que a memória não é apenas um fenômeno individual, mas social e coletivo na mesma medida. O autor afirma que a memória é um processo construído, que envolve tanto elementos conscientes quanto inconscientes, é fundamental para a formação do sentimento de identidade, seja individual ou coletivo.

A partir de abordagens como as de Pollak, e de outros escritores, que tratam da memória, da história social e cultural, esta pesquisa vem propor uma análise que busca contextualizar o cotidiano das redes de dormir e seus significados dentro das relações que a circundam, que não se encerram neste trabalho, mas contribuem para ampliar possibilidades investigativas. Investiga para conhecer narrativas que transitam pelas vias das redes de dormir, direta ou indiretamente, através de escritores e artistas pesquisadores do assunto e dos seus desdobramentos com as redes de dormir, manifestadas diversas, tanto em documentos quanto em obras de artes pelo mundo.

As redes de dormir aparecem, por exemplo, ilustradas em mapas europeus, mostrando o cotidiano dos povos indígenas em meio ao uso das redes em seu cotidiano. No mapa Portulano de Guillaume Le Testu, de 1555, um desenho aparece em destaque representando de modo figurativo a rede de dormir feita segundo o olhar estrangeiro. Outro testemunho desses registros, aconteceu quando o corsário alemão Hans Staden esteve no Brasil no ano de 1547 e posteriormente no ano de 1549, que capturado pelos Tupinambás, precisou conviver com o povo indígena participando de seus costumes e ritos. Fato que o viajante registrou anos depois ao retornar à Europa, publicando dois volumes escritos e ilustrados sobre sua experiência no Brasil, que recebeu o título de “Duas Viagens ao Brasil” (1555), e que originalmente teve o título de “História Verdica e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América”. Assim, a obra de Hans descreveu suas impressões sobre a cultura dos povos do Brasil, que para ele causava muitas vezes uma mistura espantosa de medo, horror, admiração e surpresa. Em parte do relato em sua obra, Hans demonstrou o modo de dormir dos Tupinambás, apontou que dormiam em posições que lhes permitiam estar atentos ao ambiente, o que parecia ser algo muito importante e levado a sério, pois permitia um estado de vigília garantindo a sua segurança e convivência

social.

Nesse volume Hans Staden (1555) conta sua versão dos fatos, não aquela versão de quem teve seu mundo invadido, mas do estrangeiro com uma visão diferente, modos e costumes outros. Costumes comuns aos povos indígenas, seus hábitos eram naturais em seu meio, os do corsário alemão parecia-lhes de igual modo estranho. Em seus relatos, Hans (1555) escreve que foi obrigado a dormir em uma rede suspensa e atada, longe do chão, perto de uma fogueira. Seu relato é acompanhado de uma ilustração em que figura uma rede e uma fogueira.

Parecia-lhes, no entanto, que não era prudente ficar na ilha durante a noite, e se embarcaram de novo, para ir à terra firme, onde estavam umas cabanas que antes tinham levantado. Quando chegamos, era alta noite. Acenderam então fogueiras e conduziram-me para lá. Aí tive de dormir numa rede que na língua deles se chama inni e é a cama deles, que amarram a dois paus acima do chão, ou, quando estão no mato, a duas árvores (STADEN, 2014, p. 95).

Sob o prisma dos relatos experimentais com os hábitos dos povos indígenas, artistas como o pintor francês Jean-Baptiste Debret, representaram em seus trabalhos a rede de dormir em várias técnicas de uso. Ao mesmo tempo tais artistas fizeram uso das redes e configuraram assim, certa familiarização com o modo peculiar de dormir. Ao pintar a rede, Debret deixou registros que dialogam com a historicidade das redes de dormir daquele período, do passado, mostrando a rede presente em vários contextos sociais. O próprio artista, em seu gabinete de pintura, realizava estudos, esboços e elaborava seus escritos, sentado na rede de dormir. Esta cena está registrada em uma de suas pinturas quando usava a técnica da aquarela, muito popular na época entre os artistas navegadores pela facilidade de armazenamento e transporte, uma vez que as tintas podiam ser guardadas em pequenos vasilhames e dependiam apenas de água para seu manuseio. Pode-se observar como a rede de dormir pintada por Debret marca sua força como uma coisa que serve para a vida das pessoas, manifestando-se em momentos diversos da história. Tanto aos que aqui aportaram em suas naus imbuídos nas mais diversas situações e missões, quanto naqueles que a criaram e mais, na formação do povo que se configurou como brasileiro, influenciados que foram pelos povos ancestrais que já a utilizavam, desde a era em que eles residiam livres e cuidavam das suas terras.

A rede se entrelaça à história do processo de violência de construção do estado-nação Brasil através da guerra contra os povos indígenas do Brasil. Fato de extrema relevância, cabível de diálogos, mas que não caberá desenvolver aqui, pois o foco é desenvolver a rede como objeto artístico e histórico.

A diversidade de hábitos, práticas, gastronomia e tantos outros elementos

permaneceram na sociedade brasileira, herdados dos povos indígenas, como, em especial, o costume de dormir na rede. Nesse contexto, a rede de dormir permanece fonte de pesquisa e produção de conhecimento, uma vez que permite um vasto campo de desdobramentos. Por conseguinte, esta pesquisa aponta fatos históricos que marcaram os primeiros registros escritos sobre a rede de dormir, em períodos próximos e um pouco mais distantes, mostrando que ao longo do tempo a rede de dormir se manteve um objeto imagético, ou seja, como um objeto que pode ser compreendido ou representado através de imagens, como nos mapas cartográficos ou nas pinturas que apresentavam as cenas relativas ao Brasil e seus habitantes.

Assim como no passado, as redes de dormir ficaram impressas nas imagens ou nos documentos, no presente elas também margeiam muitas linguagens, e habitam as lembranças e o imaginário do povo brasileiro. Lembrei que a minha infância foi igualmente marcada pela presença das redes de dormir, quando constantemente a casa vivia rodeada por elas quando os parentes vinham doentes do interior e se hospedavam em nossa casa, acolhidos por mamãe, que já sabendo das constantes visitas, instalou estrategicamente escápulas por todas as paredes dos cômodos da casa. O único lugar a escapar ileso, foi o banheiro. Elas estavam em quase todos os lugares por onde eu circulava, mas essencialmente, durante as viagens para a casa dos meus avós maternos que viviam em Viana. Era comum todas as pessoas, mesmo aquelas que iam de São Luís para o campo, dormirem nas redes disponibilizadas por vovó em sua casa, o que deixava o grande salão da sala de sua casa, repleto de redes enfileiradas ou cruzadas, atadas como se estivessem expostas numa instalação artística. Imagem que me remeteu anos depois na faculdade, estudando sobre as redes, a uma exposição que o artista Lúcio Costa realizou em 1964 no Trienal de Milão, o salão mundial de arte em que foi montado no pavilhão do Brasil, a instalação artística que era composta por várias redes atadas, ladeadas por uma grande composição de fotos de personalidades importantes dos povos indígenas.



Figura 3 – XIII Trienal de Milão – Vista do pavilhão Brasil – Riposatevi, 1964. Lúcio Costa

A proposta idealizada por Lúcio Costa permitiu ampliar a rede como elemento cultural, identitário e político, marcando a presença do artista e do país na mostra internacional de modo provocativo e até controverso. O Salão de Milão naquela época tinha como tema a inovação no mobiliário e o design arrojado, ao dinamismo europeu e urbanidade. Com o título do trabalho Riposatevi, termo italiano, traduzido como um convite ao descanso, repouso e pausa, uma contraposição ao aceleração dos acontecimentos da vida urbana da época. A exposição mostrava as redes com varandas curtas, todas do mesmo modelo, mas com cores distintas, atadas de um lado ao outro, suspensas, enquanto imagens gigantescas eram projetadas na parte superior das paredes causando uma experiência sensorial e espacial. Insere a rede num contexto de reflexão e envolvimento com o espectador como elemento que interage e faz parte da própria intervenção artística, rompe a fronteira do observador e se apresenta leve, fluída e pronta para inquietar, na mesma medida que convida para a quietude.

A Raposatevi, me trouxe de volta aos acontecimentos sobre a rede dentro de outro cenário, dessa vez na cidade de Viana, no Estado do Maranhão, cuja fundação se deu a partir do território Maracu, povoado pelo povo Tenetehara/Guajajara², conduzidos àquela localidade pelos padres jesuítas para que pudessem habitar naquelas terras. As boas condições de sobrevivência na terra fizeram com que a missão jesuítica retornasse ao povoamento e lá se estabelecesse, dando início à Vila de Nossa Senhora da Conceição de Maracu. A migração forçada dos Tenetehara-Guajajara para a ilha e lago de Maracu, região onde hoje se localiza o município de Viana, no Maranhão, está inserida no conjunto de políticas coloniais de

² Tenetehara/Guajajara – Os povos Guajajara ou Tenetehára são considerados como os povos mais numerosos do Brasil. Acesso em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>

concentração e catequese promovidas pela Coroa portuguesa a partir do final do século XVII. A fundação da Missão de Nossa Senhora da Conceição de Maracu, entre 1680 e 1683, marca o início de um processo sistemático de deslocamento e reorganização territorial das populações indígenas do vale do Pindaré e do Mearim, conduzido principalmente pelos jesuítas. De acordo com registros históricos locais, a missão tornou-se o núcleo original da futura vila de Viana, revelando a sobreposição entre o projeto evangelizador e a expansão colonial no Maranhão (CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA, 2023; CIMI, 2004).

Os Tenetehara-Guajajara, tradicionalmente habitantes das florestas situadas entre os rios Pindaré, Zutiwa, Gurupi e Mearim, foram um dos povos mais afetados pela política de aldeamentos missionários. Esses empreendimentos que deveriam ser voltados à “proteção” e “civilização” indígena, acabaram cumprindo duplo papel, um de evitar a escravização direta e o outro de subordinar economicamente as populações nativas ao sistema colonial. Em Maracu, os Guajajara foram reunidos sob o acompanhamento direto dos padres, devendo aprender a doutrina católica, adotar novos hábitos de trabalho e contribuir para a produção agrícola das missões (GOMES, 1977, p. 42; MELATTI, 1993, p. 57). O aldeamento, portanto, não representou apenas um deslocamento físico, mas também uma reconfiguração social e simbólica, implicando rupturas nos modos de vida tradicionais e na relação com o território.

Mércio Pereira Gomes (1977, p. 63) observou o processo de missionização dos Tenetehara e constatou as profundas marcas causadas por tensões e negociações constantes. A concentração em Maracu possibilitou certa proteção diante das violências coloniais, mas instaurou uma forma de dependência que dificultava a autonomia do grupo. Muitos Guajarajas resistiram à imposição das normas coloniais fugindo da missão e retornando às matas, enquanto outros adaptaram-se parcialmente às exigências jesuíticas, preservando práticas rituais e redes de parentesco fora do controle direto dos missionários. Essa convivência entre resistência e adaptação caracterizou a experiência histórica dos Tenetehara no período colonial.

O contexto pombalino da época e a expulsão da Companhia de Jesus em 1759 alteraram profundamente a configuração de Maracu. As terras da missão foram secularizadas e a aldeia elevada à condição de vila sob o nome de Viana, integrando-se à estrutura administrativa da Coroa. A desarticulação das missões levou os Guajajara a se dispersarem novamente: parte regressou aos antigos territórios do Pindaré e do Mearim, enquanto outros se deslocaram em direção ao norte, originando o ramo Tenetehara conhecido como Tembé, presente no Pará (CIMI, 2004, p. 58; DUARTE, 2018, p. 12). A transição de aldeamento missionário para vila colonial ilustra o processo de transformação das populações indígenas em

força de trabalho sujeita ao Estado, como parte das reformas pombalinas e da redefinição do papel das ordens religiosas.

Analisando do ponto de vista simbólico, o caso de Maracu evidencia como os aldeamentos funcionaram como espaços de disputa entre memórias coloniais e indígenas. Para os jesuítas, a missão representava um avanço da fé e da “civilização”, para os Guajajara, constituía um espaço ambíguo, de confinamento e também de rearticulação identitária. A memória dessa migração permanece viva em relatos orais, cantos e narrativas tradicionais que mencionam o deslocamento forçado e a convivência com os missionários (DUARTE, 2018, p. 25). Ao mesmo tempo, a presença física do lago e do território de Viana guarda vestígios materiais dessa interação entre o mundo indígena e o colonial (OLIVEIRA, 2015, p. 44).

O processo de deslocamento para Maracu não foi um episódio isolado, mas parte de uma política mais ampla de reordenamento territorial indígena no Maranhão, com aldeamentos similares em Monção, Pindaré-Mirim e Carará. Esses espaços foram, nas palavras de Melatti (1993, p. 59), “verdadeiros laboratórios de integração forçada”, nos quais o Estado colonial ensaiou a transformação de povos autônomos em súditos agrícolas e cristãos. Ainda assim, os Tenetehara mantiveram uma notável capacidade de reorganização cultural, reelaborando práticas, mitos e identidades mesmo diante da dominação externa.

A memória da Missão de Maracu integra a história de resistência dos povos Tenetehara-Guajajara, que continuam reivindicando a demarcação de seus territórios tradicionais e o reconhecimento de sua presença histórica no Maranhão. O estudo desse episódio permite compreender, ao menos em parte, como o espaço missionário condensou, em escala local, os mecanismos coloniais de poder e as estratégias indígenas de sobrevivência, ao revelar, ao mesmo tempo, as violências do processo de colonização e a permanência das identidades que nele resistiram (GOMES, 1977; CIMI, 2004; CRUZ; TERRA, 2024).

A questão que me parece surgir aqui, é a seguinte: por que a Missão de Maracu ou a criação de Viana tem a ver com a pesquisa sobre a rede de dormir? A resposta se seguirá até a última página onde a pesquisa conseguir chegar, então prossigo refletindo sobre Viana. A cidade passa a existir a partir da história da migração do povo Guajajara com a Missão de Maracu, e da configuração desse espaço geográfico; é aí que se cria o ponto de interseção para esta pesquisa. A rede chega até o aldeamento, até a Vila e na sequência até a cidade, e isso por meio da migração, portanto, o campo em potencial para investigar os desdobramentos após a criação da cidade de Viana. Com ares de campo, cidade do interior, tem na produtividade agrícola vasta produção de leite, queijo e carne bovina e suína, além do cultivo de feijão, café

conilon para cultivo familiar mais recentemente, milho e algodão; o comércio desses produtos ainda contribui para a econômica local.

Viana faz parte da pesquisa sobre as redes? E que fez crescer o interesse por essa cidade, afinal redes de dormir existem em outras cidades como Paraíba e Ceará? Sim, Viana constitui cenário principal para minha pesquisa, por ter sido onde primeiramente presenciei a existência da rede de dormir com o maior quantitativo de unidades que marcou minha vida durante os primeiros anos da juventude, e que preenchem a memória das mais estimadas recordações. Além disso, Viana nascendo de uma cultura que usava a rede como principal modo de dormir, observa-se nessas duas situações afastadas largamente pelo tempo, mas unidas pelo berço materno onde viveram os ancestrais vianenses, onde dormi e vivi as primeiras redes.

Viana, a *Princesinha dos Lagos*, é o título carinhosamente dado por seus moradores e cantada em prosa e verso. Em canções, Viana é a “rica pérola engastada nos adornos do Brasil”, estrofe que compõe o hino vianense, do músico Temístocles Lima. A música foi inserida na cultura vianense e cidade virou uma fonte profícua de artistas, berço de músicos, devido a dedicação ao ofício, e criação de uma orquestra sinfônica, e várias bandas de música, compostas de instrumentos dos mais distintos, como o violino, o saxofone, o trompete, o pistão, o piano, a sanfona, a tuba e as flautas, sem mencionar os instrumentos percussivos. Quando Viana foi elevada à condição de cidade, havia uma intensa atividade em desenvolvimento artístico, marcando intelectual e musicalmente, alcançando muitas famílias do final do século XIX. Era comum irmãos de uma mesma família, tocarem mais de um instrumento musical, cultivar o gosto e incentivar o aprendizado musical, passado através das gerações, alcançando dessa maneira pais, filhos, netos, assim, como o ensino do hábito de dormir na rede. Um dos exemplos mais notórios, se refere à família Lima, composta pelo avô Raimundo, o filho Temístocles e o neto Luís. Os três foram excelentes maestros e instrumentistas, destaque para Temístocles Lima, que foi o autor da melodia e da letra do hino vianense. Assim como havia em uma família de muitos irmãos, vários tocando algum instrumento, havia também uma rede para cada membro da família. Lembro que minhas tias, conheciam uma rede ao olhar para ela. Sabiam dizer se era de algodão ou de “pano” como chamavam quando não era tecida com fios de algodão.

Em uma mesma família, ao menos três, de cinco mulheres, sabiam “consertar os punhos de uma rede torta”. Essa expressão era usada quando os fios que sustentavam a rede estavam irregulares, ou seja, uns mais longos e outros mais curtos deixando o corpo da rede torto. Os punhos são os fios torcidos, geralmente de algodão que sustentam as extremidades da

rede, são por eles que as redes ficam estendidas, ou como se costuma dizer, ficam atadas ou ainda armadas. A presença da rede de dormir é uma realidade e forte costume em Viana, e vários podem ser os fatores que colaboraram com tal permanência. Para compreender melhor a rede de dormir, é necessário conhecer o cenário em que se ambienta esse artefato cultural. As coisas existem em determinado lugar porque outras contribuem para tal, por isso, é que se vai conhecer um pouco sobre Viana.

A cidade de Viana é margeada pelo lago de Viana, localizado entre os municípios de Cajari e Viana, na Baixada Maranhense, a 110 km de São Luís. Sua geografia tem um recorte sutil, com a presença de mangues, arbustos e mata de cocais. Como um dos destaques da cena urbana está a igreja da Matriz, localizada no coração da cidade.



Figura 4 – Igreja da Matriz – Paróquia e Catedral de Nossa Senhora da Conceição – Viana/MA.

No mapa a seguir, localizamos pela marcação em destaque na cor vermelha, Viana. Nessa imagem do mapa, se pode observar a localização de Viana, os dados da quantidade de sua população até o ano de 2022 e dados de sua densidade demográfica. Referências adquiridas do site do IBGE do ano de 2024.

Mapa da cidade de Viana

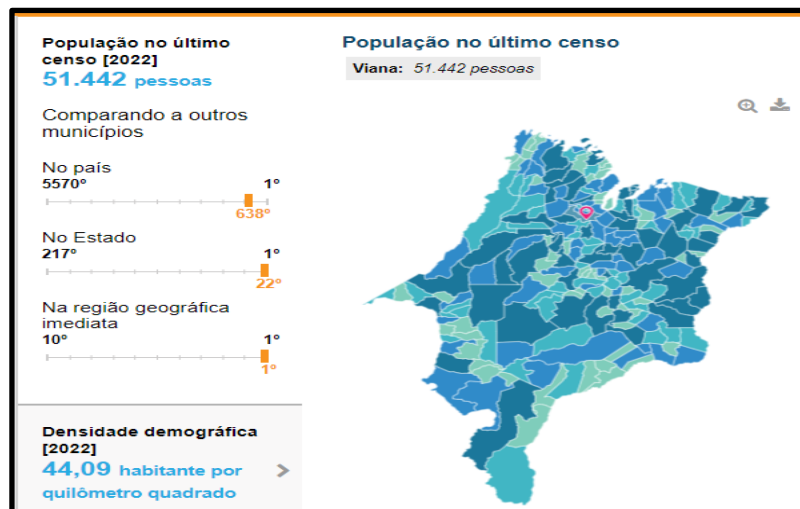


Figura 5 – Mapa da cidade de Viana. Fonte: IBGE, 2024.

A cidade de Viana/MA foi escolhida como campo empírico da pesquisa, por aspectos que ligam meu objeto de pesquisa, a rede, ao lugar citado. Com fortes indícios de manter o hábito de dormir em rede, algo comum entre os habitantes daquele lugar, que contempla o foco de interesse desta pesquisa que trata sobre a rede de dormir. E que propõe pensar a rede de dormir como um documento histórico e cultural da cidade de Viana, a partir dos povos indígenas que passaram o hábito de dormir em redes, para as pessoas que vivem naquele contexto. Uma convocação para refletir sobre as relações sociais e sobre a rede fora do lugar comum. Viana foi escolhida, pois, entre outras coisas, porque o uso das redes é frequentemente praticado em boa parte das residências daquela localidade desde que se deu o início do processo de povoamento da região. Sobre esse quesito, ou seja, o povoamento e início da cidade de Viana, será relatado adiante. Ao chegar em alguma das casas, tanto da cidade como das circunvizinhanças para dormir, o anfitrião prontamente oferece sua melhor rede de dormir como prática de tratar bem o visitante. Esse costume é conhecido entre os moradores da cidade e os que por ela precisam passar.

O hábito de dormir em redes ocorre há séculos, o que pressupõe, um bom objeto de pesquisa para uma experiência de pesquisas de coleta de dados, e estudos sobre a história da rede de dormir, uma questão que passou a surgir quando transitava com as varandas das redes para a exposição de pintura. Cascudo, mencionou que a rede acompanha o Tupi Guarani pelo Brasil, abrangendo regiões da Argentina, Paraguai e Bolívia (Cascudo, 2003, p. 50). Afirma que houve menção à presença das redes de dormir de forma abrangente, fazendo parte do cotidiano diário dessas pessoas. “Os cronistas do Brasil colonial registraram as redes por toda parte da costa e sua penetração diária nos costumes dos colonos brancos herdados pelos

descendentes mamelucos e curibocas” (Cascudo, 2003, p. 50). O autor confirma, ainda, que Von Martius em 1817, notando a forte presença das redes em São Paulo e Minas Gerais, teceu o seguinte comentário: “fortes e caprichosamente feitas com fios de algodão branco e de cor”. Carl Friedrich Phillip Von Martius, médico, antropólogo e botânico, embarcou numa expedição científica ao Brasil, conhecida como Missão Austro-Alemã, que teve como principal objetivo, descrever e catalogar a flora e fauna, resultando na coleta de milhares de espécimes de plantas e animais. A missão proporcionou uma coleção de obras que foram para a Europa. Em língua portuguesa, o título chegou como *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*.

A rede de dormir, originalmente criada pelos povos indígenas, ganhou força de adesão pelo país, e adeptos em diversas regiões. Assim ela também chegou a Viana por intermédio das relações estabelecidas com os povos indígenas, que migraram entre as regiões, e se estabeleceram, mediados pelos jesuítas, na ilha de Maracu, no Maranhão. Esse fato proporcionou a difusão da cultura ancestral, e a transmissão dos saberes para as gerações futuras, desses saberes, o uso das redes de dormir, certamente estão entre os mais impactantes e legítimos.

Desde a infância, quando viajava de São Luís, onde morávamos eu e minha família, para o município de Viana, onde passava minhas férias, percebi que aqueles dois lugares eram povoados por redes de dormir, principalmente Viana. Por lá, todos os lugares por onde se passasse havia uma rede “armada” à espera de quem quisesse, nela, se deitar. Ter uma rede de dormir nas casas dos vianenses, era algo tão natural e esperado que bastava-se chegar a uma casa, na cidade ou no campo, que logo o morador oferecia-lhe ou “atava uma rede” em sinal de boas-vindas. Creio, escrevendo até aqui, que os desdobramentos da Missão de Maracu com o povoado, a cidade, o povo indígena e a presença das redes em Viana, motivou a escolha dessa cidade para investir na pesquisa sobre as redes na contemporaneidade. Refletir sobre essas questões me fez pensar sobre a relação que poderia haver entre os moradores de Viana e a rede. Como o vianense percebe a rede de dormir? O que sabe sobre ela? Outro aspecto que chamou a atenção foi saber, por meio de relato oral, que entre os habitantes da região, dentro das famílias, havia pessoas com habilidades e práticas de fazer redes de dormir. O propósito era servir às necessidades da casa para os próprios familiares, ou em outros casos, para o comércio como meio complementar da renda mensal. O costume de fazer redes de dormir era artesanal, ia desde a coleta do algodão nos algodoais dos campos para fazer os fios com que se teceria a rede nos teares de madeira. As redes prontas serviam aos moradores da própria casa, para visitantes, eram presenteadas aos amigos e parentes, e feitas sob encomenda para a venda

destinada a amigos e frequentadores da cidade, e também das localidades vizinhas.

As famílias, geralmente numerosas, contavam com as mulheres nas atividades tanto da coleta do algodão, feitura do fio e no ato de tecer a rede de dormir, muito embora houvesse o relato da presença masculina nessas tarefas, e que também soubesse fazer a rede ou em alguns casos, apenas “consertar” ou realinhar os punhos das redes quando eles estavam desalinhados, tortos ou partidos. A rede é composta por partes que, juntas, conferem a unidade do artefato, assunto que será tratado no capítulo de descrição e desenho da rede. O ofício de tecer artesanalmente a rede, com fios de algodão, na atualidade parece escasso, ou mesmo raro e encontrar documentos que registram esse ofício apresentou-se grande desafio. Busquei durante as pesquisas para fundamentar este trabalho, algum registro acadêmico ou artigo, sobre as redes de dormir em Viana, mas não havia encontrado nenhum trabalho sobre as redes de dormir ou algo que contasse sua relação com os habitantes da cidade de Viana. Há algumas poucas menções em fragmentos de obras sobre a cidade e uma música cantada por Dilú Melo (“Redinha de Algodão”, de 1952, lançada pela gravadora Continental), artista vianense que teve notoriedade na época.

Teria algum arquivo guardado na biblioteca da cidade ou registro sobre a tradição do uso ou fabrico das redes, uma vez que há anos se sabe e convive com um objeto tão presente nos lares? Este dado, que é mencionado sobre a existência das redes em Viana, advém de experiências vividas, pois, apesar de não morar na cidade, observei e mesmo convivi com familiares que vivem lá. Em férias, ainda criança e depois adolescência e pouco mais adiante, percebia a forte presença da rede de dormir na grande maioria das habitações locais, tanto nas casas de uma arquitetura mais elaborada, revestidas de madeira e cobertas com telhado de cerâmica, quanto nas mais simples, de piso de madeira, revestidas com pindoba das paredes ao teto. Nos campos vianenses, por exemplo, onde passava as férias de janeiro, nos anos 1990, as casas dos meus tios, eram cerca de seis, eram feitas de madeira e pindoba; nelas, dormia-se em redes que ficavam enroladas, penduradas por um dos lados, posicionadas, só esperando a hora de serem atadas. Na infância via aquilo como algo que fazia parte da própria casa e da vida, era como se a rede e a casa existissem uma com a outra; talvez por essa razão, eu mesma naquela época achasse tão natural quanto respirar, ter uma rede em casa, e não pensava de onde teriam surgido aquelas maravilhas. Pode ser que esse pensamento seja o mesmo dos moradores de Viana sobre a rede.

Além disso, o hábito de deitar-se para dormir em redes suspensas, que é uma técnica de dormir dos povos originários que foi transmitida por gerações e mantida pelos não indígenas.

Teria um registro escrito sobre o hábito de dormir na rede? Viana ainda possui mulheres ou agremiações de artesãos de redes de dormir? Como os moradores da cidade de Viana se relacionam com a rede de dormir? Questões sobre esse objeto passaram a fazer parte de meu cotidiano, e agora tudo me lembra rede, dificultando, mas também permitindo construir o caminho da pesquisa. É preciso registrar que a questão maior a resolver, antes de tudo, foi exatamente por onde começar. Qual seria o melhor caminho para se chegar aos vianenses e dar início à minha investigação sobre as suas vidas, rotinas e pensamentos sobre a rede de dormir? Esse era o momento da pesquisa de campo e precisava de uma estratégia.

O ponto de partida para a pesquisa de campo foi o mais difícil de tudo. Havia uma barreira para começar: o acesso aos moradores da cidade, de modo que pudesse chamar a atenção dessas pessoas para colaborar com o trabalho. Mas como realizaria a pesquisa num espaço geográfico distante do meu local de habitação? Segunda dificuldade dessa etapa. A pesquisa de campo precisava acontecer fora do domicílio da pesquisadora, e ainda, quase uma desconhecida. Nesse contexto, como estabelecer uma relação com as pessoas, despertando nelas o interesse em participar da realização do trabalho? Que estratégias usaria para que se sentissem seguras, quando soubessem que haveria um questionário pessoal para preencher? Se por um lado, para o pesquisador, esse aspecto representa ponto positivo, o distanciamento, favorecendo o viés da imparcialidade no tocante ao contexto, por outro lado, tem-se a restrição, tanto ao acesso das informações quanto por parte do público de interesse, o que pode limitar o alcance mais amplo em informações colhidas.

O primeiro obstáculo foi acessar as pessoas, convencê-las a participar da pesquisa e dos questionários ou entrevistas. Cabe aqui uma reflexão: o pesquisador não morador é, muitas vezes, um estranho buscando respostas a questões pertencentes à pesquisa dele, que não faz parte necessariamente, das preocupações diárias das pessoas, nem é assunto de interesse naquele momento da comunidade, significando recusa imediata das pessoas do lugar. Terceiro entrave: houve um caso em que uma pessoa, convidada para participar da pesquisa, perguntou se ganharia algo em troca das respostas dadas. Respondi-lhe que não haveria premiações ou brindes em troca das respostas, a participação deveria ser espontânea e sem fins lucrativos. O cidadão foi afastando-se lentamente até que não o vi mais. Abordar as pessoas não seria um caminho fácil, e ainda precisaria otimizar o tempo, caso contrário não faria a pesquisa dentro do prazo estabelecido pelo programa. Então, o problema a ser resolvido seria encontrar uma maneira de trazer as pessoas para participar da roda de um encontro para a apresentação do trabalho e sobre a aplicação do questionário.

Para acessar as pessoas e estimular a participação foi necessário buscar apoio de quem desenvolvia atividades junto à comunidade, uma instituição que fosse reconhecida por todos. Nessas circunstâncias, busquei por uma instituição para legitimar ainda mais a pesquisa junto ao grupo da comunidade, ou seja, para reforçar a importância da participação das pessoas na pesquisa. Uma referência local que pudesse dar à pesquisa e ao pesquisador, a confiabilidade necessária, confirmando a seriedade do trabalho de campo. Dentre as instituições que foram contatadas todas foram cordiais na escuta, entre elas a diocese de Viana (na ocasião em reparos internos), a Secretaria de Educação de Viana (na ocasião em transição) e a AVL (Academia Vianense de Letras), esta última a que melhor acolheu a proposta, uma vez que havia um prazo restrito para efetuar-la. Assim, a AVL passou a incentivar e apoiar a pesquisa, garantindo a segurança para as pessoas participarem. Fortalecendo ainda mais as ações que realiza regularmente junto à comunidade através de projetos voltados para a educação e desenvolvimento social. O que se confirma com projetos como o concurso de poesias realizado nas escolas municipais para os jovens estudantes do ensino fundamental. A proposta era que quem escrevesse um poema, concorreria a uma vaga para ser novo membro da Academia de Letras Juvenil, que estava sendo criada para aproximar os intelectuais com a comunidade escolar e sociedade em geral. O objetivo era incentivar o estudo, a leitura, valorizar a arte e a cultura para as novas gerações, ao abrir as portas da academia inserindo a juventude, que consigo poderia levar familiares para dentro de um espaço que muitas vezes reflete uma imagem de escudo, de muro, quando deveria ser ponte que liga, aproxima.

Para que tudo fosse feito dentro de forma legal, solicitei à presidente da AVL, em reunião presencial, a permissão por escrito, através de ofício, para que tivesse acesso livre ao espaço da instituição e, em seu nome, convocasse as pessoas a se fazerem presentes para a apresentação do meu projeto, para então iniciar as pesquisas sobre a rede de dormir, com as pessoas que, convidadas, aceitassem participar do encontro e responder ao questionário. Através desse documento, o ofício, as pessoas, se sentiram mais confortáveis para participar, voluntariamente, e a pesquisa seguiu seu caminho com uma reunião e a aplicação do questionário sobre a rede de dormir.

A Academia Vianense de Letras foi, portanto, a ponte de acesso à comunidade vianense, iniciando-se dentro de suas paredes, a realização da pesquisa de campo. A AVL é uma instituição sem fins lucrativos, sediada na cidade de Viana, que incentiva, promove e valoriza a cultura, a literatura e a arte na cidade de Viana, bem como, a dos povoados vizinhos, levando para a academia não só os intelectuais das letras, mas busca integrar a comunidade

reconhecendo talentos e incentivando a produção literária, promovendo ações culturais que incluam fazedores de cultura, como os grupos de dança de São Gonçalo, bumba meu boi, fotógrafos, costureiras dedicadas ao ofício que ganharam destaque, professoras leigas que impactaram a vida vianense com seu exemplo, professoras formadas dedicadas a formar outros conterrâneos, para a difusão ampla do conhecimento, e preservação da arte e da cultura local.

A pesquisa de campo trouxe através do relato oral, transcrevendo narrativas de conhecimentos como meio de trazer a memória e a história cultural dos vianenses. Viana é formada por homens, mulheres, idosos e jovens que nasceram ascendentes, em muitos casos, do povo indígena Guajajara, dos africanos e dos colonizadores europeus, como é a formação do povo do Brasil, com heranças culturais que ainda carecemos conhecer.

A sede da AVL tem o nome “Casa Anica Ramos” em homenagem à professora vianense, que fez do ensino sua profissão de fé, desde o alfabeto até a música e o teatro, fazendo de sua própria casa, a escola e o palco para ensinar a criançada da vizinhança, empregando todo seu conhecimento, escrevendo as peças de teatro, ensaiando com os alunos, costurando o figurino e fazendo o cenário e a iluminação. Anica, como carinhosamente era chamada por seus alunos, não deixou nenhuma fotografia que se tenha notícia para que pudéssemos vê-la, no entanto, seus alunos, muitos dos quais, ainda vivos, integram a AVL, entre eles, o cantor e compositor Rogério Du Maranhão, contam com admiração, o gosto que ela tinha por ensinar. Fisicamente, afirmam que possuía cabelos lisos e pele escura. Indígena? Negra? Não souberam informar com segurança, mas alguns afirmam que era negra. Fica a lacuna e quem sabe estas breves palavras estimulem um trabalho em torno da vida de Anica Ramos, a vianense que contribuiu através de seu amor pelo ser humano, pelo ensino da arte aos jovens vianenses, transformando sua casa em teatro; agindo assim, contribuiu com o desenvolvimento das letras e artes.

Assíduo aluno na infância, Rogério Du Maranhão contou, em conversa informal, que a lista dos alunos da professora Anica Ramos era gigante, e aqueles que tinham vocação, aprendiam a cantar, declamar os versos de poesia, tocar piano e ler partituras. Onde ela aprendera? Em depoimento, Rogério contou ainda que a referida professora escrevia cartas para os grandes teatros do eixo Rio-São Paulo, peças recém-encenadas, solicitando cópias de textos de importantes peças apresentadas nas capitais, para escrever adaptações e encená-las em Viana. Me veio a imagem, quem sabe, da professora sentada escrevendo em sua rede de dormir. Anica dormiria em rede? É difícil responder, mas ela certamente conheceu a rede de dormir, hábito comum entre os vianenses, e como tal, ao menos um cochilo entre uma peça e um ensaio

no piano, ela teria dado em alguma rede. Mas pouco se escreveu até o presente discurso sobre essa nobre figura feminina.

Anica Ramos (1895-1970) participava das atividades nas paróquias de São Benedito e da igreja da Matriz (Jornal Amanhecer Vianense – AVL), era mulher de poucos recursos materiais, entretanto, ajudava aos mais necessitados, arrecadando doações com um grupo de mulheres da Igreja Nossa Senhora da Conceição, para doar aos pobres. Visitava também os encarcerados da cidade, levando itens de higiene, roupas e palavras de alento. Certamente, as ações e lutas que Anica trazia consigo transformou a vida de muitos vianenses, relevante para a história de Viana, mas, volto ao assunto deste trabalho, que é a rede de dormir e nele, nos deteremos, embora Anica, mereça muitas outras narrativas, como memória da história e da cultura da baixada maranhense.

Ainda quero destacar que a AVL, local onde nos reunimos para a aplicação do questionário de pesquisa, tem uma biblioteca com um volume crescente de obras, que são disponibilizadas a toda a comunidade sem distinção, fruto de doações de seus membros e amigos, para apoiar e incentivar nas pessoas o gosto pela pesquisa, pela leitura e escrita, conhecer a arte, com livre acesso para a pesquisa em seu acervo literário, contando com a supervisão e orientação de voluntários, membros da AVL, que ficam à disposição para auxiliar as pessoas que buscam o conhecimento através dos livros na Casa Anica Ramos.

Por falar nisso, e já ia me esquecendo, a Casa Anica Ramos foi construída em um terreno vazio, abandonado e que no passado foi residência e local de trabalho de uma personagem de estimado valor e reconhecimento para os vianenses, Ozimo de Carvalho, farmacêutico e médico na prática de quase todas as famílias na cidade. Da casa de Ozimo, só havia algumas poucas ruínas, e o terreno já pertencia à prefeitura, que através de uma certidão de doação, autorizou a construção do prédio da AVL, como um dos propósitos de urbanizar a cidade.



Figura 6 – Sede da Academia Vianense de Letras (AVL) –Viana/MA (foto autoral).

Distante da capital São Luís cerca de 3h e 57 min, a 216,7 km, pela via BR-135, Viana localiza-se na região da baixada maranhense, e possui um sistema natural com paisagens bem parecidas com os lagos de várzea, como da bacia amazônica. Por ser uma região de alagamentos, o meio de transporte, em boa parte do ano, em época de cheias, provocadas pelas chuvas, são as embarcações, embora haja estrada entre a capital e o município. A região possui aspectos bem característicos. Sobre isso é importante pontuar:

A Baixada Maranhense possui características fisiográficas bem marcadas como terras baixas, planas, inundáveis, caracterizadas por campos, matas de galeria, manguezais e bacias lacustres. O solo é argiloso, pouco consolidado, com grande retenção de água. Nos estuários, os manguezais ocorrem penetrando os igarapés, por entre os campos, até onde existe influência das marés. No período chuvoso, de dezembro a julho, os campos baixos ficam completamente alagados, restando ilhas de terras firmes e áreas de campos em terreno um pouco elevado, chamadas regionalmente de “teso”. Durante as cheias, ocorre o transbordamento dos rios, formando-se numerosos lagos. Os rios da Baixada Maranhense são típicos de planícies, caracterizados por baixo declive nos trechos médio e baixo. A região é drenada pelos rios Mearim, Pindaré, Grajaú, Pericumã e afluentes. Os babaçuais ou cocais são um tipo de ecossistema característico da área³ (SÍTIO RAMSAR APA DAS REENTRÂNCIAS).

Por essa característica peculiar, a predominância de regiões alagadas, era muito comum na década de 1980 a população local utilizar muito mais os meios de transportes marítimos como um dos meios mais viáveis para se chegar até Viana.

³ Planejamento para o Sucesso de Conservação. Convenção de Zonas Úmidas, Sítio Ramsar APA das Reentrâncias Maranhenses - MA. (Ramsar, Irã 1971). Acesso em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/areas-umidas/publicacoes/reentrancia_maranhense.pdf

As embarcações, em sua maioria lanchas de madeira com aberturas laterais e cobertas por um assoalho também de madeira, que era ao mesmo tempo teto e piso, eram movidas a óleo diesel, e faziam ao mesmo tempo, o transporte das cargas, boa parte delas mercadorias de gêneros alimentícios e itens de uso pessoal, que iam para o abastecimento dos mercadinhos da região, as chamadas quitandas ou vendas. Ao mesmo tempo, em que realizavam o traslado de passageiros que iam e vinham de São Luís à Viana ou vice-versa. As viagens aconteciam semanalmente e variavam de acordo com a variação das marés, também costumavam ser disputadas, pois era o meio de transporte que melhor atendia àquela região.

As lanchas saíam do porto de São Luís, localizado às margens do Rio Bacanga, ao anoitecer, passavam a noite inteira em curso, chegando ao seu destino, na Baixada, nas primeiras horas do dia seguinte. Como esses traslados demoravam, os passageiros acabavam adormecendo nas embarcações, devido ao longo tempo em que permaneciam embarcados. Havia muita gente, cada uma, viajando por algum motivo particular. Era comum viajantes que iam passar as férias com familiares ou parentes, comerciantes em viagem para realizar negócios, alguém voltando para casa ou algum profissional indo realizar algum trabalho. Desse modo, a diversidade se apresentava em cada viagem realizada por essas lanchas, que levavam não apenas humanos e suas bagagens, mas também suas histórias e memórias. A lancha sempre parecia estar com sua capacidade máxima de lotação, fosse de São Luís para Viana, ou o contrário, em todas as viagens parecia que a pobre da lancha não daria conta, mas resistia e mantinha os percursos semanais. O que garantia a permanência do tipo de transporte e a quantidade de pessoas circulando entre municípios.

Havia viajantes de todos os tipos, iam sozinhos, ou em casais, ou famílias inteiras, mães com crianças pequenas, avós com netos de colo, jovens, adultos em grupos, casais de idosos e até doentes. Por isso, levavam nas bagagens para deixar a travessia mais leve, as suas redes de dormir e cobertores. Tanto na ida da capital, São Luís, para o interior de Viana, quanto no sentido inverso, as redes estavam lá, servindo a cada necessidade, atadas nos caibros das lanchas. Servia não só para quem queria dormir nelas, mas para quem as levava para poder descansar as pernas, ao pô-las para dentro das redes, ou simplesmente para ficar sentados, conversando uns com os outros, enquanto a embarcação cortava o mar e as pessoas esperavam amanhecer.

Como era grande a quantidade de pessoas, essas redes ficavam atadas umas ao lado das outras, perfilando corredores de redes de dormir, que balançavam junto ao movimento da embarcação impulsionadas pelas ondas das águas, provocadas pelas correntes marítimas e pelo

peso da lancha em movimento. Consigo quase sentir a sensação do balançar da lancha ao lembrar esses episódios, vivenciados na minha infância quando, por diversas vezes, era levada por minha mãe para fazer a travessia de São Luís até a Beira da Baixa, porto mais próximo do povoado onde residiam meus avós. Levando em consideração a presença das redes de dormir nas embarcações durante todo o percurso, até chegar nas imediações de Viana, é possível considerar que a rede de dormir, a forte ligação do hábito de dormir ancestral indígena com história com a própria história que se desenvolveu com os moradores de Viana e circunvizinhança. Pela experiência vivida e pela observação da presença das redes, a baixada maranhense é um bom campo para a realização da pesquisa proposta.

Esta pesquisa busca analisar as relações entre as redes de dormir e os moradores de Viana, na atualidade, considerando os acontecimentos históricos e sociais, que se conectam com o fazer artístico que envolve a tecelagem das redes e seu uso cotidiano. A pesquisa é de natureza aplicada e básica, os conhecimentos adquiridos com o seu desenvolvimento a partir de estudos, reflexões, narrativas e investigações, pode gerar conhecimento que agregue novas informações e consciência, a partir do resultado que ela for apontando, com o auxílio de recursos tecnológicos como uso de notebook, arquivos em media player e fotos, para realizar registros locais sobre a rede e o cotidiano social.

A metodologia aplicada considerou os seguintes procedimentos técnicos: a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética seguindo o rigor e quesitos solicitados a partir do preenchimento dos dados sobre o trabalho, documentações e questionário, depositados em arquivo PDF para a avaliação do referido Comitê. Após a minuciosa avaliação feita pelos pareceristas, o resultado foi favorável à aplicação do questionário, podendo a partir daquela data ser usado para aquisição das respostas. A submissão ao Comitê de Ética foi necessária porque se entendeu a necessidade de incluir pessoas durante o processo de investigação, por isso, inserir o questionário seria uma forma de dialogar com o grupo de moradores de Viana e circunvizinhança, entre eles adultos e jovens que se mostrassem sensíveis ao convite. Como pré-requisito, toda pesquisa de cunho científico que insira em seu trabalho de campo humanos, necessita passar pela avaliação e concessão do Comitê de Ética, que segue regras para assegurar uma conduta confiável naquele procedimento. Sem o parecer favorável, a pesquisa precisa ser modificada para que se adeque ao modelo de segurança e ética, caso contrário, fica impedida de seguir. Neste caso, seguindo todos os requisitos, houve aprovação e pude seguir com o trabalho.

Quanto a técnica, inicialmente utilizou-se o caráter bibliográfico e documental. O

processo metodológico partiu de consultas documentais sobre as redes de dormir, com a seguinte pergunta: se escreveu alguma notícia sobre a rede de dormir no passado, o que foi escrito sobre ela? Neste caso, buscou-se respaldo através de consultas e análises a arquivos virtuais, pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo com aplicação de questionário e entrevista a moradores da cidade. Buscou-se também a participação de jovens estudantes para saber o que pensam sobre a rede. Os encontros foram realizados na sede da Academia Vianense de Letras (AVL), na cidade de Viana. A escolha desse local do encontro com as pessoas que responderam ao questionário, aprovado pelo Comitê, ocorreu sem intercorrências por ser um ponto seguro e conhecido por todos da cidade, de fácil acesso, e ter a pesquisadora, obtido autorização por escrito da presidência da AVL para a realização da pesquisa. O público alvo desta pesquisa foi o morador da cidade de Viana, no Maranhão. Buscava-se alcançar o pessoal que vivia na cidade e adjacências. O meio para chamar participantes foi através de convite anunciado verbalmente, e em meio eletrônico, por e-mail e whatsapp. A proposta foi alcançar jovens entre 14 a 25 anos e adultos, sem limite de idade ou gênero. Também não foi limitado o grau de escolaridade, que se estendeu do Ensino Médio, graduação e pós-graduados. Participaram também pessoas com a escolaridade básica incompleta. As classes sociais participantes da pesquisa envolviam as classes média e baixa.

A pesquisa de campo, ocorrida de janeiro a outubro de 2024, tomou como ação principal, o planejamento e a elaboração de estratégias adequadas para a solução de problemas como o deslocamento, hospedagem e alimentação. Priorizando a melhor localização para facilidade de acesso, levando em consideração o lugar onde residia o público alvo. Para a realização da pesquisa de campo, a pesquisadora precisou se deslocar da capital em direção ao município onde foi aplicado o questionário, gastando em deslocamento, o equivalente a 4h e 38 minutos de tempo, estimados em distância, às vezes um pouco mais, devido à precária conservação das vias de tráfego terrestre. Devido aos buracos na estrada, e a necessidade de redução de velocidade dos veículos, tem-se a impressão de que a distância quase dobra.

Durante o tempo disponibilizado para responder ao questionário, antes de cada voluntário escrever suas respostas, dialogamos sobre a importância das pesquisas para os estudos e novas descobertas, e da importância de se responder com o máximo de responsabilidade. Esclareceu-se, sobretudo, que o pesquisador mediará as ações, mas que o participante, voluntário, teria a liberdade para responder a seu modo cada questão, e que poderia se posicionar a qualquer momento durante a escrita, e até mesmo, depois do término da pesquisa de campo, para fazer algum ajuste ou mesmo mudar alguma resposta, conduta orientada pelo

comitê de ética e lido diante das pessoas que iriam dar suas respostas. Depois de entregue aos participantes o documento de Consentimento Livre e Esclarecido, dadas as explicações e normas de conduta, os direitos e deveres dos participantes nas pesquisas escritas e entrevistas, todos assinaram e devolveram à pesquisadora. Vale lembrar que a leitura foi realizada em voz alta com os participantes, que demonstraram entendimento e concordância com as normas do Consentimento, confirmando com a assinatura ao final. Ao todo, foram distribuídos cerca de 15 questionários para cerca de 15 pessoas que compareceram e se voluntariaram para participar respondendo ao questionário. A título de informação, foram 15 questionários para 15 pessoas, porque somente esse número se apresentou para participar da pesquisa. Um dos participantes confirmou participação, mas pediu para enviar por e-mail o questionário respondido, pois teria que viajar e não daria tempo para concluir as respostas, o que lhe foi concedido, enviando a ele o questionário, que devolveu dias depois.

Explicou-se aos participantes que a pesquisa não oferecia riscos e nenhum tipo de constrangimento, mas caso alguém, se opusesse em responder algum quesito, achando nele risco, tinha o direito de deixar a questão em branco ou escrever que não queria ou não sabia o que responder. É bom reforçar que todos os adultos, depois de lerem, tomaram ciência do que travava a pesquisa, aceitaram participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O processo com os menores, foi igual, mas depois de terem lido, levaram o Termo (TCLE, em anexo) para que seus responsáveis lessem, assinassem e posteriormente devolvessem, garantindo assim a participação dos menores.

Quanto aos resultados, a priori, a perspectiva esperada era que, ao coletar os dados, eles permitissem analisar, a partir do perfil das pessoas e das respostas dadas, aspectos a respeito da rede de dormir dentro do contexto de cada um. A investigação deveria observar os comportamentos e conhecimentos empíricos, e como isso se refletia no cotidiano e as relações estabelecidas a partir da perspectiva da rede.

Em relação a abordagem, a pesquisa foi pensada numa perspectiva qualitativa, pois o objetivo não visava a quantidade, nem estatística numérica, mas uma abordagem qualitativa do assunto, uma visão mais aprofundada entre o grupo social em questão e a relação estabelecida com a rede de dormir. A intenção foi observar não somente as noções sobre a rede de dormir dentro daquele grupo, como também o reflexo desse objeto projetado no cotidiano, nas ações e relações com o externo, o quanto essa inter-relação poderia intervir na vida das pessoas ou ao contrário, não significar absolutamente nada que afetasse suas vidas. No entanto, para executar a metodologia selecionada, foi necessário acionar o grupo para pensar o objeto,

olhar para ele e estabelecer um diálogo considerando o ambiente em que estava inserido. Foi preciso fazer pensar sobre a rede. O que essa rede significava para seu usuário? Ela era a sugestão de algo dentro da rotina? Penso que talvez a tarefa mais árdua seja exatamente essa reflexão sobre a rede, no sentido em que ela está tão profundamente inserida no contexto diário, que as pessoas nem costumam mais olhar para ela, de tão natural parecer pertencer “desde sempre” às histórias e à vida de cada um de nós. O fato de estar tão enraizada na própria casa, ela nem exista de fato como um artefato ou objeto com vida própria. Ainda que entrelaçada à história e à cultura, ligada às pessoas, a rede de dormir, à primeira vista pode parecer algo do qual não se tenha muito o que falar numa roda de conversa, ou numa nota escrita nos jornais, como se não houvesse assunto algum para se tratar sobre a rede. Mas ao contrário, bastou um primeiro acontecimento contado na conversa com o grupo, que todos passaram a pensar, lembrar de acontecimentos e responder ao questionário da pesquisa.

A pesquisa sobre a rede de dormir, então, transitou entre os participantes que responderam ao questionário, e convidá-los a pensar sobre aquele elemento soou como um facilitador para se repensar aquilo que eles viam todos os dias, e perceber o conhecimento individual de cada um, vislumbrando a rede fora do lugar comum do cotidiano, inserida nas diversas possibilidades, nas artes e nas letras, possibilitando um vínculo de proximidade, e distanciamento também, na medida que foram convidados a enxergar aquele objeto.

A parceria entre a pesquisa e a AVL, nesta fase de investigação através do questionário, reforçou o vínculo entre a pesquisa científica, a Academia Vianense de Letras e a comunidade, ampliando ainda mais possibilidades, para que outras pesquisas e a sociedade, vivenciem a experiência dentro desse espaço que muitas vezes é privilégio de poucos, como se configuravam as academias de letras mais antigas do país, o que causava distanciamento da sociedade. Falar sobre a rede de dormir dentro do espaço reservado para a intelectualidade e literatura, é trazer a raiz ancestral que vive em cada um, mas que por repetidas vezes fica no esquecimento. É um intercâmbio entre as perguntas e as respostas, transitando entre o popular e o erudito, o público e o privado, uma interdisciplinaridade que une a pesquisa científica, a academia de letras e a sociedade vianense, sem distinções, abertas à escuta e ao aprendizado. Desse modo, foi possível incentivar e trazer a rede de dormir para o foco do debate, destacando não só a importância de conhecer e reconhecer seus criadores, os povos originários, que estão interligados à tecelagem através da rede de dormir (Ini), da história e representam a memória do povo de Viana, cuja origem, nasceu do aldeamento indígena dos Tenetehar/Guajajara, na Ilha de Maracu.

Prestes a finalizar a pesquisa de campo, fiquei sabendo, depois de tanto buscar,

perguntar para as pessoas que cruzavam meu caminho em Viana, de uma notícia que me animou muito. Que havia uma mulher que ainda trabalhava tecendo redes de dormir, artesanalmente. Foi difícil encontrar seu endereço, pois quem a conhecia, ou não lembrava o endereço, ou, só sabia chegar até a casa dela, indo pessoalmente. Alguns dias tentando descobrir seu endereço, telefonando, enviando e-mails, já cansada, a uma certa altura da madrugada, recebi uma mensagem de uma professora de Viana que sabia onde a senhora morava. E no dia posterior, finalmente me disseram o bairro onde ela morava. Mas não se sabia o número da casa. E agora? Como encontrar alguém apenas pelo nome e bairro? Foi então que me disseram para perguntar no bairro, onde morava a mulher que fazia redes de dormir. A orientação: chegando na Barra do Sol, você pergunta: “Oh, onde mora a dona que faz rede de dormir? Alguém deve de saber”.

E com essa missão, esperei o final de semana seguinte para voltar a Viana e iniciar mais essa busca. Mais de uma hora na garupa da moto da minha prima, o Sol queimando nossas moleiras, até que uma senhora apontou uma pequena casa, a fachada de porta e janela, afirmando que era lá, a casa da redeira. Nos aproximamos, eu me apresentei, ainda duvidando, mas de fato era ali a casa da senhora que eu estava procurando. Me apresentei e pedi para marcarmos uma conversa. Com um riso afetuoso nos olhos, no dia seguinte, Dona Isauderina, me convidou para um café, sentadas na poltrona da sala de sua casa, ao nosso lado, apoiado na parede um grande tear de madeira pesada era a identidade da dona da casa. Ali passamos a conversar, e ela a me mostrar o seu trabalho, falar sobre sua experiência com a rede. A conversa rendeu algumas longas horas, suficientes para dona Isauderina já me vender uma de suas redes de fio de algodão, branco e amarelo, que acabara de fazer. Adianto que não pude não aceitar. Cerca de um mês depois da minha entrevista com Dona Isauderina, soube notícias de que havia outra senhora que também que trabalhou com redes por muitos anos, mas devido à idade avançada havia deixado o ofício. Tentei uma conversa, liguei para diversos números, uma neta, até que familiares me informaram, que ela não recebia mais visitas, nem poderia participar da entrevista devido às limitações do momento. Como não tive autorização, o nome dela não constou no trabalho, mas fica o registro de duas redeiras ainda vivas em Viana, uma delas atuante.

Diante da impossibilidade da segunda entrevista, voltei ao foco do trabalho, que era reunir os dados dos questionários, a entrevista, estudar a rede como artefato, a ideia da rede de dormir enquanto documento histórico-cultural da cidade de Viana/MA. Para ordenar melhor as ideias aqui, gostaria de inserir o conceito do que pode ser considerado um artefato. Artefato é um objeto produzido ou modificado pelo ser humano, agregado a um valor cultural, de cunho

histórico e simbólico, que possui ou não uma funcionalidade. Na antropologia cultural, social e na arqueologia, os artefatos que os artistas criam são essenciais para o estudo das práticas, ideias e modos de vida das sociedades, pois representam de forma concreta, o material cultural dos grupos humanos. O termo tem origem no latim "artefactum", que significa "feito com arte", ressalta a dimensão humana e intencional que permeia a criação ou a modificação dos objetos.

No contexto da cultura material, um objeto transcende sua função utilitária e torna-se um suporte simbólico, portador de significados que se articulam com a identidade e a história dos povos. A rede de dormir, por exemplo, é um objeto cultural originário dos povos indígenas da América do Sul, que se incorporou ao cotidiano de diversas regiões do Brasil. Luís da Câmara Cascudo, em "Rede de dormir – uma pesquisa etnográfica" (2003), destaca a rede como artefato ao declarar que não se trata somente de um objeto para descanso, mas também, de um elemento articulador da sociabilidade, da memória e da tradição familiar. Portanto, podemos considerar a rede de dormir um artefato.

Ao considerar a rede de dormir como artefato cultural, é fundamental recorrer à perspectiva de Franz Boas (2005) sobre o particularismo histórico. Para o autor, cada cultura deve ser compreendida a partir de sua própria trajetória, "as civilizações não são estágios de um único processo, são manifestações de muitas histórias independentes". Nessa mesma perspectiva, a rede não pode ser reduzida a um simples objeto de descanso ou a um "móvel primitivo", mas analisada como produto de um saber técnico e estético que emergiu dos povos indígenas em diálogo direto com o ambiente tropical. A praticidade, leveza, o entrelaçamento das fibras, as varandas ornamentadas adicionadas posteriormente, e a forma de suspensão, revelam não apenas um recurso funcional, indicam uma tecnologia socialmente elaborada e culturalmente significativa. Assim, à luz do pensamento de Boas, compreender a rede de dormir significa inseri-la em sua história particular, reconhecendo-a como expressão material de identidades e modos de vida que atravessaram séculos e se reinventaram na sociedade brasileira.

Para contrapor e ao mesmo tempo, agregar formas de pensar, esta pesquisa, também se baseou em uma reflexão que considera um aspecto em relação aos objetos, ou coisas, quando elas começam a ir deixando de existir. Me refiro ao estado de destruição ao qual pode chegar qualquer matéria, mas pensando nesse processo, não como o fim de tudo, mas como a possibilidade de um novo ciclo, o reinício, uma nova fase. Ao escrever sobre o declínio, Simmel (2019) evidenciou que há certo um valor agregado àquilo que entra em ruína, como um processo de retorno à natureza como oportunidade de uma nova existência e portanto, merecedor de reconhecimento. O autor se referia, nesse caso, à ruína que acomete o prédio arquitetônico, que

quando abandonado, onde a ação humana já não interfere mais em sua estrutura, dá-se nele o início do desgaste, que encaminha para a ruína, o que ele chamou de retorno para a natureza, ao que era antes da interferência da mão humana. “É a natureza resgatando para si, aquilo que um dia foi tirado dela” (Simmel, 2019). Nesse aspecto sobre um prédio em ruína, onde caem os rebocos, o telhado despenca sem a sustentação da madeira que apodreceu, e pelas rachaduras das paredes brotando uma folha verde, nova vida, assim, a natureza toma de volta o que um dia lhe pertenceu. Essa reflexão nos coloca a entender por outro lado, que aquilo deixado de lado toma outro rumo, outra existência.

A retomada da natureza para si, daquilo que fora tomado dela pelas mãos humanas, é o que Simmel (2019) destaca como o recomeço de uma nova natureza, a transformação. Trazendo essa reflexão para o velho baú cheio de varandas guardadas, lá do começo deste capítulo, desfazendo-se pela ação do tempo, uma vez que elas estavam entrando em ruína, havia ali de igual modo, a possibilidade de um novo existir, de uma nova natureza. Não a mesma natureza proposta pelo sociólogo alemão em seu estudo sobre a modernidade, mas uma resignificação do objeto ainda pela própria ação humana. Percebi nas velhas varandas de minha mãe a oportunidade de reinventá-las, ao inseri-las em um contexto absolutamente diferente para o qual haviam sido criadas. Foi com base na proposta de uma nova natureza a partir da Ruína, de Simmel, em “A modernidade”, que impõe a reflexão sobre um novo existir, que a varanda foi inserida no contexto da pintura como elemento que dialoga, tensiona e adiciona história, preservação da memória e a possibilidade de uma continuidade das redes em um novo existir. Elas, as redes, continuarão existindo para dormir, mas também sob a possibilidade de novos olhares. E todas as vezes que alguém olhar para elas, saberão das histórias que elas carregam consigo.

No caso das varandas o desenvolvimento foi: já não servia como varanda, pois havia perdido parte das tramas e as linhas estavam se desfazendo, não poderiam mais fazer parte das redes de dormir, certamente partiriam ao meio, desfazendo-se seus nós. Todavia, poderiam seguir novo contexto, unindo-se ao trabalho artístico na tela, permanecendo a impressão do entrecruzamento das linhas, o tecer de varandas eterno na imagem que se contemporiza com o entorno, preservando a memória e recontando a história das redes em varandas impressas, através da pintura e do ato criativo. Sobre criatividade, a escritora e artista contemporânea Fayga Ostrower (1977), em seu estudo sobre o processo de criar, escreveu: “A criatividade, como a entendemos, implica uma força crescente, ela se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza” (1977, p. 27). A criatividade como ação humana se entrelaça ao

desenvolvimento, assim como os registros que fazemos a partir daquilo que criamos.

A sequência que esta pesquisa se propôs, partiu da experiência de um trabalho artístico, seguido de estudos sobre os registros históricos que narraram a existência das redes de dormir pelo olhar estrangeiro, pelo povo brasileiro, e caberia estender esse olhar para os povos criadores das redes, sob a perspectiva dos povos indígenas. Este último, fico devendo no momento, o tempo curto aos trabalhos de pesquisas no mestrado são limitados.

Embora o tempo da realização da pesquisa tenha se apresentado insuficiente para um trabalho mais completo, ainda assim, teria que concluir mesmo que pudesse haver, ainda, alguma lacuna, pois os prazos pré-estabelecidos chegaram ao fim. Isso, no entanto, não diminuiu o compromisso em cumprir o propósito da pesquisa e dos estudos sobre a rede de dormir no contexto dos registros históricos e culturais e vianenses.

Ao tensionar as relações e o olhar sobre a rede de dormir, convidando as pessoas à reflexão, a pensar a rede de dormir, as histórias que estavam guardadas nas memórias foram tomando forma. Poderíamos então, pensar a rede de dormir como documento histórico e artístico? Com este objetivo, é que acredito que o estudo sobre a rede de dormir, este objeto tão singular e ao mesmo tempo plural, no que se refere a sua existência através dos tempos e a relação construída com a cultura, o artístico e o histórico, mereça a chance de estar entre os muitos temas para ser dialogado. Conhecer sobre as redes de dormir, deveria fazer parte de um assunto com maior corpo dentro das disciplinas que ensinam sobre a cultura ancestral, uma vez que é arte manifestada primeiro, pelos povos indígenas, eternizada nas imagens nas pinturas de artistas e nos escritos feitos por viajantes estrangeiros. A história pode ser contada muitas vezes, mas para contá-la, faz-se necessário conhecê-la, e as versões mantenham a essência, fonte de saberes, da identidade cultural, nossas memórias e o que estamos nos tornando.

A arte de um povo serve como referência e marco de sua existência, daí compreende-se a necessidade em estudar os objetos, os artefatos pertencentes às sociedades, permitindo a exaustiva tentativa de conhecer parte de sua história. Parte de um processo que sofreu interferências de outras culturas, que quase apagou civilizações, contudo vem se modificando, resistindo, mas que dadas às devidas proporções, se conhece pouco, se estuda ainda com limitações, ou, às vezes, nem isso. Conhecer, respeitar e preservar as culturas, lê-se essas recomendações sempre. Com muita dificuldade ainda, as pesquisas avançam, mas é preciso fazê-lo com apoio maior dos órgãos governamentais, com ciência, como referência, como estímulo e considerando o fazer artístico, como identidade, tendo os aspectos da afetividade e da memória contínua, não como nostalgia, mas como lugares da cultura, assim

como os acontecimentos que vão sofrendo mudanças, como o aprendizado técnico, científico que permite reconhecer os saberes, a partir do trabalho de um povo, de sua arte, cujo objeto, neste caso em particular, se refere a rede de dormir, dentro da localidade em que está inserida, no social e cultural, e conscientizar de seu valor transformador. Sobre esta ideia Homi K. Bhabha, em sua obra “O Local da Cultura” (1998, p. 23), escreveu:

O lugar fronteiro da cultura exige um encontro com o novo que não seja parte de um continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado reconfigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

Ao discutir o “lugar fronteiro da cultura”, Bhabha (1998, p. 23) afirma que o encontro com o novo não se dá como simples continuidade entre passado e presente, mas como um processo que revoluciona a tradução cultural. Nessa perspectiva, o passado não retorna como memória fixada ou nostalgia, mas é constantemente reconfigurado em um “entre-lugar” contingente, capaz de interromper e renovar a ação do presente. A rede de dormir, especialmente no contexto amazônico, inscreve-se nesse movimento descrito pelo autor. Embora vinculada a saberes indígenas ancestrais, sua permanência no cotidiano — nas casas ribeirinhas, urbanas ou nas aldeias — não constitui mera sobrevivência da tradição. A rede funciona como um espaço liminar, uma zona de transição entre técnicas do passado e demandas contemporâneas de habitar, confortar e organizar o corpo no ambiente. Assim, ela atualiza o passado por necessidade, produzindo um modo de viver que se desloca entre temporalidades e materializa o “entre-lugar” em que a cultura se reinventa. A rede representa, antes de tudo, lugar seguro de acolhimento, um convite para o estar dentro, uma provocação para a reflexão. E convida a mover-se, ora lenta e calma, ora agitada, em longos embalos ou pausas necessárias. Quando fomos obrigados em 2019 a vivenciar um novo existir restrito ao ambiente de nossas casas, que deixou sequelas, o momento em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu estado de pandemia da covid-19⁴, que levou milhões de vidas para a morte, e trouxe o isolamento e o distanciamento, como pausa forçada, tornando a convivência com os outros perigo eminente, tivemos que reinventar nossas vidas. Nessas circunstâncias as pessoas transformaram suas casas de maneira que a vida ali dentro pudessem existir menos tensas ou

⁴ Na data de 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de Covid-19 em vários países e regiões do mundo. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>

rígidas, e através dos movimentos possíveis, por exemplo, as redes de dormir, surgiram em muitos lares, como o meu, como conexão com o movimento. Os embalos e brincadeiras com o objeto móvel impulsionaram as memórias afetivas e estimularam criatividade, viagens e risos. Foi no embalo de uma rede, no Rio de Janeiro, em um apartamento, distanciados de todos, que brincamos eu e meu filho de barco, submarino e balanço nas longas horas de um mundo em pandemia. A rede de dormir com suas varandas franjadas, configurou-se aqui como um entre-lugar, que acolheu, contou e inspirou histórias, estimulando a criatividade e amenizando medos. Que outras experiências, a rede de dormir e a pesquisa de campo poderiam trazer? Como a ordenação dos assuntos poderiam ser melhor apresentados? Veremos a seguir.

Esta dissertação foi estruturada em três capítulos, mas uma reestruturação foi necessária integrando o segundo capítulo ao terceiro, visando uma apresentação mais coesa e fluída, mantida as articulações sobre a rede de dormir, relacionando arte, história e memória. No primeiro capítulo é apresentado o estado da arte, ou avaliação sistemática de literatura, destacando os estudos mais recentes, até a escrita desta dissertação sobre a rede de dormir. O trabalho presente dialoga com as considerações de Paul Ricouer (2007), “A História, a Memória e o Esquecimento”, uma obra dividida em três momentos, que convida à reflexão sobre a memória como um processo de interpretação que envolve o esquecimento e a história.

O segundo capítulo, integrado ao terceiro, apresenta na primeira parte investigações sobre os registros históricos e culturais a partir de olhares estrangeiros, como os de Hans Staden (2014), André Thevet (2008) e Debret (2013). Essas perspectivas oferecem uma visão valiosa de como as diferentes culturas e épocas perceberam e interpretaram as redes de dormir, enriquecendo nossa compreensão sobre sua simbologia e uso ao longo do tempo. Autores como Berta Ribeiro (1985) em “A Arte do Trançado dos índios do Brasil”, foram essenciais para fundamentar parte deste estudo, evidenciando a importância dos trançados, das redes de dormir pelos povos indígenas, que revelaram a complexidade e a riqueza dessas estruturas na memória coletiva.

O segundo capítulo, composto por subcapítulos, vai apresentar a rede de dormir na cultura do sono praticada pelo povo de Viana no Maranhão. Aqui analiso as particularidades locais, os hábitos de dormir e o significado atribuído a esse elemento na comunidade, evidenciando as relações estabelecidas com as pessoas, e a sua relevância cultural e social na região. A expressão “cultura do sono”, embora pouco utilizada na antropologia brasileira, encontra respaldo em estudos internacionais que analisam os modos socialmente construídos de dormir (WOLF-MEYER, 2012; WORTHMAN; MELBY, 2002). Em “As massas

adormecidas: Sono, Medicina e Vida Moderna Americana”, no resumo, Wolf-Meyer mostra que o sono é produzido por “formações espaço-temporais imanentes” que moldam a interação entre corpos e cotidiano, rompendo com a ideia de que dormir é um ato puramente natural. Essa perspectiva evidencia como normas médicas e sociais constroem modelos de sono “ordenado” e “desordenado”, deixando de reconhecer práticas culturalmente situadas. Nesse sentido, a rede de dormir é exemplar: sua forma suspensa, a organização do corpo e o modo como estrutura o espaço, revelam uma cultura do sono que desafia padrões hegemônicos e expressa outras temporalidades e maneiras de habitar o descanso. Aplicada ao contexto indígena, ela permite compreender o dormir não apenas como função biológica, mas como prática culturalmente estruturada. Entre diversos povos indígenas brasileiros, o ato de dormir envolve tecnologias específicas como a rede, arranjos espaciais, ritmos cotidianos e relações corporais que expressam modos particulares de habitar o mundo. Autores como Melatti (1993), Viveiros de Castro (1992) e Darcy Ribeiro (1970) descrevem detalhadamente essas práticas, ressaltando que o sono, seus espaços e suas materialidades fazem parte de um sistema cultural mais amplo. Assim, pensar a rede de dormir implica em reconhecer uma verdadeira cultura do sono indígena, na qual o corpo, o espaço e a memória técnica se articulam na produção cotidiana da vida.

Os três capítulos, proporcionam lançar mais um olhar para as multifaces das redes de dormir, conectando aspectos históricos, culturais e contemporâneos, de modo interdisciplinar, dialogando com as linguagens artísticas, culturais e com a sociedade. Visitando panoramicamente o passado, consultando o presente, identificando lacunas e possíveis perspectivas sobre a rede de dormir. Portanto os capítulos dialogam entre si, criando conexões e destacando as principais informações para as considerações finais desta dissertação.

A seguir, o primeiro capítulo apresenta estudos mais recentes envolvendo a rede de dormir, feitos por estudiosos brasileiros, envolvendo o fazer artesanal da rede, a indústria de fabricação por série e o e-commerce, ou seja, comércio digital, indicador da inserção das redes em mídias digitais, adaptadas ao novo contexto humano, mas sempre tendo em si, sua essência ancestral.

Antes, porém, convém fazer um breve passeio pela palavra rede, em seu significado cuidadosamente tratado, de acordo com o que Câmara Cascudo (2003) encontrou em suas pesquisas. Segundo o autor, a palavra Rede foi mencionada em dicionários e enciclopédias em vários países, e escrita de forma distinta. A rede foi descrita como um Balouço, em linguagem popular, no Vocabulário Amazonense de 1939, formado de duas porções, uma que é a rede, e a outra, que são os punhos, ambos feitos de algodão, ou, crauá, termo de origem Tupi

(Marroquim, 1934). A rede onde a pessoa se deita, é em formato retangular e os punhos, a parte que sustenta a rede e serve para prendê-la, nas escápuas que ficam presas às paredes. Escápuas são estruturas metálicas fixas às paredes que servem para sustentar as redes de dormir. Mas essa não é a única forma de se ter uma rede estendida, ou armada. Ela pode ser atada a qualquer estrutura que permita, como árvores, caibros, esteios. A palavra rede aparece escrita também como Hamaca ou Amaca ou Maca. A Maca, por exemplo, segundo dicionário Técnico de Marinha de 1947, do Rio de Janeiro, tem uma estrutura que lembra a rede, é feita de uma lona retangular, porém ela é esticada por todas as laterais por argolas e cabos de metal, presas a uma estrutura maior como se fosse um dossel. As macas ficam sobrepostas, uma sobre a outra como uma cama beliche, lembrando a aparência de uma rede, era o local destinado ao sono dos marinheiros durante as viagens, e que diferente da rede de dormir, por ser fixa por toda sua extensão, não permite movimento. Abaixo, um exemplo de Maca, no interior de um navio da Marinha do Brasil.



Figura 7 – Maca, cena interior de navio da Marinha do Brasil, 2018, RJ. Foto autoral.

Em sua obra, o etnólogo Cascudo (2003) registrou o que os dicionários haviam publicado a respeito da palavra rede, e encontrou a palavra em dicionários como o Larousse, que em francês escreveu a rede como Hamac. Em *Novíssimo Dicionário della Lingua Italiana*, encontrou a rede registrada como Amàca, em 1951. E na *Enciclopédia Britânica*, foi citada

como Hammock, já para os portugueses de Lisboa, escreveram a palavra rede como a conhecemos, igual se escreve no Brasil. Em todos esses idiomas, embora a palavra sofra alguma mudança ou alteração graficamente, sua descrição é igual, com apenas pequenas sutilezas, mas a forma que se entende por rede de dormir, desde a forma retangular e a presença dos punhos em duas extremidades por onde se suspende a rede, é citada em cada verbete. Nesse sentido, a palavra escrita muda na grafia, mas seu significado permanece descrevendo a rede de dormir. Assim como Cascudo, que investigou a palavra rede nos diversos dicionários, observando as semelhanças e diferenças, para buscar conhecer o que se entendia nos conceitos estrangeiros, sobre o significado da palavra rede de dormir, aqui ficamos imbuídos na missão de buscar saber um pouco mais sobre outra perspectiva. Compreendo que Cascudo foi minucioso e cuidadoso, trazendo o máximo de informações, inclusive com o uso dos dicionários e enciclopédias, mas o enfoque agora é noutra questão: é como essa rede tem sido tratada recentemente e o que se tem estudado nos tempos presentes, na atualidade sobre ela? Para isso, vamos ao capítulo seguinte, que trata sobre o estudo da rede de dormir por outros autores que estudaram a rede por perspectivas diversas e mais recentes. Os estudos foram selecionados a partir de pesquisas que abordaram a rede nos mais diferentes campos, o que demarcou essa escolha foi, primeiramente, as datas em que foram realizadas. Escolhi pelos trabalhos mais atuais a que tive acesso, processo em que, certamente, devo ter deixado passar algum trabalho relevante. Além disso, outra preocupação foi escolher trabalhos o mais próximo possível, sob o aspecto da localização geográfica para saber se haveria algum trabalho com proposta semelhante à que eu estava trabalhando, para refinar mais minha proposta. Espero ter feito uma boa seleção, pois a escolha certa colabora com um bom resultado.

1. SOBRE A REDE DE DORMIR

O objetivo do presente capítulo consiste em demonstrar os assuntos encontrados nas pesquisas que tratam sobre a rede de dormir, que envolve a temática como objeto de estudo, e analisar as narrativas em torno da rede. Em busca de registros possíveis, sobre a rede de dormir na baixada maranhense, mais precisamente na cidade de Viana/MA.

O levantamento dos dados de pesquisas que foram feitas anteriormente a este trabalho, amplia conhecimentos, melhorando o estudo com mais informações, e impulsiona novos questionamentos. Sobre isso vale o pensamento que reforça essa postura: “o próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura possibilita uma dimensão nova de investigação científica e consequências radicais” (VELHO, 2011, p. 128).

Entretanto, para se chegar a qualquer consequência radical, o trabalho de investigação proporciona o arsenal necessário, para isso se faz a seleção do material necessário para as leituras, que podem ser encontradas nos artigos, nas dissertações, em teses e livros que antecederam esta pesquisa e refletiram o que havia de abordagens sobre o tema em sua multiplicidade. Desse modo, e para análise que fornecesse informações, de modo claro e objetivo, a respeito das redes, e ainda ampliasse uma visão das relações socioculturais estabelecidas dentro do contexto estudado, foi utilizado a amostragem por quadros, por assunto e um breve resumo. A ideia era que, mediante os dados colhidos, fosse possível apontar quais trabalhos iriam dialogar com esta pesquisa, proposta aqui, e por conseguinte, indicar quais as abordagens foram discutidas mais largamente, podendo corroborar neste trabalho. O contrário de igual modo também foi pensado, investigado e tensionado, pois poderia ser que as pesquisas colhidas, apesar de dialogarem sobre as redes, não servissem para meu problema de investigação, relacionado à problemática que gira em torno da existência de trabalhos que mencionem a rede de dormir na cidade de Viana. Se, como artefato, a rede era vista como valor histórico, social e cultural. E ainda, se existiam pessoas trabalhando no ofício das redes de dormir em Viana/MA.

Estudos realizados sobre a rede de dormir no Brasil, representam de modo significativo a presença resistente desse objeto, artefato, em boa parte do território nacional, desde casas residenciais a hotéis, e em contextos outros, sendo comum tanto nos campos quanto nos centros urbanos; no entanto, sua produção ganha destaque em certas regiões do país, uma realidade no passado que permaneceu no tempo presente, fato percebido ao observar a presença do objeto exposto em diversos pontos comerciais, desde lojas físicas até o comércio digital, e nas diversas localidades.

As pesquisas sobre a rede de dormir como assunto para ser estudado trazem consigo a intenção em buscar informações que envolvem a cultura do dormir, neste caso, a do povo brasileiro, como técnica. Ao buscar temáticas sobre as redes de dormir, percebe-se que o número de propostas voltadas ao termo, aparecem em número crescente, mas cabe ainda bastante atenção, permitindo desdobramentos, dada a grande possibilidade que o assunto permite, muito embora já se discuta-o e aborde-o.

Ao analisar as pesquisas encontradas sobre a rede de dormir em periódicos, artigos, teses, dissertações, revistas científicas e livros, notou-se que as fontes das pesquisas sobre o tema se estendem pelo país de um modo geral, mas com certa concentração nas regiões norte e nordeste, dada a presença de fatores influenciadores que vão desde a variação climática, até os meios de produção como fábricas industriais, presença de artesãos individuais ou associações corporativas de artesãos, dedicados ao ofício, conhecimento, vale o reforço, herdado dos povos originários, que ainda mantém viva a feitura das redes de modo artesanal em aldeamentos. Este ponto, em especial, especificamente, não foi abordado nesta pesquisa, porque não está no centro de interesse agora, no entanto é pertinente, pesquisas que discutam mais, embora haja trabalhos sobre a produção das redes, na atualidade, nas comunidades indígenas.

Os dados apresentados aqui trazem resumos de estudos coletados que foram realizados entre 2008 e 2024, contemplando as pesquisas mais recentes e próximas possíveis, a fim de se obter um panorama mais atual sobre a rede de dormir, como objeto de investigação, evidenciando entre esses anos os assuntos em destaque que foram pontos de abordagem do período. Trabalhos anteriores são mencionados como referência e fundamentação teórica, mas a fim de entender o que de mais recente tem se tratado em torno do assunto das redes, e por sugestão também da orientadora, busquei selecionar os trabalhos dos últimos dez anos sobre a rede. As pesquisas foram selecionadas e agrupadas em quadros demonstrativos, e passar para a análise sistemática de literatura.

A análise sistemática de literatura pressupõe algumas regras básicas que seguem uma sequência de ações para que se construa melhor cada identificação, tanto dos temas e das contribuições de cada literatura analisada quanto das lacunas encontradas. Claro que podem surgir falhas nesse percurso, mas sendo este um método rigoroso, pretende garantir transparência para validar os resultados encontrados. Para tanto, além da leitura e fichamento do material selecionado com temas semelhantes de autores diversos, a revisão sistemática ou análise sistemática, busca evidências disponíveis para identificação de contribuições e possíveis lacunas. A etapa inicial se faz na seleção de trabalhos com a identificação do tema ou questão

central que envolve o tema estudado com o seu tema de pesquisa. Em seguida se faz um resumo das principais ideias ou descobertas de cada fonte, observando as conexões, ou seja, como elas se relacionam ou podem se complementar. Com esses dados ordenados, parte-se para as conclusões gerais ou reflexões sobre o tema, que poderão permitir o andamento da pesquisa. A revisão sistemática é pensada para responder a uma pergunta específica; ela identifica, seleciona, avalia criticamente os estudos e colhe as informações. Para realizar a análise sistemática dividi os trabalhos selecionados em dois grupos, para me certificar de que não deixaria de fora nenhuma informação que pudesse ser preciosa neste momento, por isso chamei os grupos de pesquisas de bloco 1 e bloco 2. Os dados coletados nos trabalhos científicos refletem uma parcela das pesquisas em que se tem abordado a temática das redes de dormir e os seus contextos até então margeados. As informações colhidas foram selecionadas a partir da Rede de Dormir, levando em consideração aqueles trabalhos mais recentes, possíveis acessar. Inicialmente, o levantamento de títulos dos trabalhos indica potencial para contribuir com dados, seguido de informações sobre as instituições e sobre os pesquisadores. O capítulo segue com a análise com base nos dados colhidos naqueles trabalhos que foram selecionados anteriormente.

A análise sistemática sobre a rede de dormir revelou um campo de estudo multifacetado, abrangente, com aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos, pedagógicos, ambientais e tecnológicos. A rede de dormir, tradição originada entre os povos indígenas, permaneceu e se transformou ao longo do tempo, incorporando novos materiais, e atualmente encontra aplicações em áreas como saúde, tecnologia e design, demonstrando sua relevância contemporânea.

No âmbito histórico e iconográfico, trabalhos como o de Rafael Sacramento (2016) destacam uma relação forte entre as redes de dormir e a noção de identidade que marca a população brasileira, evidenciando seu papel como um símbolo cultural. Nos estudos, *Os Fluxos Socioespaciais e Economia*, desenvolvido por Rosalvo Carneiro (2011), a investigação avançou sobre o que ele apontou como os circuitos de produção e a circulação das redes de dormir no Nordeste brasileiro, investigou a circulação comercial das redes que saem das fábricas. A pesquisa utiliza as bases das teorias de Milton Santos e Habermas para compreender e demonstrar as dinâmicas econômicas e sociais que envolvem a produção e a venda das redes. O trabalho consistiu em ressaltar a influência e a importância das redes de dormir na economia local, propondo o reforço na construção da identidade regional. Demonstrou uma associação estabelecida entre o trabalho com a rede e a identidade das pessoas da localidade. Os dois

trabalhos citados, demonstraram a rede de dormir relacionada à economia do lugar onde as indústrias produzem redes, o que por um lado garante a geração de renda, e por outro permite famílias se identificarem, se reconhecerem a partir do fazer que se conecta o ato de executar um trabalho que tem raízes no passado, embora adaptado ao presente com novas tecnologias.

Edney Araújo Lima (2019) propõe a valorização e a integração dos saberes ancestrais dos povos do Brasil no campo educacional, especialmente por meio da literatura e de práticas pedagógicas contextualizadas. Em seus estudos sobre os saberes etnomatemáticos dos Tecelões de Jaguaruana, o autor demonstra como o ensino de matemática pode se tornar mais significativo quando dialoga com os conhecimentos produzidos pelas comunidades e com seus modos próprios de resolver problemas. Os saberes etnomatemáticos, nesse sentido, referem-se aos usos empíricos da matemática presentes nas atividades cotidianas de diferentes grupos, como artesãos, pescadores ou fazedores de redes de dormir artesanais, cuja prática envolve cálculos, medidas, padrões e técnicas que não são ensinados na escola formal, mas que constituem formas legítimas e complexas de conhecimento.

Os trabalhos acima, de forma consistente e diversificada, demonstram experiências no contexto da rede de dormir, que se apresentam enraizadas na vida cotidiana dos brasileiros. Abordam regiões onde a rede está fortemente inserida, e reverencia o trabalho feminino como força ativa e resistente. Um trabalho bem expressivo em estudos indígenas foi escrito por Beatriz Sousa (2012). Nele, ela aponta os saberes tradicionais das mulheres, a capacidade do trabalho feminino que inserido na comunidade das tecelãs de São Bento, município do Maranhão, evidencia a força do artesanato que atua na preservação da cultura e na geração de renda, destacando o trabalho realizado por mulheres e a potência de geração de renda familiar.

O trabalho que Beatriz (2012) realizou, assim como o de Edney (2019), indicam tendências emergentes para uma abordagem multidisciplinar que combina história, cultura, economia, educação e tecnologia, com um interesse crescente na preservação cultural e na valorização dos saberes das ancestralidades. Esses trabalhos aplicam teorias sociais e econômicas para compreender os circuitos de produção, os conhecimentos da educação formal e aquela que está fora das salas de aula, e representam caminhos promissores para fortalecer e promover ações pedagógicas contextualizadas através das relações a partir da rede de dormir.

A evolução tecnológica das redes de dormir e suas aplicações modernas, por exemplo, tem sido inserida nos contextos das pesquisas, assim como as questões ambientais relacionadas à produção e aos materiais utilizados, demandando estudos que integrem sustentabilidade às práticas da fabricação nas indústrias. Além disso, há uma necessidade de

aprofundar a compreensão do impacto social e econômico atual dessas redes, incluindo seu papel na inclusão social e na economia contemporânea.

Perspectivas de gênero e geração também merecem atenção, embora existam estudos, como o de Beatriz, sobre as mulheres tecelãs. Há espaço ainda para abordagens a questões relacionadas ao empreendedorismo, às dinâmicas de poder e às mudanças geracionais na transmissão de saberes. A documentação no sentido não só patrimonial, enquanto bem, mas a implementação de políticas públicas específicas para apoio e acolhimento das técnicas de tecelagem das redes, pois ainda são insuficientes, assim como a transmissão dessas técnicas para as novas gerações para não se perder, mas preservar esse saber e incentivar o ato criativo. Estudos sobre identidade, sociabilidade e saberes tradicionais, como os de Dantas (2023) e Medeiros & Andrade (2015), reforçam o papel das redes como símbolos culturais e elementos de resistência e desenvolvimento social.

Falar em desenvolvimento requer pensar em práticas que levem em conta a preservação do meio ambiente. Em Carneiro (2008), a relação entre sociedade, natureza e a percepção de impactos ambientais causado pela produção das redes de dormir, como a poluição dos rios causados com produtos químicos deixados por indústrias têxteis, foi tensionado, exposto para se refletir, reforçando a necessidade de práticas mais sustentáveis, porque se há uma necessidade em acelerar a produção, o desenvolvimento para melhorar as relações comerciais, há igualmente urgência em preservar a natureza, a vida.

A rede de dormir além de gerar questões em torno de seu modo de produção e das práticas para minimizar impactos ambientais, também move iniciativas inspiradoras para criação, para o design. Ferreira Filho (2024) demonstrou o potencial de inovação ao criar um mobiliário inspirado na rede de dormir, envolvido num anseio de demonstração de brasilidade, chamando a atenção para a valoração do patrimônio cultural como fonte de referência para novas criações aplicadas à forma contemporânea de móveis. O autor demonstrou também que as experiências de fabricação de redes como em São Bento, por exemplo, evidenciaram uma movimentação positiva social, econômica e cultural causadas com o trabalho artesanal, além de confrontar narrativas historiográficas tradicionais. A rede interage aqui de modo interdisciplinar, suas formas, texturas, tramas e funcionalidade dialogam com outros materiais para a criação de um novo, que pode ser artesanal e artístico, como em Tecer de Varandas as varandas de rede aparecem na tela, ou como um móvel estilizado. Em estudos contemporâneos sobre design, identidade e cultura material, Raquel Gomes Noronha (2012) propõe uma nova concepção do design a partir dos saberes tradicionais e das práticas comunitárias, defendendo

que o designer deve se deslocar do centro dos processos para o meio deles, alfabetizando-se na linguagem dos outros e mediando entre contexto local, saber popular e mercado (NORONHA, 2012; 2023). Embora não trate explicitamente da rede de dormir, sua abordagem, centrada no reconhecimento da cultura material, da autonomia artesanal e da cosmologia dos grupos tradicionais, fornece uma base teórica fértil para considerar a rede como artefato cultural significativo. Nesse sentido, a rede de dormir poderia ser compreendida como um dos suportes da “cultura do sono” tradicional, um campo onde o design, a memória e a corporeidade convergem, dialogando com as propostas de Noronha de design-antropologia e valorização dos saberes populares.

A rede de dormir, como artefato, bem artesanal, material, inserido entre os conhecimentos da cultura popular e também na concepção contemporânea de design, como bem móvel que é, nos faz refletir sobre os cuidados de preservar sua história, sua prática. Macedo e Pacobahya (2014) reforçam a importância de ações públicas na valorização e na proteção das redes de dormir, garantindo que essas tradições não sejam esquecidas e possam ser transmitidas às futuras gerações, contribuindo para a manutenção da identidade cultural brasileira até os dias atuais.

A partir da observação e análise dos conteúdos das pesquisas apresentadas nos dados com rede de dormir, se estabelecem algumas reflexões fundamentais que orientam para as ligações estabelecidas entre a rede de dormir e o contexto onde este artefato está inserido. Mostrou que nas localidades onde a rede resiste, ela pode igualmente estar vinculada à fabricação de modo artesanal, mas também, transitar nos mais diversos ambientes, se configurando e adaptando de acordo com a necessidade e os avanços tecnológicos.

O trabalho de fabricação das redes, ou seja, a prática de fabricar redes de dormir continua sendo uma atividade exercida dentro dos estados, de acordo com as pesquisas referidas anteriormente. Tanto artesanal, como resistência, quanto produzidas em larga escala pelas indústrias. Ainda em relação ao processo de industrialização, que agiliza a produção promovendo maior quantidade com menos tempo gasto no processo, um dado chamou a atenção: a disputa desproporcional entre as fábricas industriais de redes e a produção artesanal. Um conflito, constatado ao observar as relações entre a mão de obra contratada para a execução das atividades dentro das indústrias, que primam pela quantidade de peças fabricadas, garantindo um volume muito maior para a venda, ao tempo em que expõe as fragilidades das relações trabalhistas nas indústrias da região de Jaguaruana, no Ceará. Comprovou-se que há uma forte relação entre a baixa frequência escolar, diretamente ligada às atividades como a

longa jornada de trabalho nas fábricas de redes.

Percebe-se, através da coleta dos dados das pesquisas demonstradas, que a fabricação das redes de dormir alcançam muitos níveis nas relações de trabalho, produtividade e lucro, e as condições trabalhistas pouco interessadas no desenvolvimento do trabalhador desse setor. Embora haja movimentos como as associações de artesãos, esses grupos acabam se dissolvendo por falta de incentivo; com isso, ficam de um lado as indústrias, e do outro a velha luta por melhores condições dos trabalhadores. No caso de Jaguaruana, o fabrico com a produção industrial interfere diretamente na vida social e econômica das pessoas; se por um lado fornece condições para garantir a sobrevivência, por outro limita o conhecimento devido à evasão escolar.

Os trabalhos trouxeram contribuições riquíssimas, tangenciando parte da questão que esta pesquisa investiga, cujo propósito é mostrar a rede enquanto documento histórico-cultural, como um elemento que faz parte da história dos vianenses. Contudo, todas as informações sobre relações de trabalho, gênero, cadeia produtiva e comercial, e questões sociais em que a rede esteve envolvida fornece solo para o desenvolvimento deste trabalho. A investigação continua buscando pistas para saber o possível significado cultural e simbólico da rede de dormir, tendo como campo de pesquisa a cidade de Viana/MA. Um documento histórico-cultural é entendido como qualquer vestígio, registro ou objeto criado ou preservado por uma sociedade, que permite compreender, comprovar ou interpretar acontecimentos do passado. Não se limita apenas a textos escritos, mas pode incluir imagens, objetos, obras de arte, utensílios, artefatos e práticas culturais — tudo aquilo que, de alguma forma, traduz a experiência e a identidade de um povo em determinado período histórico. Como ferramenta essencial para historiadores e pesquisadores, documentos assim servem de ponte entre o presente e o passado, possibilitando o estudo da memória coletiva, das tradições e transformações sociais ao longo do tempo. Objetos cotidianos, como a rede de dormir, podem ser considerados documentos histórico-culturais quando adquirem significado simbólico e representam práticas, valores e modos de vida de uma comunidade.

Nas pesquisas selecionadas, deu-se prioridade aos trabalhos dos anos de 2008 até 2024, abrangendo as redes de dormir no contexto brasileiro. Ressalto que essas datas se referiram aos trabalhos selecionados para o “estado da arte”, mas que prefiro aqui me referir como revisão sistemática de literatura, e representa apenas parte da bibliografia que foi consultada e serviu de arcabouço para este trabalho. Reitero que esta pesquisa também dialoga com autores de outros períodos e perspectivas distintas, mas que têm em seus estudos ligações

com a rede de dormir.

A propósito da seleção das pesquisas, o objetivo foi conhecer quais assuntos se discutiam mais recentemente. Foi investigar se entre os trabalhos mais recentes, havia algum estudo que tratasse a rede de dormir como um documento histórico-cultural na cidade de Viana. Nem um e nem o outro.

A maioria das pesquisas selecionadas que foram encontradas em bases de dados como a SciELO, por exemplo, faziam suas abordagens sobre as redes em contextos dos estados do Ceará e da Paraíba, considerando estes, os grandes centros de produção das redes de dormir, tanto na tecelagem artesanal, aquela tecida no tear manual, quanto àquela fabricada pelas indústrias mecanizadas. Trabalhos como “A rede nossa de cada dia”, de Clarissa Borges Nonato (2015), analisaram a produção da rede de dormir na cidade de Pedro II, no Piauí, tensionando também as relações de trabalho. No Maranhão, Beatriz Souza (2012), discutiu os conhecimentos compartilhados entre as artesãs de São Bento.

Dentro dos estudos demonstrados através dos dados colhidos, existe uma relação tensionada entre a produção industrial e a resistência das fabricações artesanais, pois a primeira, com a interferência do capital chinês, atua diretamente na produção e na quantidade fabricada das redes, com exigência de uma velocidade considerada alta, nesse processo, superior à capacidade de execução da mão de obra humana na fabricação. O que vai demonstrar maior produção, com menor gasto de tempo e uso de materiais mais baratos, causando com isso baixo custo para mão de obra, gerando consequências negativas para alguns centros produtores de redes artesanais, ou mesmo, produtores industriais nacionais. Sobre essa questão em especial, sobre indústria de redes, na região da baixada maranhense, especificamente na cidade de Viana, no Maranhão, não encontrei registro de indústrias redeiras, nem aparentemente conflitos gerados a partir da fabricação artesanal, uma vez que a cidade não se caracteriza como polo industrial do fabrico de redes de dormir. Até a escrita desta não foram encontradas publicações sobre o assunto rede de dormir na cidade de Viana.

Desde os tempos imemoriais, as redes tecidas à mão têm desempenhado um papel crucial não apenas como um meio de repouso, mas como símbolos de convívio, tradição e resistência cultural. Nesse sentido, ainda que as indústrias atuem fortemente no cenário econômico, interferindo sobremaneira nas sociedades, faz-se necessário tensionar a questão, não somente sobre a produção das redes artesanais, mas a própria existência da rede em si, como um elemento vivo, documento histórico e cultural dos povos do Brasil, originários, a quem a autoria devida das redes de dormir, a saber a INI ou Hamaca, deveriam constar mais

em documentos sobre a história nas cidades onde o hábito de dormir consagrou-se como dominante em redes, ou mesmo, em uma menção honrosa aos povos originários, ou mesmo em etiquetas presentes em cada rede.

Destacados estudos se empenham em posicionar a situação da importância da continuidade da preservação da cultura dos povos originários, em vários quesitos com o das línguas faladas, mas também nas atividades diárias do fazer, como na fabricação de redes no Brasil, exaltando a relevância desses povos na criação da rede.

Berta Ribeiro (1995) realizou importantes estudos sobre a cultura material das comunidades indígenas da Amazônia. Nesse processo de estudos, acabou incluindo as redes de dormir. A autora mencionou que as redes não são apenas como objetos utilitários, mas são como uma parte integral da vida social, cultural e ritualística dessas comunidades. Em seus estudos, ela documentou detalhadamente o processo de fabricação, os materiais utilizados, e o significado cultural das redes. Observou aspectos como os processos de fabricação, o significado cultural e a organização espacial em que as redes existem dentro dos aldeamentos em que elas estão presentes.

Dentro dos processos de fabricação, observa-se que na confecção de redes de dormir, há o uso de fibras naturais, como o buriti e o tucum, colhidas, tratadas e tecidas manualmente. O conhecimento dessa técnica é transmitido de geração em geração, o que permite manter viva a tradição e o conhecimento ancestral. No tocante ao significado cultural, as redes de dormir são mais do que simples ferramentas para descanso; elas são simbolicamente carregadas de significados, representando segurança, proteção e conforto. Ainda participam de celebrações e rituais de cura, além de terem servido de meio de transporte para os doentes e servindo como último leito em vida.

Em muitas culturas indígenas, as redes são vistas como um lugar pessoal sagrado, onde se realizam práticas de cura e rituais importantes. Na organização do espaço, Berta Ribeiro (1995) considera que a disposição das redes dentro das habitações reflete a organização social das comunidades. As redes não apenas servem para dormir, mas também para socializar, receber visitas, e realizar atividades cotidianas.

O povo Tukano, que habita a região do Alto Rio Negro, na Amazônia, constrói sua tecelagem das redes através dos entrelaçamentos das fibras das palmeiras como o tucum. Eles costumam decorar as redes com padrões significativos do povo Tukano, e unicamente usados por eles. Para o povo Waiwai, ao norte da Amazônia, entre Brasil e Guiana, o processo de fabricação também inclui uso das fibras naturais, em que a tecelagem é ornada com cores. Usam

as redes cotidianamente para dormir e também nas cerimônias. Para o povo Yanomami a rede está presente no cotidiano e utilizam o mesmo processo para a feitura, que perpassa desde a coleta de fibras até a fabricação das redes de dormir, entrelaçando os fios.

As pesquisas realizadas por Berta Ribeiro nos permitem alcançar realidades vividas por nossos povos ancestrais, através da forte contribuição de suas pesquisas, são fontes para o embasamento e acesso, onde por sua vez, contribuem com este trabalho. Em sua obra, “Os Índios das Águas Pretas” (1995), a pesquisadora Berta oferece uma análise profunda e detalhada da cultura material dos povos indígenas do Alto Rio Negro, uma região rica em diversidade cultural e histórica, onde a presença da rede se apresenta ainda muito viva, e fonte para conhecimento.

Através de uma investigação minuciosa, a autora nos transporta para o cotidiano dessas comunidades, revelando como os objetos aparentemente simples, como as redes de dormir, desempenham papéis complexos e significativos na vida social e cultural do povo daquela região. Cada rede é única, e muitas vezes é adornada com padrões e cores que narram histórias, mitos e tradições que são passadas de geração em geração pertencentes somente àquele povo. Considera ainda, sobre o posicionamento das redes, que são dispostas de modo centralizado na organização das habitações, não apenas definindo espaços de descanso, mas também servindo como locais de socialização, cerimônias e à realização das práticas espirituais. São também demarcadores que ordenam o tempo e o espaço.

As redes são descritas como elementos que estruturam o espaço e o tempo, marcando a passagem dos dias e das noites, e proporcionando um senso de continuidade e estabilidade dentro da comunidade. Além disso, a autora ainda aponta, a dimensão econômica da produção das redes, observando como a confecção e a troca desses itens estão integradas ao modo de produção dos povos do Alto Rio Negro.

As redes, portanto, não são apenas artefatos culturais, mas também produtos econômicos que sustentam relações sociais e econômicas complexas.

Em “Os Índios das Águas Pretas” (1995), Berta Ribeiro lança lupa sobre a dimensão de várias faces e a importância das redes de dormir nas comunidades indígenas do Alto Rio Negro, documentando, inclusive, a técnica e a produção dessas redes, e ainda nos levando a uma análise mais profunda de seu significado cultural, social e econômico, numa apreciação da resiliência e necessidade da continuidade das tradições indígenas brasileiras.

Ao investigar abordagens sobre as redes de dormir, voltadas para o estado do Maranhão, buscando precisamente uma pesquisa sobre a rede em Viana, o que se percebe de

imediatamente é que o tema se desdobra em contextos e vieses distintos, desde a sua presença cotidiana nas comunidades de um modo geral, até a industrialização e o processo de vendas, que pode se apresentar, inclusive através de meios tecnológicos como o comércio on-line. As pesquisas encontradas contemplam uma gama de informações que tocam os fazeres e saberes cotidianos diversos. A ação investigativa neste trabalho trata em saber, também, o que se tem construído, enquanto análise reflexiva sobre o objeto rede, da produção do conhecimento a respeito da rede de dormir, ou assuntos no tocante a ela, cuja importância enquanto objeto, ou coisa (Ingold, 2012), pode ir além do utilitário nas relações socioculturais.

Escritos sobre as redes de dormir, como os da pesquisadora Beatriz Sousa (2012), traçam uma abordagem que tangencia as questões de gênero e o trabalho, e suas inter-relações no âmbito desse universo. Em “Tramas de Gênero: um estudo sobre mulheres que tecem redes de dormir em São Bento – Maranhão” (UFMA, 2012), a autora identifica que os conhecimentos são compartilhados pelas artesãs, ou seja, pelas mulheres, no processo de fabricação das redes de dormir da cidade de São Bento, no tocante aos saberes e fazeres tradicionais da população daquela localidade. Os saberes quando compartilhados, além de permitirem a transmissão do conhecimento, e continuidade de uma tradição, incentivam a movimentação da produção e da economia local, gerando trabalho e renda para famílias através da feitura e comercialização das redes. Ações que perspectivam, conhecimento, preservação de uma tradição e desenvolvimento social. Inclusive dados que são acompanhados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o IBGE, São Bento é uma cidade da Baixada Maranhense, com cerca de 46.395 habitantes, dados obtidos com o censo de 2022. Por haver uma intensa demanda na fabricação das redes de dormir na cidade, São Bento, no Maranhão, se tornou um polo significativo, uma referência quando se trata do grande número de fabricação de redes na região, e importante setor distributivo do produto para a sua comercialização.

O quadro de dados no início deste capítulo, demonstra que o trabalho realizado pelas pesquisadoras Aurirene C. Rocha, Josinelma Rolande e Clara Abreu, cujo título apresenta-se como “Corpo, Artefato e Movimento: técnicas corporais na arte de tecer e trançar entre os Tenetehara”, do ano de 2021, estudou a ação de tecer através da observação do movimento humano, buscando analisar o mover do corpo no ato, a partir da noção das técnicas corporais. Os movimentos do corpo interligados ao processo de tecelagem entre o povo Tenetehara, a partir dos estudos da movimentação do fazer, da ação do tecer e do trançar Tenetehara/Guajajara, da Terra Indígena Araribóia, no Maranhão. O trabalho demonstra ainda

a catalogação de artefatos tecidos com os fios trançados, extraídos da fibra da palha do coco babaçu. Selecionaram e catalogaram os movimentos sob a ótica das técnicas corporais como parte integrada do processo de feitura. Examinam os sentidos e as representações de gênero a partir da perspectiva das redeiras, explorando as constituições dos corpos femininos associados ao trabalho e à implicação profissional, este, sem o devido reconhecimento legal trabalhista para as redeiras. Discutem a constituição das identidades de gênero, significados da abjeção e os marcadores de gênero relacionados às redeiras. Refletem, a partir das contribuições de Judith Butler, Michael Foucault e Tereza de Lautetis, as noções de dispositivos e tecnologias de gênero.

Os dados fornecidos pelo trabalho descrito acima permitem a compreensão da vasta possibilidade que gira em torno das redes de dormir para além do ato de dormir, de fazer e comercializar um produto. Ao relacionar o fazer artesanal com o movimento corporal conectando-os, e posteriormente catalogando cada gestual do fazer cotidiano, a autora refletiu sobre a existência do movimento, da ação como a possibilidade de uma dança do fazer, permitindo ampliar conhecimentos, algo novo que envolve as relações pessoais e a feitura da rede, possibilitando leituras e mais consciência desse existir e de suas implicações no entorno entre as mulheres e seu trabalho na tecelagem da rede de dormir.

Os estudos mostraram que a própria ação de tecer a rede, do fazer manual, a técnica, a habilidade na feitura do processo da tecelagem, contribuiu para a criação de um trabalho artístico, que envolveu artes visuais, artes cênicas e dança, onde os movimentos da ação humana de tecer a rede se transformaram numa dança contemporânea, performática, introduzindo dessa forma outro olhar para a rede de dormir.

Embora a pesquisa citada acima nos apresente um dado sumamente importante, contribuindo com aspectos socioculturais que refletem as relações com as redes de dormir, contribui em parte com o propósito aqui, pois o ponto focal para este trabalho, é buscar saber e relacionar a rede de dormir enquanto documento histórico cultural vivo, não no Maranhão de um modo geral, mas especificamente na cidade de Viana. Outrossim, necessitando partir para mais investigações.

Durante esta escrita não foi possível localizar outra pesquisa que, em seu âmbito, tivesse em tal tema, ou contextualizando a rede de dormir como objeto histórico-cultural vivo. Muito menos que citasse a rede de dormir em registros escritos na cidade de Viana com o mesmo contexto ou próximo, que pudessem documentar a história do referido objeto presente no cotidiano dos moradores da localidade. Através da coleta de dados, foram encontradas

pesquisas com temáticas gerais sobre as redes de dormir, como observado anteriormente, nos trabalhos já citados, no entanto, sua maioria, com uma totalidade de 13 trabalhos, é composta por assuntos diversos que margeiam o desde o fabrico e a comercialização, até as questões de gênero e as relações estabelecidas a partir dos grupos sociais de redeiras.

Em “As semelhanças, Diferenças e Interações dos Circuitos de Fluxos Socioespaciais da Rede de Dormir no Nordeste Brasileiro”, de Rosalvo Nobre Carneiro (2011), o autor analisa, se apoiando na Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana de Milton Santos (1979), utilizando a iconografia das redes de dormir e a associação discursiva às ideias de Brasil, brasileiro e brasilidade, investigando também a distribuição das redes dos centros de produção das redes no Nordeste. Nesse processo, o autor constatou a forte presença desses centros de distribuição nos interiores dos estados, fato iniciado quando esses interiores passaram a ser povoados, isso em meados do século XIX, e concentrando-se longe das capitais e dos grandes centros urbanos, o que facilitava a aquisição de mão de obra barata, dentro de uma realidade de pouca oferta de trabalho e fragilidade econômica, assim dentre outros fatores, o hábito de dormir em rede no nordeste brasileiro, também tornava a instalação dos centros de produções, uma necessidade e oportunidade de crescimento social.

O autor considera ainda, que o clima teve influência nessa situação, ou seja, a variação climática ligada à concentração nos centros de produção de redes. O tipo climático no caso desses lugares, predominantemente, são as vegetações da caatinga e o clima semiárido, caracterizado por altas temperaturas, baixa umidade relativa do ar, com longos períodos de estiagem, o que contribuiu para a larga escala do uso das redes de dormir no cotidiano, pois são leves, permitem movimentação, ou seja, balanço, e o fato de serem feitas de tecido de algodão, permitem a circulação de ar, tornando mais confortável o descanso e o sono, facilitando desse modo as vendas e, portanto, incentivando a maior produção das redes de dormir.

Em “Os Saberes Etnomatemáticos dos Tecelões de Redes de Dormir de Jaguaruana, CE e o Contexto Educacional – entrelaçando uma proposta de ação pedagógica” (2019), o autor Edney Araújo Lima, investigou as contribuições dos saberes etnomatemáticos dos tecelões de redes no município de Jaguaruana no Ceará que fossem favoráveis a elaboração de proposta pedagógica para o ensino de matemática na educação básica, com base nos relatos orais dos artífices com os objetos do conhecimento, habilidades e unidades temáticas da matemática aplicadas ao ensino básico, em concordância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Saberes etnomatemáticos são conhecimentos gerados a partir de diferentes grupos culturais, que são compartilhados e que buscam valorizar a matemática popular de cada grupo.

É uma proposta de ensino que surgiu na década de 1970, como uma alternativa ao ensino tradicional, e tem sido revisitada por grupos de estudos, como o GEPE/PUCRS, criado no ano de 2012, pela professora do PPG, Isabel Cristina Machado de Lara, Pós-Doutora em Educação, Ciências e Matemática (PUCRS), que tem desenvolvido, desde então, pesquisas objetivando apontar diferentes possibilidades de implementar essa metodologia de ensino. Nesse contexto, a tecelagem da rede dialoga com o ensino etnomatemático dos alunos de matemática na sala de aula.

Em “Do Algodão ao Tear: as experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB” (2015), a rede de dormir circula entre a produção industrial e artesanal, sendo valorizadas e investigadas em suas possibilidades técnicas. Apontam a necessidade de maior cuidado e incentivo, por parte do poder público, direcionadas às pessoas ou grupos de artesãos dedicados à fabricação das redes de dormir no país, desde o fornecimento de conhecimentos para impulsionar a atividade econômica, ao apoio e manutenção dos profissionais artesãos para permanência na educação escolar até os anos finais da escolaridade formal. Pois, o que se tem notado é que a permanência na escola acaba sendo prejudicada devido às longas jornadas trabalhadas nas indústrias, não havendo por parte do empregador nenhum ou pouquíssimo incentivo ou interesse em que seu empregado possa concluir seus estudos. Muitos desses funcionários são jovens em idade escolar que, precisando trabalhar para ajudar no sustento da família, se expõem a longas horas de trabalho exaustivo, ocupando todo o dia, e deixando o período noturno para a escola, mas devido ao cansaço, acabam abandonando por completo os estudos por não conseguirem acompanhar as aulas.

Outro aspecto apontado na coleta de dados das pesquisas que envolvem a rede de dormir trata da questão dos produtos poluentes. Eles em sua maioria, que são deixados no meio ambiente pelas indústrias de fabricação das redes, tem se configurado uma situação ainda recorrente, e carente de soluções. O que pode suscitar um campo para outras pesquisas, e ainda abrir caminho para diversas discussões e investigações a serem debatidas e analisadas, que são de relevante valor para o meio ambiente e toda a população brasileira. Entretanto, esse ainda não é o interesse deste trabalho. O que se busca nesta pesquisa é investigar se a história das redes de dormir faz parte do cotidiano vianense, e se propõe ter a rede de dormir enquanto símbolo cultural de identidade em Viana. Assunto que até o presente desta escrita, em outros trabalhos investigados, deixa essa lacuna.

Com base na análise das pesquisas revisadas evidencia-se que a rede de dormir constitui um objeto de estudo multifacetado, que atravessa dimensões históricas, culturais,

sociais, econômicas e ambientais no Brasil. Os estudos demonstram que, embora a produção artesanal e o uso tradicional das redes tenham raízes profundas nas comunidades indígenas e em regiões específicas, como o Nordeste e o Norte do país, há uma crescente valorização de seu papel como símbolo cultural, elemento de resistência e patrimônio material. Destaca-se também a importância de compreender as redes não apenas como objetos utilitários, mas como documentos vivos que carregam narrativas, identidades e saberes tradicionais transmitidos de geração em geração, especialmente nas comunidades indígenas, onde sua confecção envolve técnicas ancestrais e significados rituais.

No contexto brasileiro, observa-se uma tensão entre a produção artesanal e a industrialização, com impactos diretos na economia local, nas relações de trabalho e na preservação das técnicas tradicionais. Pesquisas recentes apontam para a necessidade de aprofundar o entendimento sobre a dimensão simbólica e histórica das redes, especialmente em localidades onde sua presença é marcante, como Viana, no Maranhão, cidade que até o momento carece de registros específicos que evidenciem a rede de dormir como documento cultural vivo. Assim, há uma lacuna importante na literatura quanto ao papel dessas redes na construção da identidade local e na memória social de Viana, o que reforça a relevância de investigações que possam contribuir para a preservação e valorização desse patrimônio cultural.

Diante disso, conclui-se que o estudo da rede de dormir deve ir além de suas funções práticas, incorporando uma perspectiva que reconheça sua potencialidade como símbolo de identidade, resistência cultural e documento histórico. A ausência de registros específicos sobre a presença e o significado das redes na cidade de Viana revela uma oportunidade de pesquisa que pode contribuir para o reconhecimento do seu valor sociocultural e para a valorização das tradições locais. Assim, este trabalho busca preencher essa lacuna, investigando a rede de dormir enquanto artefato cultural vivo, cuja história e significado podem fortalecer a memória coletiva e promover ações de preservação e valorização do patrimônio cultural vianense.

2. A HISTÓRIA DA REDE PELO OLHAR ESTRANGEIRO E OUTRAS MEMÓRIAS

O segundo capítulo tem como objetivo identificar os significados históricos, culturais e simbólicos da rede de dormir na sociedade brasileira, destacando a diversidade de registros por meio dos quais esse artefato foi descrito: memorialistas, cronistas de viagem, corsários, expedições exploratórias e até mesmo o olhar artístico dos grandes mestres da pintura europeia. Esses múltiplos enfoques revelam que a rede, longe de ser um objeto trivial do cotidiano, constitui um elemento central da cultura material brasileira, capaz de sintetizar práticas, sensibilidades e modos de viver.

No Brasil, as redes de dormir, presentes em inúmeros contextos domésticos e comunitários, ultrapassam sua função utilitária como suporte para o repouso. Desde tempos imemoriais, elas expressam formas de sociabilidade e de transmissão de saberes, funcionando como símbolos de convivência, acolhimento e resistência cultural. Tecer e utilizar uma rede é, historicamente, participar de uma cadeia contínua de práticas que articulam técnica, estética e pertencimento.

Mais do que objetos físicos, as redes condensam significados que atravessam gerações e se inscrevem na memória coletiva. Associam-se à intimidade familiar, ao gesto de receber, à construção do lar e, em muitos casos, a relações econômicas e políticas que marcaram diferentes períodos da história do país. O hábito de dormir em redes, originário dos povos indígenas — especialmente dos povos tupis —, permaneceu vivo mesmo diante de transformações profundas no modo de habitar, demonstrando sua potência como prática ritual e como marcador identitário. Não raro, ao mencioná-la, emergem lembranças e emoções, pois a rede habita o espaço doméstico como um elemento vivo, associando dia e noite, infância e maturidade, cotidiano e celebrações.

Se, por um lado, é evidente o apego afetivo que muitos brasileiros mantêm por esse artefato, por outro, ainda é reduzido o conhecimento sobre sua trajetória histórica e sobre as relações socioculturais que ela engendra. A rede é largamente fabricada, comercializada e divulgada como produto artesanal, mas sua história, desde suas primeiras aparições nos registros europeus até sua permanência nos lares contemporâneos, ainda carece de maior atenção acadêmica. Reconhecer essa lacuna implica ampliar o debate, estimulando reflexões que ultrapassem a dimensão estética ou utilitária e permitam compreender a rede como parte constitutiva da história do próprio povo brasileiro.

Assim, conhecer a trajetória da rede de dormir significa também iluminar as práticas

sociais que a sustentam, compreender o espaço que ela ocupa na vida cotidiana e valorizar a ancestralidade que permanece tecida em cada fio. Desse modo, o ato de se deitar em uma rede deixa de ser apenas um gesto de descanso e se revela como contato direto com um artefato carregado de memórias, de técnicas e de significados que acompanharam, por séculos, a experiência brasileira de habitar o mundo.

A reflexão sobre a rede de dormir no Brasil exige também reconhecer a contribuição fundamental de Luís da Câmara Cascudo, cuja obra “A Rede de Dormir: uma pesquisa etnográfica” (2003) permanece como referência incontornável sobre o tema. O autor investigou não apenas a materialidade da rede, mas sobretudo o universo social que a envolve, examinando quem a utilizava e como esse uso atravessava diferentes segmentos da sociedade, desde o trabalhador mais humilde aos proprietários abastados. A repercussão de seu estudo foi tamanha que a primeira edição tornou-se rapidamente esgotada, conduzindo a uma segunda reedição que reafirma sua importância para a compreensão da cultura brasileira. Ao sistematizar registros históricos, narrativas e observações etnográficas, Cascudo ofereceu um panorama amplo e sensível desse artefato, permitindo que muitos leitores, pela primeira vez, compreendessem a profundidade cultural de algo tão presente e, paradoxalmente, tão pouco investigado.

Sua obra desempenhou papel decisivo também nesta pesquisa, não apenas como referência bibliográfica, mas como impulso para reconhecer a necessidade de pensar a rede de dormir para além do cotidiano imediato. Tal como muitas pessoas, também tive minha relação pessoal com a rede, presente desde a infância, mas somente mais tarde — atravessada por perdas e memórias familiares, como a morte de minha mãe — percebi a dimensão simbólica desse objeto. Assim ocorre com muitos: a rede faz parte do ambiente doméstico, mas seu significado cultural nem sempre é tematizado.

Em sua pesquisa, Cascudo percorre diferentes temporalidades e olhares, articulando o que os estrangeiros registraram ao chegar ao Brasil com as narrativas dos próprios brasileiros, que conviviam cotidianamente com esse artefato. Embora povos como os Tupinambá já fabricassem e utilizassem a rede muito antes da chegada dos colonizadores, o primeiro registro documental reconhecido surge na célebre carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel, em 1500. Ao relatar suas impressões sobre a terra recém-encontrada, Caminha descreve detalhadamente as habitações indígenas, destacando a presença das redes estendidas entre os esteios das casas, suspensas a certa altura, onde os habitantes dormiam, com fogueiras acesas sob elas. Essa descrição marca o registro inaugural da rede de dormir no arquivo documental do que se tornaria o Brasil.

A carta de Caminha, entretanto, não apenas menciona o modo de dormir dos Tupinambá; ela oferece um vislumbre de suas práticas cotidianas, da organização das casas, dos rituais do fogo e de aspectos cerimoniais que compunham a vida dos povos originários. Ao mesmo tempo, evidencia os limites do olhar europeu, moldado pelas expedições de exploração e pelo estranhamento diante de uma cultura que se organizava por outros ritmos, técnicas e valores. Ainda assim, esses registros constituem parte essencial da memória histórica da rede de dormir, permitindo articular as primeiras impressões coloniais às continuidades que persistem no presente.

Para delimitar esta pesquisa, cujo tema abrange múltiplas temporalidades e contextos culturais, tornou-se necessário recorrer aos registros históricos que mencionam a rede de dormir desde os primeiros relatos europeus, entre os séculos XV e XIX. Esse recorte temporal permite compreender os acontecimentos que marcaram o período colonial e que foram documentados em cartas, mapas e narrativas de viagem, nas quais a rede aparece como elemento recorrente da vida indígena. Embora esses registros estejam permeados pelo olhar estrangeiro das expedições exploratórias e colonizadoras, constituem material de grande relevância para a investigação, pois oferecem dados concretos que possibilitam ancorar parte deste estudo, bem como produzir comparações e atualizações interpretativas sobre o uso e a presença da rede de dormir ao longo da história. Assim, imagens e documentos provenientes desse intervalo cronológico serão mobilizados para ilustrar como a rede foi registrada em diferentes momentos, permitindo uma leitura contextual da época e um diálogo com seu significado contemporâneo.

Narrar algo, seja uma paisagem, um gesto ou um objeto, pode assumir diversas formas: pela descrição textual, pela oralidade ou, de modo particularmente expressivo, pela imagem. A ilustração datada de 1551, intitulada *Fête Brèsilienne*, exemplifica essa potência visual. A cena representa um conjunto de ações simultâneas ao longo de uma praia, combinando mata, corpos em movimento e episódios de aparente conflito, com figuras portando escudos, arcos e flechas, enquanto outras correm ou se abrigam. Em contraste com essa atmosfera de tensão, observa-se no canto superior esquerdo uma rede atada entre árvores, cuja presença evoca um espaço de serenidade em meio ao tumulto representado. A imagem sugere a tentativa europeia de traduzir a complexidade das relações entre diferentes povos indígenas — conflito e paz coexistem na composição, como mostram também os casais dispostos tranquilamente na cena. Produzida para celebrar o casamento do rei Henrique II com Catarina de Médici, a obra não possui assinatura conhecida, mas integra o conjunto de representações visuais que

buscaram apresentar à Europa uma imagem dos habitantes do território que viria a constituir o Brasil.



Figura 8 – “Xilogravura – Figure des brésiliens/ Fête Brésilienne”⁵, 1550.

As representações das redes de dormir presentes nos mapas europeus revelam como, à época, a ilustração constituía um recurso fundamental para a produção de conhecimento geográfico. Esses mapas enfatizavam não apenas a configuração dos relevos, mas também elementos da fauna, flora, embarcações e tipos humanos encontrados pelos viajantes. Um exemplo significativo é o mapa Portulano, elaborado por Guillaume Le Testu em 1555, no qual a rede de dormir aparece com destaque. Os mapas portulanos, amplamente utilizados pelos navegadores, funcionavam como cartas náuticas destinadas a orientar as expedições, oferecendo referências visuais para o reconhecimento das regiões costeiras. Le Testu, cartógrafo, navegador e corsário francês, participante de expedições que percorreram o litoral do Brasil, produziu um dos registros mais expressivos desse período.

No mapa, observa-se na parte inferior direita a imagem de uma rede de dormir estendida entre duas árvores, onde uma pessoa repousa enquanto uma fogueira queima próxima ao solo. A presença do fogo sugere não apenas aquecimento, mas também proteção contra animais e insetos, evidenciando uma prática comum entre muitos povos indígenas. A poucos centímetros dessa cena, no entanto, aparece a representação de um ritual de antropofagia, no qual uma figura munida de machado esquarteja um inimigo capturado. Essa justaposição revela muito mais sobre o imaginário europeu do que sobre a vida cotidiana dos povos originários, pois a composição foi construída a partir de referências estrangeiras, frequentemente carregadas

⁵ Fragment d'une théogonie bréilienne recueilli au XVIIe siècle. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/639>

de estereótipos e incompreensões. Assim, as imagens produzidas por cartógrafos como Le Testu, embora valiosas como documentos históricos, perpetuaram durante séculos uma versão parcial e enviesada das práticas e modos de vida presentes no território que viria a constituir o Brasil.



Figura 9 – Mapa Portulano (carta náutica, 1551), Guillaume Le Testú⁶.

O texto abaixo reforça a versão da imagem que André Thevet criou, demonstrando como foi a sua convivência com os povos ancestrais em terras brasileiras. Foi com essa ilustração, que o autor de “Cosmografia Universal – As Singularidades da França Antártica”, de 1557, mostrou sua versão sobre o Brasil, sobre os costumes de seu povo, sobre a rede. Por meio de textos escritos, imagens e artefatos, o frei francês André Thevet, cosmógrafo a serviço do rei da França, representou tudo aquilo que presenciou, como as plantas, os animais, os povos e a geografia do Novo Mundo. Na página 57 de sua obra, por exemplo, é possível encontrar uma cena composta por elementos da natureza, como árvores de diferentes espécies, formações montanhosas e uma construção que sugere uma moradia como plano de fundo. Em primeiro plano, destaque para um grupo de pessoas, adultos e crianças, reunidos compartilhando alimentos. Há uma dinâmica na distribuição das personagens, o que sugere um estado de ação, com um adulto de pé, três pessoas sentadas no chão com duas crianças, ladeados por dois outros adultos com uma criança, sentados na rede atada entre duas árvores. A rede transpassa a cena ao meio, ela surge atravessada horizontalmente na imagem, quebrando a monotonia dos

⁶ Mapa Portulano, Guillaume Le Testú. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447838j/f96.double>

acontecimentos, é o elemento visual que tensiona a imagem. O artefato de maior tamanho na narrativa, demonstrando um dos costumes dos povos ancestrais, segundo a ótica estrangeira.



Figura 10 – Cosmografia Universal – As Singularidades da França Antártica, 1557, André Thevet⁷.

A ilustração *As Singularidades da França Antártica*, datada de 1557, apresenta uma composição inteiramente construída por meio de traços, pontos e áreas em branco que, apesar da distância temporal, ainda provoca impacto e reflexão. Essa obra, atribuída a André Thevet, buscava oferecer ao leitor europeu uma visão do cotidiano dos povos que habitavam o território brasileiro, incluindo elementos essenciais, como a rede de dormir. A força dessa representação reside não apenas na técnica utilizada, mas no modo como a rede aparece como parte constitutiva da vida indígena — algo que, mesmo sendo um artefato comum em muitos lares brasileiros hoje, convida-nos a pensar sobre a maneira como nos reconhecemos nessas imagens. Qual seria a sensação do observador contemporâneo ao ver essa rede representada no século XVI? Em que medida essa imagem ainda nos interpela, apesar da mediação do olhar estrangeiro?

É importante lembrar que, naquele período, a produção artística europeia estava profundamente marcada pelo Renascimento, cujas temáticas orbitavam a antiguidade clássica

⁷ As Singularidades da França Antártica. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufjf.br/bitstream/doc/314/1/229%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>

greco-romana, o humanismo e o ideal de equilíbrio entre forma e natureza. As representações do Brasil feitas por corsários, cronistas e navegadores destoavam desse padrão, pois buscavam registrar a alteridade radical dos povos encontrados, muitas vezes enfatizando exotismos, choques culturais ou interpretações moralizantes.

Além de Thevet, outros viajantes contribuíram para a formação desse repertório visual e textual sobre o território brasileiro. Entre eles, destaca-se Hans Staden (2018), corsário e aventureiro alemão que, após duas passagens pelo Brasil, participando de combates nas capitânicas de Pernambuco e São Vicente, foi capturado pelo povo Tupinambá, permanecendo sob seu domínio por nove meses. Suas experiências deram origem a uma obra publicada em 1577, em Marburg, e foi considerada um dos primeiros livros inteiramente escritos sobre o país. Traduzido para diversos idiomas e com mais de oitenta edições, o livro reúne descrições e ilustrações atribuídas ao próprio Staden. Em uma dessas imagens, observa-se uma rede de dormir estendida entre duas árvores, acompanhada de uma fogueira acesa sob ela — cena que, mais uma vez, evidencia não apenas o registro de uma prática cotidiana indígena, mas também o enquadramento interpretativo de um observador europeu, cujo olhar moldava o modo como essas práticas seriam compreendidas e transmitidas ao longo dos séculos.

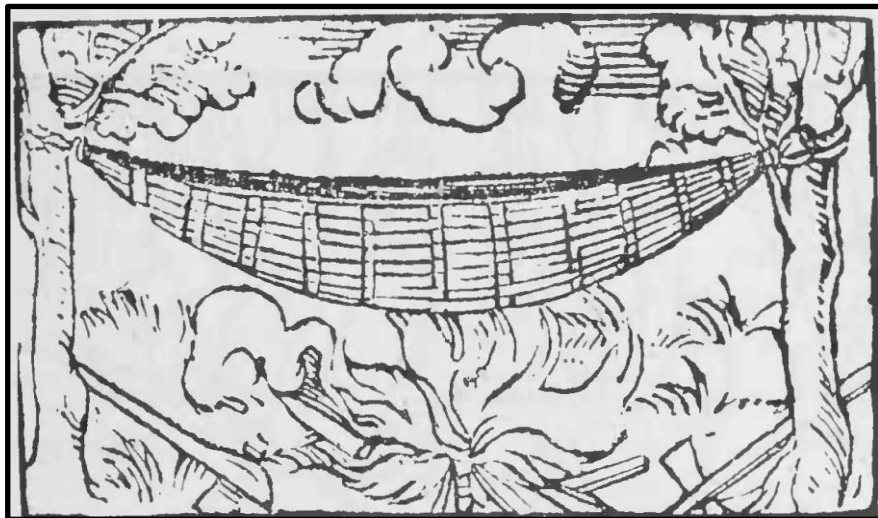


Figura 11 – Duas Viagens ao Brasil – rede de dormir, 1557. Hans Staden⁸.

Hans Staden, no século XVI, escreveu em seu livro, “Hans Staden, Duas Viagens ao Brasil” (2011, p. 69), sua experiência ao viver entre os povos originários: “me levaram para

⁸ Duas Viagens ao Brasil. Disponível em:

<https://prioste2015.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/10/duas-viagens-ao-brasil-hans-staden.pdf>

a cabana onde tive que deitar numa rede”. Os relatos feitos em seus dois volumes, sobre o Brasil, conferiram ao corsário Staden, notoriedade. No ano de 1999, Luiz Alberto Pereira, cineasta brasileiro, lançou uma versão do filme baseado nos relatos contidos no livro do alemão, seguindo à risca os acontecimentos vividos durante os nove meses em que esteve prisioneiro dos indígenas. A primeira versão de 1971, de Nelson Rodrigues, foi inspirado no livro, mas seguiu um final diferente do segundo filme, e Hans foi sacrificado ao final. Ambas as versões mostram a rede de dormir presentes na trama. Embora não deem destaque ao artefato, ela está presente demarcando sua existência no contexto indígena da história filmada. Com a vinda, cada vez maior, dos colonos para o Brasil, o uso da rede de dormir difundiu-se por boa parte do território nacional, demarcando sobremaneira a forte influência do hábito de dormir dos povos originários do país, impactando além dos europeus, africanos, holandeses e outros imigrantes.

Se, por um lado, os estrangeiros buscavam dominar os povos originários, por outro, a maneira como esses povos dormiam despertava tamanha curiosidade que a rede de dormir passou a ocupar lugar recorrente em seus relatos e representações visuais. Esse interesse é evidente em “Uma viagem feita à Terra do Brasil”, publicado em 1578 por Jean de Léry (1536-1613). Nascido em La Margelle, França, e falecido em L’Isle, Suíça, Léry foi pastor da Igreja Reformada de Genebra, missionário, escritor, artesão e sapateiro. Participou, ao lado de André Thevet, da expedição da França Antártica, a primeira tentativa francesa de estabelecer uma colônia no chamado “Novo Mundo”. Em sua obra, Léry registrou, com minúcia, diversos aspectos da vida indígena, entre eles o uso da rede de dormir, demonstrando como esse artefato se destacava aos olhos europeus, seja pela estranheza inicial, seja pela funcionalidade e pela centralidade que ocupava no cotidiano dos povos tupinambás.

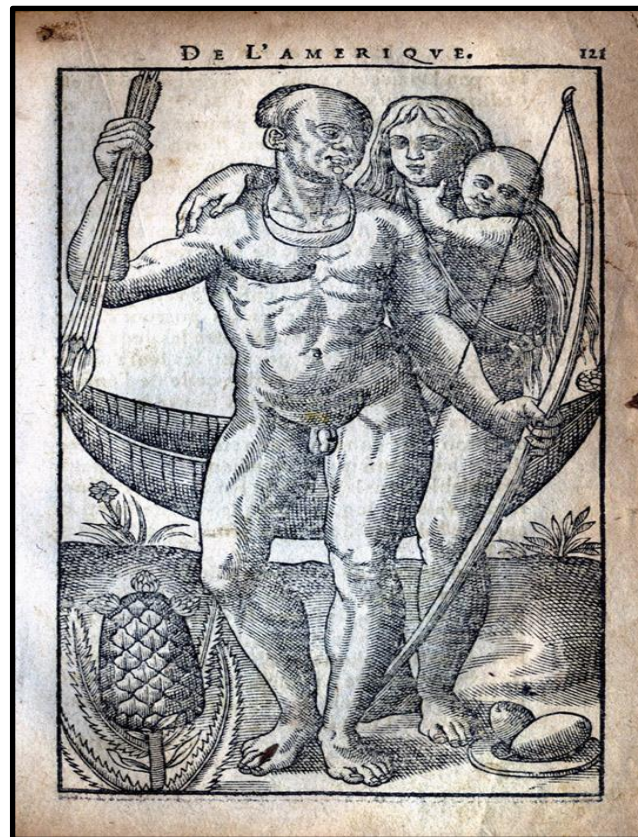


Figura 12 – História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil, 1578. Jean de Léry⁹.

A imagem apresentada por Jean de Léry em “História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil” (1578) revela uma cena densamente composta que busca traduzir ao olhar europeu aspectos do cotidiano indígena. Em primeiro plano, destaca-se a figura de um homem com traços fortes, empunhando arco e flechas, cuja postura sugere a identidade de um guerreiro. À frente dele, frutas dispostas de maneira cuidadosamente organizada chamam a atenção: uma delas, volumosa e texturizada, lembra um abacaxi; outras, menores, parecem mangas colocadas sobre um prato. Em segundo plano, atrás do guerreiro, uma mulher segura uma criança em um dos braços, enquanto repousa o outro sobre o ombro do homem, gesto que sugere tanto proximidade afetiva quanto composição simbólica da cena familiar. Já ao fundo, transversalmente cortando a ilustração, surge novamente a rede de dormir ocupando o espaço como verdadeira protagonista silenciosa, elemento recorrente nas narrativas visuais do período.

A rede de dormir, afinal, consolidou-se como um dos móveis mais emblemáticos da cultura material indígena no território que viria a ser o Brasil. Presente entre povos como os Caraíba e os Tupi, seu uso aparece amplamente documentado em registros produzidos por

⁹ História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518724>.

viajantes, cronistas e artistas europeus. Tal presença é reforçada em obras posteriores, como nas aquarelas e desenhos de Jean-Baptiste Debret, pintor e membro da Missão Artística Francesa, enviado ao país com a tarefa de retratar a sociedade brasileira do período. Assim como Léry, Debret registrou sistematicamente a recorrência desse artefato, demonstrando como a rede, além de objeto utilitário, já se configurava como um elemento estruturante da vida cotidiana e da organização espacial dos povos indígenas. Embora Debret tenha produzido majoritariamente obras a óleo, uma prática comum entre os artistas de sua época, algumas poucas aquarelas integram seu acervo. Entre essas exceções está *O Sábio em seu Gabinete*, pintura singular que retrata uma cena doméstica e intelectual no Brasil do século XIX, distinta das representações anteriores em que a rede aparece em contextos indígenas ou rurais. Um dos raros trabalhos em aquarela, representando uma cena cotidiana, que difere totalmente das imagens anteriores mostradas neste trabalho, em que a rede esteve presente.

Na aquarela, *O Gabinete do Sábio* se revela como um ambiente interno detalhadamente composto: uma janela aberta projeta sombras no chão, ao lado de uma cadeira vazia; um globo terrestre repousa sobre uma mesa lateral, próximo a um quadro pendurado na parede; uma estante repleta de livros encontra-se encostada em um grande armário de madeira com portas envidraçadas. À direita, duas aves penduradas sugerem materiais de estudo. Uma cadeira ao centro sustenta um grande livro ilustrado, provavelmente relacionado às investigações do sábio, enquanto uma pequena mesa exhibe tinteiros, penas e papéis. Sentado, trajando pijama e de chinelos nos pés, o sábio escreve com uma pena sobre uma superfície apoiada nas pernas, compondo uma cena que mistura intimidade, trabalho e contemplação. Atravessando o espaço e literalmente cortando a cena ao meio, surge a rede de dormir, que sugere ser tecida em algodão, ornamentada com varandas e estendida de uma extremidade à outra da sala — impondo-se como protagonista silenciosa e revelando sua integração profunda à vida doméstica brasileira, mesmo em ambientes de estudo e erudição.

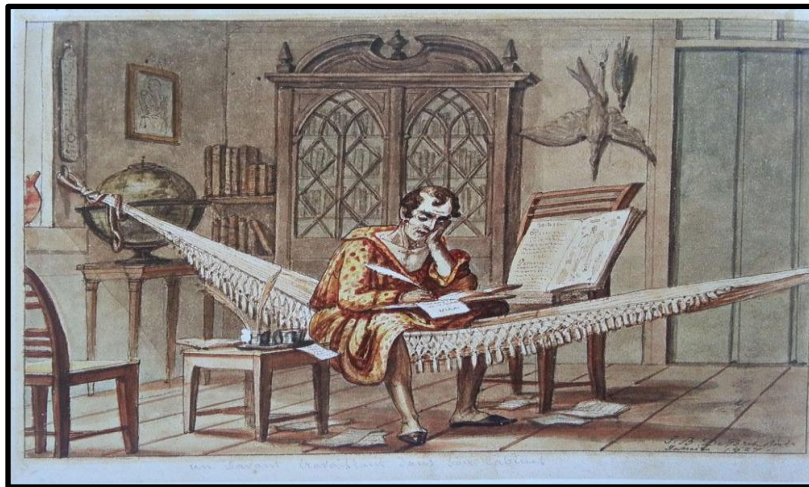


Figura 13 – Sábio Trabalhando em seu Gabinete, 1827. Aquarela. Jean Baptiste Debret¹⁰.

O gabinete representado por Jean-Baptiste Debret reúne todos os elementos característicos de um espaço dedicado à pesquisa e ao estudo. A presença das aves penduradas sugere modelos destinados ao desenho de observação e ao estudo anatômico; o globo terrestre próximo à janela indica o interesse pelas ciências geográficas; e as prateleiras repletas de livros reforçam o ambiente intelectual que circunda o sábio. Trata-se, portanto, de um cenário estruturado para o conhecimento. No entanto, em meio a essa composição meticulosamente acadêmica, surge a rede de dormir, elemento que, à primeira vista, parece destoar de sua função tradicional associada ao repouso. Diferentemente do que se espera, o sábio não descansa: ele trabalha. A rede, assim, adquire um papel simbólico inesperado, pois aparece deslocada de seu contexto original indígena, mas plenamente incorporada a uma nova configuração cultural. Ainda que inserida em um ambiente erudito, ela mantém sua leveza, sua praticidade e sua fluidez, sugerindo que, bastaria ao sábio estender as pernas e reclinar-se, e o mobiliário lhe permitiria repouso imediato — algo que nenhum outro objeto típico de um gabinete, como a mesa, poderia oferecer.

Esse deslocamento, como aponta Luís da Câmara Cascudo em “Rede de Dormir: Um Estudo Etnográfico” (2003), revela a versatilidade e a profundidade histórica desse artefato, cujas funções ultrapassam o universo exclusivo do sono. Para Cascudo, a rede está indissociavelmente vinculada à trajetória dos primeiros povos que habitaram o território brasileiro, carregando consigo uma memória cultural que se perpetua e se reinventa em diferentes espaços e períodos históricos. Estimular o olhar para o objeto tão presente de nossos

¹⁰ Sábio Trabalhando em seu Gabinete. Jean-Baptiste Debret. Sábio trabalhando em seu gabinete, 1827. Aquarela sobre papel, 16x21.2cm. Acervo: Museu Castro Maya. IPHAN, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://museuscastromaya.com.br>

antepassados, é tão forte quanto a rede de dormir, e dar-lhe o lugar de valor que lhe é devido, é trazer à tona, aquilo que nos representa e confere identidade, sendo a rede um artefato de ancestralidade, de conexão, de arte e de memória. É costume, é essência humana com suas histórias compartilhadas e suas implicações emocionais e manifestações. E nesse contexto, cada vez mais, o assunto emerge aqui e ali, e vem ganhando espaço por diversos meios nos últimos anos.

Essa capacidade da rede de dormir de atravessar contextos, ressignificar-se e permanecer integrada a diferentes modos de vida — como vimos na obra de Debret — evidencia não apenas sua versatilidade material, mas também sua potência enquanto suporte de memória cultural. É justamente nesse ponto que o pensamento de Michael Pollak (1987), em “Memória e Identidade”, oferece uma chave interpretativa fértil. O autor identifica três elementos constitutivos da memória: os acontecimentos que podem ser vividos diretamente ou “por tabela”, as pessoas ou personagens que neles atuam e os lugares onde essas experiências se inscrevem.

Entretanto, ao observarmos artefatos como a rede de dormir, torna-se pertinente incluir um quarto elemento: o objeto. Os objetos participam dos acontecimentos, circulam entre as pessoas e ocupam os lugares, constituindo-se como mediadores concretos da experiência. É por meio deles, também, que a história reconstitui fragmentos do passado. Sob essa perspectiva ampliada, a rede de dormir emerge não apenas como um artefato funcional, mas como uma guardiã de memórias que atravessam gerações. Integrada aos critérios de Pollak, acontecimentos, pessoas e lugares, ela contribui para a continuidade das identidades individuais e coletivas, mantendo viva a trama de significados que acompanha o cotidiano dos povos que a utilizam. Assim, a rede reafirma sua força simbólica ao longo dos anos, estabelecendo pontes entre tempos, espaços e experiências.

Assim como a memória se ancora em acontecimentos, pessoas, lugares e também em objetos, como propusemos a partir de Pollak, a arte criada por um povo também se entrelaça ao sentimento de pertencimento e identidade. Por isso, a rede de dormir ocupa um lugar privilegiado de representatividade: ela é um objeto que, vindo do passado, permanece vivo no presente, funcionando como ponte entre a história, os povos originários que a criaram e aqueles que a levaram consigo para outros espaços geográficos, incorporando-a a novas realidades culturais.

Originalmente tecida com fibras naturais, como a palha do buriti ou da carnaúba, a rede era produzida manualmente pelas populações indígenas, em especial, pelas mulheres que

entrelaçavam as fibras ponto a ponto, garantindo resistência e continuidade ao tramado. Com o passar do tempo, novos materiais passaram a compor esse artefato, como o fio de algodão, a gabardine e, posteriormente, fibras sintéticas produzidas industrialmente, como o nylon. A introdução de teares mecânicos e elétricos transformou profundamente o processo, acelerando a produção e substituindo gradualmente práticas tradicionais por modos de fabricação em série. Essa mudança tecnológica, que reduz o tempo do fazer humano, também tensiona o campo da criação, abrindo espaço para artistas problematizarem essas transformações e revisitarem a rede como linguagem estética, memória social e patrimônio simbólico.

Observando o caminho que a rede de dormir vem seguindo, percebi, e vejo o mesmo olhar por pesquisadores como Cascudo (2003) que, na sociedade brasileira, as redes de dormir têm sido um elemento unificador, presente em todas as regiões do país, desde os aldeamentos indígenas até os espaços urbanos contemporâneos. Elas transcendem barreiras sociais e econômicas, proporcionando um espaço íntimo para reflexão e descanso, ao mesmo tempo que fortalecem os vínculos comunitários e familiares. E vem ganhando repercussão, cada vez que uma voz se levanta em prol de sua memória de valores agregados. O estudo das redes de dormir no Brasil revela o rico entrelaçamento de significados. Segundo Gilberto Freyre (1992), renomado sociólogo brasileiro, as redes são bem mais que objetos físicos, elas são grandes portadoras de uma carga simbólica e profunda, e ressoam em vasta área da vida humana, desde os laços familiares, a hospitalidade brasileira e até mesmo aspectos políticos e econômicos de diferentes períodos históricos. O autor, apesar de não ter escrito diretamente sobre as redes de dormir, ele a menciona, reforçando em seu trabalho, a presença desse objeto, e como esses artefatos tecidos à mão não apenas oferecem conforto físico, mas servem como verdadeiras testemunhas silenciosas ao longo dos anos e das relações humanas em contextos diversos.

As redes de dormir têm sido um elemento unificador, presente em todas as regiões do país, desde as aldeias indígenas até os lares urbanos contemporâneos. Elas transcendem barreiras sociais e econômicas, proporcionando um espaço que acolhe, um espaço de intimidade, um lugar que converge para a reflexão e descanso, ao mesmo tempo que fortalece os vínculos entre as comunidades, as famílias e as pessoas. Câmara Cascudo, etnólogo estudioso da cultura popular brasileira, em seu livro “A Rede de Dormir” (2003), aborda a rede para além de ser um objeto de uso para descanso ou lazer, ele a considera um símbolo de identidade e de entrelaçamentos e convívio social. Coloca a rede como um dos mais belos e práticos utensílios que o homem criou (Cascudo, 2003). A afirmação ressalta a funcionalidade da rede, que transcende o simples objeto de dormir, tornando-se um espaço de interação. Comumente

associada a momentos de lazer e convivência, onde as pessoas se reúnem para compartilhar histórias e experiências, reforçando laços, o autor associa simbolicamente a rede à ideia de proteção e aconchego. Ele escreveu que “estando constantemente armada (como no sertão nordestino as redes acolhedoras viviam nos alpendres e latadas) servia de cadeira, escabelo, mocho para o descanso” (Cascardo, 2003, p. 26). E continuando, afirma ainda que a visita podia participar das refeições e dormir seu sono na rede, uma forma de acomodação que sempre funcionava. Compreender essas relações torna-se fundamental, mas também é necessário ampliar o olhar para além das regiões tradicionalmente estudadas, buscando compreender como a rede de dormir se manifesta e se insere nas práticas culturais de outras localidades, como por exemplo em Viana. A ausência de registros específicos sobre essa cidade evidencia uma lacuna importante na literatura etnográfica e cultural, o que reforça a relevância desta pesquisa. Ao explorar a rede de dormir em Viana, este estudo pretende não apenas preencher essa lacuna, mas também revelar as particularidades locais que enriquecem o entendimento do significado social, simbólico e afetivo desse objeto, reafirmando sua importância como elemento vivo da cultura regional.

Essa perspectiva psicológica sugere que a rede proporciona não apenas conforto físico, mas também um espaço seguro para o descanso da alma. Desse modo, somos convidados a refletir sobre a rede de dormir como um símbolo de identidade, convivência e proteção, elementos fundamentais para a experiência humana. As redes são plurais, mudando de sentido, de usabilidade. É uma peça simbólica, artística e cultural. Cascardo, em sua etnologia das redes de dormir, nos apresentou um Brasil que consome e vive a rede, desde o passado até alguns anos atrás. Nosso país é gigante, e ainda há o que se falar no tocante às redes de dormir presentes em outras cidades, a pesquisa de Cascardo estimula e provoca uma busca por continuidade, para mostrar as redes que ainda precisam ser contempladas. Assim, por não ter encontrado tanto em pesquisas mais recentes, ou nas mais antigas nenhuma nota sobre a rede de dormir em Viana, este trabalho se propôs a investigar o assunto, uma vez que a presença das redes na região é notadamente forte. Para isso se fez necessário a elaboração de mecanismos para descobrir qual a relação e qual o conhecimento que o morador da cidade de Viana detinha sobre a rede de dormir. Tomada a ciência de tal necessidade, buscou-se informações sobre as pessoas, comunidades ou grupos de pessoas que trabalhavam na produção artesanal das redes de dormir. Assunto sobre o qual versa o capítulo seguinte, informando como a rede existe e o que se sabe sobre ela, em Viana.

Como foi dito, e novamente faço um reforço, as redes vão muito além de um simples

objeto para descansar, são símbolos de identidade, convivência e proteção, presentes em todas as regiões do Brasil, desde as aldeias indígenas até os lares urbanos. Além de oferecerem conforto físico, elas também representam um espaço de interação social, onde as pessoas compartilham histórias e fortalecem vínculos.

Em Viana, município do Maranhão, a presença das redes de dormir é amplamente reconhecida, suscitando o interesse em compreender como esse artefato se integra ao cotidiano e às práticas culturais locais. Perguntas como: de que maneira as redes são utilizadas, qual sua relevância social, e se há produção local desse objeto emergiram como eixos fundamentais para investigar a relação dos vianenses com o artefato. Tal investigação permitiria identificar se, além de sua função utilitária, a rede de dormir carrega significados culturais mais profundos no contexto da cidade. Diante de sua importância histórica e simbólica na vida brasileira — aspecto amplamente destacado por Câmara Cascudo (2003) — e considerando a possível lacuna de estudos específicos sobre sua presença em Viana, tornou-se pertinente dedicar atenção analítica ao papel que a rede desempenha na memória, no cotidiano e no imaginário dos moradores. É nesse sentido que a próxima seção se volta para as vivências, percepções e relações dos habitantes com a rede de dormir, abrangendo diferentes faixas etárias e contextos sociais, para compreender como esse artefato ultrapassa a materialidade e se converte em um marcador de identidade e cultura regional.

2.1 A rede de dormir para o vianense

Nesta seção, analisa-se o significado atribuído à rede de dormir pelos moradores de Viana, a partir de seus relatos, experiências e percepções — incluindo jovens, adultos e idosos, natos ou residentes na localidade. Considerando a escassez de estudos que abordem especificamente a rede de dormir no município, torna-se essencial realizar uma abordagem aprofundada capaz de revelar as camadas simbólicas e afetivas que esse artefato assume no contexto vianense.

Para isso, foi inicialmente realizada uma reunião de diálogo na sede da Academia Vianense de Letras (AVL), em seu auditório, com a finalidade de apresentar os objetivos da pesquisa e esclarecer sua natureza acadêmica e voluntária. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que puderam ler e levar para casa a fim de refletir sobre sua participação. Somente após esse momento de esclarecimento e autonomia é

que retornaram com sua decisão sobre integrar ou não a pesquisa acerca das redes de dormir.

Após refletirem em casa sobre sua participação, os interlocutores retornaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado, autorizando sua inclusão na pesquisa. Paralelamente, o ambiente destinado à realização das atividades foi cuidadosamente preparado: limpo, organizado e abastecido com água potável, garantindo acolhimento e conforto aos participantes. Optou-se pelo salão do auditório da Casa Anica Ramos, sede da Academia Vianense de Letras (AVL), por tratar-se de um espaço seguro, climatizado e adequado para o encontro. Ao chegarem, os participantes foram recebidos de forma atenciosa, o que contribuiu para que se sentissem motivados e confiantes para integrar o estudo.

Durante essa fase, ocorreu ainda uma situação particular: uma pessoa, informada sobre a pesquisa por meio de um dos participantes, manifestou interesse em colaborar, embora estivesse fora da cidade. Para atender a essa demanda, o questionário e o TCLE foram enviados por e-mail, permitindo sua participação remota sem comprometer os procedimentos éticos estabelecidos.

Garantir que a pesquisa refletisse de maneira plural as experiências e percepções da comunidade vianense exigiu um diálogo aberto, transparente e respeitoso com todos os envolvidos. Esse cuidado inicial com a comunicação e com a criação de um ambiente de confiança mostrou-se fundamental para assegurar a qualidade e a profundidade das respostas. Ao promover um espaço acolhedor, a equipe de pesquisa não apenas ampliou o número de participantes, mas também favoreceu que as narrativas sobre as redes de dormir emergissem de modo espontâneo e autêntico. Desse modo, toda a etapa preparatória funcionou como um alicerce sólido para a produção de um conhecimento denso e representativo, capaz de refletir as múltiplas dimensões culturais e sociais presentes na comunidade de Viana.

A etapa inicial de diálogo e esclarecimento contribuiu significativamente para a construção de um ambiente de confiança, no qual os participantes se sentiram à vontade para compartilhar suas vivências e percepções relacionadas às redes de dormir. A participação voluntária e a presença de pessoas de diferentes idades, classes sociais e gêneros ampliaram a diversidade dos relatos, enriquecendo o conjunto de dados e tornando a análise mais representativa da complexidade sociocultural da cidade de Viana. Graças a essa preparação cuidadosa, a pesquisa pôde avançar de forma mais efetiva, garantindo que as informações coletadas refletissem, de maneira fiel, as experiências reais dos moradores.

No que diz respeito ao instrumento de coleta, elaborou-se um questionário

composto por dezoito questões sobre o universo da rede de dormir, com foco investigativo e atenção às dimensões pessoais, simbólicas e práticas do uso desse artefato. Para a seleção dos participantes, optou-se por convidar integrantes da AVL e da AVLJ (Academia Vianense de Letras e Academia Vianense de Letras Juvenil), pela facilidade de acesso a esses grupos, e por reunirem pessoas de diferentes gerações, níveis de escolaridade e gêneros, características que ampliam a representatividade social da amostra.

Todos os participantes que aceitaram o convite, entre eles, jovens, adultos e idosos, responderam ao questionário, processo que teve duração aproximada de duas horas e meia. Ao final, foi servido um lanche como gesto de confraternização e agradecimento, momento em que pude expressar minha gratidão pela colaboração de cada um. A experiência foi recebida com entusiasmo: muitos deixaram o auditório demonstrando satisfação e curiosidade, perguntando quando teriam acesso aos resultados da pesquisa. Prometi uma devolutiva em formato de apresentação de palestra em alguma das quatro cerimônias que a academia realiza por ano, com convite a cada participante, sem data definida ainda.

Antes da análise e resultados conferidos aos participantes, trago um breve momento sobre o cenário da cidade de Viana, para contextualização e melhor visão do local.

2.2. O Povo Indígena, a Rede de Dormir e a Cidade

Viana é a quarta cidade mais antiga do Estado do Maranhão, e compreender seus aspectos históricos e territoriais é fundamental para situar o ambiente em que a rede de dormir se manifesta e adquire sentido. Por essa razão, esta seção contempla elementos da localização geográfica, do clima, da vegetação e da arquitetura local, desde as construções do centro histórico, marcadas por influências ecléticas e barrocas, até as tradicionais casas altas rurais, erguidas sobre pilares robustos e amplamente difundidas na região. Essas casas, construídas em madeira ou em combinação com alvenaria, não correspondem às palafitas amazônicas, mas constituem estruturas elaboradas que se elevam do solo para proteger as famílias da umidade, das cheias sazonais e dos animais, além de favorecer a ventilação. Para compreender de forma aprofundada o papel da rede de dormir em Viana, é essencial contextualizá-la nesse ambiente físico e social.

A presença das redes nas casas de Viana ultrapassa a dimensão funcional e adquire um caráter simbólico, pois preserva práticas ancestrais que atravessam gerações, articulando

saberes indígenas, influências coloniais e adaptações regionais. A arquitetura popular da região, construída para favorecer a ventilação e proteger contra as intempéries, integra naturalmente a rede como um dos elementos centrais da vida doméstica. Sua disposição nos ambientes revela não apenas um espaço destinado ao descanso, mas também uma área de convívio, cuidado e identidade cultural. Assim, a história e o modo de vida da região moldam e são moldados pela presença constante das redes, que se consolidam como potência de patrimônio material e imaterial fundamental para a comunidade vianense.

As estações climáticas, marcadas por períodos de chuva intensa, alagando os campos e a estiagem, na mesma medida que deixa seca e aridez, influencia diretamente as práticas cotidianas e as manifestações culturais da população local. Além disso, a arquitetura e o modo de vida das comunidades refletem as condições ambientais e históricas que moldaram a região ao longo do tempo. Assim, ao explorar esses aspectos, podemos entender melhor as razões pelas quais a rede de dormir se tornou um elemento tão presente e significativo na vida dos vianenses, reforçando a conexão entre o ambiente natural, a cultura local (conceito mais amplo, cultura atual de um lugar) e as práticas tradicionais, aquelas transmitidas de geração em geração (ações, saberes, modos de fazer herdados e mantidos, rituais e comportamentos).

Esta seção tem como objetivo apresentar a cidade de Viana, bem como alguns acontecimentos que desempenharam papel relevante no desenvolvimento social do município por meio de ações e contribuições. Ao evidenciar as particularidades de Viana, atravessando o período chuvoso, quando grande parte do território é alagado, até a estiagem que transforma o bioma em uma paisagem árida, próxima ao sertão, torna-se igualmente necessário contextualizar o ambiente no qual a rede de dormir se insere. Esse cenário ajuda a explicar uma das razões pelas quais a rede se tornou um artefato predominantemente na região, presente na maior parte das casas dos vianenses.

Essa compreensão, além de permitir visualizar o ambiente em que a rede de dormir está inserido, em constante interlocução com as pessoas, com o clima e com a arquitetura que organiza o espaço destinado a seu uso. A rede de dormir não apenas ocupa um lugar físico, mas estabelece com ele um diálogo marcado por contrastes e complementaridades, adaptando-se tanto às temperaturas mais amenas do inverno, quanto ao calor intenso do verão. Assim, essa articulação harmônica entre a rede e o espaço geográfico evidencia a trajetória da história que se constrói entre o artefato, o ambiente e a edificação que o abriga.

No processo de formação histórica da região, que configurou a história oficial, ou seja, a que passou a ser registrada de maneira mais sistemática, ocorreu a partir do século XVII.

Os padres jesuítas da Companhia de Jesus intensificaram suas ações de catequese e organização territorial no Estado do Maranhão, durante o processo de evangelização do povo Tenetehara/Guajajara, que foi conduzido pelos missionários até a região da Baixada Maranhense, como parte da política de aldeamento e concentração indígena adotada no projeto colonial. Com a fundação da Missão de Conceição do Maracu, o povo Guajajara ficou vivendo na localidade até os padres se estabeleceram definitivamente na região¹¹. Essa prática visava tanto a difusão da fé cristã quanto o controle social e territorial das populações originárias.

Ainda no século XVII, os jesuítas, tendo consolidado a fundação da Missão de Nossa Senhora da Conceição de Maracu, estabeleceram-se na localidade e passaram a desenvolver efetivamente atividades religiosas, educativas e administrativas junto aos indígenas aldeados. Todavia, é pertinente reforçar, que a povoação com a presença dos missionários jesuítas da Companhia de Jesus foi oficializada, através de documento com título de povoado, no ano de 1709, século XVIII, momento em que tinham sob seu poder também, outros aldeamentos da região.

Sob a condução dos padres jesuítas, foi edificada uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição, marco religioso e simbólico da organização missionária na região. Paralelamente, instituiu-se uma colônia agrícola patrocinada pelo erário real, denominada Colônia de São Bonifácio do Maracu, destinada à produção e ao sustento do aldeamento. Contudo, em 6 de junho de 1757, com a implementação de leis que proibiam a escravização dos povos indígenas no Brasil, os jesuítas, já destituídos de jurisdição sobre as aldeias, e, manifestamente contrários às novas determinações, promoveram a destruição das edificações e das estruturas ali existentes.

Informado dos acontecimentos em São Bonifácio do Maracu, o governador Gonçalo Pereira Lobato e Sousa interveio diretamente, determinando que os religiosos reedificassem as construções destruídas e restituíssem o que havia sido desviado, restaurando-se as perdas. Como consequência desse processo de reorganização administrativa e política, em 8 de julho de 1757, a aldeia Guajajara de Maracu foi considerada apta à vida política e à autonomia administrativa, sendo elevada à categoria de vila, com a denominação de Vila de Viana. O regime de servidão perdurou até meados do século XVIII, quando as reformas pombalinas extinguiram o poder temporal dos missionários, promoveram a expulsão dos jesuítas, decretaram a liberdade dos povos indígenas e transformaram os aldeamentos em unidades administrativas conforme o modelo urbano português. Nesse contexto, o aldeamento

¹¹ Câmara Municipal de Viana – História do Município de Viana.

de Maracu foi elevado à condição de vila, passando a denominar-se Viana, enquanto São Francisco Xavier tornou-se o lugar de Monção. Privados da mediação jesuítica e progressivamente integrados à sociedade colonial, os Tenetehara desses aldeamentos foram gradualmente descaracterizados enquanto grupo étnico distinto, mesclando-se à população sertaneja. Em contraste, os Tenetehara que permaneceram nas regiões dos cursos médio e alto do rio Pindaré e de seus afluentes (Mércio, 2002), menos visados pelos colonos, atravessaram um período de expansão territorial e crescimento demográfico, avançando em direção às áreas do Gurupi e regiões adjacentes. Posteriormente, em 1855, o núcleo urbano recebeu novo reconhecimento oficial, sendo então elevado à categoria de cidade.

Registros documentais da época atestam esse processo por meio de datas e atos administrativos, permitindo acompanhar de forma sistemática a formação e consolidação da estrutura administrativa da cidade de Viana, conforme será apresentado a seguir.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937 o município aparece constituído de 2 distritos: Viana e Matinha. Pela Lei Estadual n.º 267, de 31-12-1948, é desmembrado do município de Viana o distrito de Matinha, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960 o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014¹².

A partir das datas acima, Viana, além de ter se tornado oficialmente cidade, ainda possuía o município de nome Matinha. Várias foram as condições, mas entre elas, destaca-se o número de habitantes e o modo de subsistência, com a economia crescente, e a produção de alimentos entre as condições necessárias.

Notadamente agrícola, Viana sobretudo se caracteriza como cidade rural cujos hábitos estão voltados para a vida no campo, como por exemplo os cultivos de arroz e algodão. A região usa amplamente técnicas para a criação de bovinos, suínos e aves. Destacou-se pela larga produção de pescados, em que o ofício da pesca, tornou-se uma das atividades predominantes para muitos moradores, e fazia com que a renda familiar viesse dessa atividade. Por ter uma larga produção de pescados, anualmente em Viana, acontecia o Festival do Peixe, uma grande festa que celebrava a pesca. Evento que ano após ano, entrou em declínio, e nos dias atuais é raramente realizado, embora a presença do pescado ainda seja constante, principalmente nas épocas da cheia do lago de Viana.

Parte da população concentrava-se na área urbana de Viana, enquanto outra parcela habitava a zona agrícola, responsável pela produção de gêneros que eram comercializados

¹² Viana (MA). Câmara Municipal. 2015.

inicialmente no município e, posteriormente, encaminhados à capital, São Luís. Essa dinâmica econômica contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento do comércio local, a geração de empregos e a atração de novos investimentos, impulsionando o crescimento urbano da cidade.

Nesse período, a arquitetura de Viana passou a incorporar influências europeias, especialmente portuguesas, refletidas na construção de edifícios comerciais e residenciais que ainda hoje integram o tecido urbano do município. Predominam construções de um ou dois pavimentos, com numerosas janelas e portas em arco de volta inteira, muitas delas revestidas por azulejaria, características que remetem às tradições arquitetônicas portuguesas e às edificações históricas de outras capitais brasileiras, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Entretanto, vale lembrar que a região de Viana foi inicialmente habitada pelos povos indígenas, o povo Tenetehara/Guajajara, iniciando o povoamento do lugar, que anos depois deu origem à população da cidade vianense. No tempo em que ocuparam a aldeia Guajajara de Maracu, eles fizeram suas próprias construções e objetos de uso diário, mas em relação a esse dado, quanto às construções, não encontrei dados de algum vestígio, provavelmente essas construções, por possuírem um caráter orgânico, feitas de materiais como palhas ou adobe, sem manutenção e com as constantes cheias, se perderam, uma das possíveis causas de não se encontrar a presença física de suas habitações remetentes à época. No entanto, embora haja falta dessa presença, há, fortemente inserida nos hábitos da população local, muito da cultura dos povos originários que abrange as expressões linguísticas, a alimentação e o hábito de dormir em rede, foco de interesse desta pesquisa. Nos domínios territoriais que abrangem os municípios de Viana, Penalva e Matinha, há registros de que vive ali, o povo Gamela. Embora a discussão sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelos Gamela não seja o foco deste estudo, é inegável que ainda lutam insistentemente por seus direitos a terra. A herança cultural dos povos indígenas permanece viva em práticas cotidianas da população de Viana. A persistência do hábito de dormir na rede, associado a saberes ancestrais, revela uma continuidade histórica que transcende o tempo e resiste às transformações sociais, mesmo que de forma fragmentada. Essa dinâmica evidencia como a rede, além de um artefato funcional, opera como um elo simbólico entre passado e presente, incorporando traços de identidades indígenas que se entrelaçam às expressões culturais locais. Assim, ao investigar o significado da rede para os vianenses, reconhece-se não apenas sua utilidade prática, mas também sua dimensão histórica, que remete a raízes profundamente enraizadas no território e nas memórias

coletivas da região.

Constantemente os Gamela têm travado debates calorosos, e até conflituosos em prol de seus direitos e para continuarem existindo e evitarem o apagamento de sua cultura na região, uma vez que as condições de sobrevivência são extremamente precárias. Este assunto, embora relevante, não será desenvolvido aqui, no entanto, pode servir de inspiração, em outro momento para um outro trabalho¹³. O povo Gamela do Maranhão, como o povo Akroá Gamella, possuem a tradição de dormir nas redes, essas redes são marcadas pela forte identidade cultural. Esse povo é marcado pela luta contra a grilagem de terras, pela constante preservação de seu território e práticas ancestrais.

Entre os povos que fabricavam redes de dormir, o povo Tenetehara/Guajajara, foi criador de grande variedade de estilos, tecidos manualmente utilizando fibras naturais como os fios de algodão, usando as cores extraídas das cascas de árvores, raízes ou frutos e sementes em sua maioria. Teciam as redes de dormir, além do fabrico de outras tramas como os cofos e os abanos de pindoba, as esteiras, bolsas e cestos. A produção desses artefatos, compreende igualmente a produção histórica e cultural de um povo. A criação das redes de dormir é prática criativa que preserva dentro de si as memórias, a identidade dos antepassados dos povos do Brasil. As redes Tenetehara possuem padrões decorativos que identificam o povo que a teceu, revelando para além da ornamentação, um significado identitário. Segundo Van Velthem (2003), os artefatos indígenas possuem variações que são formais, porém o conjunto das obras, indica o estilo de cada sociedade.



Figura 14 – Rede de dormir Guajajara¹³

Os povos Tenetehara/Guajajara possuem uma tradição consolidada na fabricação de redes de dormir, as quais ultrapassam a função estritamente utilitária e assumem significados culturais e identitários profundos. Esses artefatos expressam a criatividade, a história e os modos de vida dessas comunidades, sendo que os padrões decorativos e as técnicas de

¹³ Projeto Terra Artesanato. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ma-povo-gamela>

confeção contribuem para identificar origens, estilos e pertencimentos coletivos, preservando memórias e tradições por meio do fazer artesanal.

Embora as práticas de produção das redes entre os Tenetehara/Guajajara não constituam o foco central deste trabalho, cujo interesse reside na investigação da rede de dormir como documento histórico-cultural no contexto da cidade de Viana, torna-se fundamental reconhecer a presença e a relevância dessas comunidades indígenas na formação da cultura local. Sua herança ancestral permanece inscrita no cotidiano vianense, deixando marcas significativas na identidade cultural da região e reafirmando a importância simbólica da rede de dormir como elemento de continuidade histórica.

2.3. Viana – Arquitetura e o Campo

Sobre as edificações presentes no centro urbano vianense, nas imagens abaixo é possível observar a presença de elementos portugueses tanto na estrutura quanto nos revestimentos das habitações.



Figura 15 – Arquitetura, sobrado amarelo – Viana/MA. Foto autoral.

Ao observar as imagens acima, vemos na foto um fragmento da cidade de Viana, com as ruas estreitas, calçadas com pedraria e a presença de prédios com portas e janelas contornadas em arcos plenos e os azulejos, aplicados como revestimento nas paredes. É possível

identificar as marcas da dominante presença europeia, deixadas nessas edificações. Podemos perceber como a influência europeia se manifesta na arquitetura local, não só pelas ruas estreitas, calçadas de pedraria, portas e janelas de arcos plenos e o uso de azulejos nas paredes. Essa presença deixou marcas visíveis na cidade, refletindo um legado cultural e histórico que se insere na cidade e se une às tradições dos povos ancestrais, podendo coabitar num mesmo espaço. Assim como nas redes de dormir do povo Tenetehara/Guajajara, que carregam símbolos e cores que representam suas identidades culturais, a arquitetura de Viana também conta uma história de contato e influência de diferentes culturas ao longo do tempo. Ambos os exemplos mostram como elementos culturais e históricos se manifestam na paisagem urbana e nas tradições, preservando memórias e identidades únicas.

A construção da foto fica no centro urbano da cidade de Viana, ainda bastante habitado e por onde circula boa parte de sua população. É nesse cenário, dentro do contexto urbano da cidade, que se desenvolveu a pesquisa de campo. Próximo a essa construção, cujo nome é Sobrado Amarelo, que nas décadas de 1950, 60 e 70, foi um importante ponto comercial local, onde se encontravam boa parte dos gêneros alimentícios que eram produzidos na região, como também outros produtos vindos das mais diferentes regiões. Destaque para a torrefação do café Pinheiro, torrado, moído e empacotado no sobrado, que ao mesmo tempo vendia de arroz, traíra seca, farinha de mandioca, açúcar, sabão de andiroba e óleo de coco babaçu, extraídos das matas de cocais pelas quebradeiras de coco da região. Assunto tratado na obra do escritor Carlos Gaspar (2007) que traçou um perfil dos vianenses através de crônicas, relatando a vida cotidiana da cidade da época.

Viana de arquitetura colonial, possui vida rural com moradores nos vastos campos verdejantes, onde casas adaptadas resistem ao rigoroso inverno e aos longos períodos de estiagem. A seguir cenas desse contraste característico dos campos vianenses.

Viana em período chuvoso:



Figuras 16 e 17 – povoado Nazaré (foto autoral).

Viana em períodos de estiagem:



Figura 18 e 19 – Guaratuba, Beira da Baixa, Viana (Foto autoral).

As imagens acima são paisagens da baixada maranhense que mostram as diferentes estações do ano, e como se configuram distintamente uma da outra, afetando sobremaneira o cotidiano do vianense. Percebe-se que como os povoados de Beira da Baixa, Nazaré e da fazenda Guaratuba, localizados em Viana, adquirem drasticamente aspectos visuais antagônicos. As características mudam conforme a variação das estações: no inverno, os campos apresentam-se verdes e alagados, cobrindo a maior parte do território. Na estiagem, predominantemente o clima apresenta-se seco e quente, fazendo com que os campos anteriormente úmidos, evaporem suas águas tornando-se torrões duros de argila seca, e a vegetação, anteriormente verdejante e densa, reduzida a poucos arbustos, resistindo as árvores mais fortes.

As casas dessas localidades, embora tenham reduzido drasticamente em quantidade, ainda é possível ainda ver um exemplar aqui e outro ali. São suspensas do chão, ancoradas por colunas de madeira, como pilotis, cobertas de telhas de cerâmicas e suas estruturas feitas em madeira de tábua corrida. Da estrutura ao revestimento das paredes e piso, são feitas de madeira maciça. Há também casas com a mesma estrutura de sustentação de madeira, mas com as

paredes revestidas da palha da pindoba.

Se tomássemos para observação o desenho da planta baixa, veríamos em panorâmica que a forma da construção é um geométrico C, nos remete a uma construção elaborada e prática, uma vez que a distância entre a casa e o chão, a protege tanto da enchente nas épocas chuvosas, quanto das temperaturas mais altas no verão. Cheia de janelas, permite um ambiente iluminado e arejado. A seguir duas imagens mostram como eram essas casas, a primeira uma foto antiga. E a segunda, mostra que escadas permitiam o acesso aos moradores ao térreo, como mostra a ilustração em aquarela.



Figura 20 – Fotografia da casa do Guaratuba – Viana/MA, 1984. Foto: acervo familiar.



Figura 21 – Aquarela da casa do Guaratuba – Viana/MA. 2022. Susana Pinheiro.

A análise dos aspectos marcantes da região da Baixada Maranhense, onde se insere o município de Viana, contribui para a compreensão do perfil social e cultural de seus

moradores, sobre os quais esta pesquisa se fundamenta. Traçar esse perfil permite perceber a relação cotidiana estabelecida entre o sujeito da Baixada e a rede de dormir, objeto amplamente presente nas residências da região e elemento central desta investigação.

A rede não se apresenta, inicialmente, como um artefato extraordinário, mas como parte integrante da própria edificação e da vida diária, incorporada de modo tão natural quanto os utensílios domésticos, os alimentos consumidos ou as vestimentas utilizadas no trabalho, no campo. Seja nas moradias do centro urbano de Viana, marcadas por construções coloniais, seja nas casas de madeira dos campos vianenses ou nas habitações mais simples cobertas por pindoba, o hábito de dormir em redes constituiu, historicamente, a principal forma de descanso. Tal prática manteve-se, mesmo diante da gradual introdução das camas, influenciadas pelos costumes urbanos da capital, São Luís, trazidos sobretudo por meio das relações familiares e dos fluxos de informação entre o interior e a cidade.

2.4. Vianenses – Arte e memória na rede de dormir

A partir dos depoimentos coletados, inicia-se a apresentação das narrativas dos moradores de Viana acerca das redes de dormir. Cada participante, a partir de suas experiências individuais, expressou como percebe, sente e convive com esse objeto presente no cotidiano. O processo de coleta teve início com a entrega dos questionários impressos, contendo perguntas abertas e espaços destinados às respostas, acompanhados de canetas esferográficas. Os participantes foram acomodados de forma individual, com tempo suficiente para refletirem e registrarem suas respostas com tranquilidade, assegurando autonomia e espontaneidade no relato.

Entre as respostas obtidas, mais da metade dos participantes associou a rede de dormir à infância, evocando memórias do período em que viviam com pais ou avós, tanto na zona urbana de Viana quanto em áreas do interior. Esses relatos indicam que, naquele contexto, era comum que toda a família dormisse em redes, prática compartilhada também pelos vizinhos próximos. As casas situadas nos campos vianenses, em geral, apresentavam uma decoração simples, composta por objetos destinados ao uso cotidiano, reforçando a presença da rede como elemento central do ambiente doméstico e da experiência de descanso.

Nas cozinhas das casas dos campos vianenses, era comum a presença de uma mesa de madeira, geralmente ampla, acompanhada de um ou dois bancos compridos, que ficavam dispostos um de cada lado, havia um fogão a lenha, um lavatório para a limpeza de utensílios e

uma despensa simples, onde se armazenavam gêneros básicos como arroz, milho e farinha. Era comum haver também dois potes de cerâmica para armazenar a água potável que era trazida dos poços para abastecer a casa. As salas costumavam ser mobiliadas de forma igualmente funcional, com um ou dois bancos rústicos de madeira e redes de dormir penduradas nos cantos. Nos quartos, observava-se a presença de uma cômoda grande e um baú de madeira que servia para guardar roupas e redes, e em alguns casos, mais raros, uma cama de casal, coexistindo com mais redes igualmente penduradas.

Essas redes não permaneciam armadas para o uso imediato: geralmente eram soltas de um dos punhos, enroladas ao longo de seu comprimento e penduradas na própria amarração fixada por cordas de fibras naturais como a embira, na própria estrutura de madeira aparente na parte interna da casa, aguardando o momento do descanso. Tal organização do espaço doméstico configurava cena recorrente nas memórias evocadas pelos moradores de Viana ao descreverem o interior das casas dos campos. No que se refere às histórias e às relações estabelecidas com as redes de dormir, emergem tanto semelhanças compartilhadas quanto diferenças singulares, revelando a pluralidade de experiências e significados atribuídos a esse artefato no cotidiano vianense.

Ao responder ao questionário, Jediael, de 38 anos, policial, casado, afirmou o seguinte: “minha mãe só dorme em rede, tem mais de 80 anos, minha irmã também, os demais em apenas alguns momentos”. Observa-se, no discurso do interlocutor Jediael, a existência de uma divisão interna no uso da rede de dormir no espaço doméstico. Segundo seu relato, apenas parte dos moradores da casa utiliza a rede de forma regular, especificamente a mãe e uma das irmãs, enquanto os demais fazem uso ocasional desse objeto. Ao não explicitar o local onde dorme, o interlocutor sugere sua própria inserção nesse segundo grupo, indicando um distanciamento relativo em relação ao uso cotidiano da rede como local principal de repouso. Ainda assim, mesmo em um contexto no qual apenas alguns membros da família dormem regularmente em redes, percebe-se que o artefato mantém sua presença e funcionalidade no cotidiano doméstico. A rede permanece disponível e acessível a todos, cumprindo múltiplas funções no ambiente familiar, o que reforça sua permanência como elemento estruturante da vida cotidiana, independentemente de seu uso exclusivo para o sono. Ao ser questionado sobre o significado da rede de dormir, o interlocutor afirmou: “Meu lugar/local favorito para deitar após um dia estressante, lugar de repouso”. Em resposta à pergunta sobre a função da rede, acrescentou: “Serve como um instante de repouso, mas para muitos pode ser o único meio de repouso, por ser mais acessível do que uma cama, por exemplo. Para mim, representa parte de

minha infância”. Observa-se que, ao refletir sobre a rede de dormir, o participante associa de forma recorrente esse objeto tanto à experiência do descanso quanto às memórias da infância, reconhecendo-a como um espaço privilegiado de repouso e acolhimento.

Na análise de seu depoimento, percebe-se que o interlocutor amplia o significado da rede para além de seu uso funcional, incorporando dimensões sociais e afetivas. Ao mencionar a acessibilidade econômica do artefato, ele evidencia aspectos relacionados ao poder aquisitivo e às condições materiais de vida, reconhecendo a rede como uma alternativa viável para aqueles que não dispõem de recursos para adquirir uma cama. Paralelamente, ao afirmar que a rede representa sua infância, o interlocutor atribui ao objeto um valor simbólico, associado à memória afetiva e às vivências do passado. Essa leitura dialoga diretamente com o pensamento de Michael Pollak (1989), para quem a memória constitui um elemento fundamental na construção da identidade, individual e coletiva, operando por meio de acontecimentos, pessoas e lugares. No caso analisado, a rede de dormir atua como um mediador material dessas memórias, funcionando como um objeto que condensa experiências vividas, afetos e trajetórias pessoais. Dessa forma, a rede de dormir emerge em seu relato como um elemento que articula dimensões econômicas e emocionais, funcionando simultaneamente como bem material acessível e como suporte de lembranças e identidades construídas ao longo do tempo.

A análise dos depoimentos também suscitou uma reflexão sobre minha própria memória e sobre a relação estabelecida, ainda na infância, com a rede de dormir. Recordo-me de que, embora em contextos distintos, a presença da rede era constante, fosse em São Luís, em Viana ou nos campos vianenses. Esse exercício de rememoração evidencia como a memória opera de forma relacional, ativada por objetos aparentemente simples, mas profundamente significativos. Nesse sentido, a rede de dormir, embora materialmente inanimada, revela-se portadora de múltiplos sentidos, capaz de condensar experiências, afetos e lembranças que atravessam o tempo. Tal constatação reforça a compreensão da rede não apenas como um artefato funcional, mas como um suporte de memória que conecta vivências individuais a contextos sociais e culturais mais amplos.

Paul Ricouer, em “A Memória, a História e o Esquecimento” (2008), afirma que o dever da memória consiste, fundamentalmente, em não esquecer. Para o autor, a memória preserva tanto os acontecimentos considerados positivos quanto aqueles marcados pela dor ou pela perda, ainda que fragmentados ou incompletos, pois são precisamente essas lembranças que sustentam a experiência histórica e humana. Partindo dessa premissa, emerge uma memória

de minha infância que permanece viva: a recorrente presença dos grupos de vaqueiros que eram acolhidos na casa de meus avós, no Guaratuba.

Esses vaqueiros costumavam chegar à noite, em grupos cujo tamanho variava de acordo com a quantidade de gado conduzida, uma atividade que, à época, como ainda hoje, constitui prática comum entre os pecuaristas da região. O deslocamento do gado em busca de melhores pastagens e de água potável exigia longas jornadas, tornando necessário o apoio ao longo do percurso. Meu avô, também vaqueiro, oferecia alimento e disponibilizava o amplo salão da casa para que cada homem armasse sua rede de dormir e ali pudesse pernoitar. Ao amanhecer, as redes eram desarmadas, e após o café da manhã, os vaqueiros retomavam o caminho, conduzindo o gado para outra fazenda ou em direção aos pontos de transporte hidroviário com destino à capital.

Essa lembrança evidencia como a rede de dormir, além de cumprir uma função prática, inscreve-se na memória como elemento mediador de relações sociais, trabalho, acolhimento e pertencimento, reforçando o papel dos objetos cotidianos como suportes da memória e da experiência vivida.

Dentro dessa perspectiva, a rede de dormir pode ser compreendida como um verdadeiro testemunho das vivências e da história coletiva. Trata-se de um objeto que acompanha as famílias ao longo de gerações, circula entre casas e territórios e participa dos diferentes ciclos da vida, vai do nascimento ao falecimento dos membros de uma comunidade. Por meio de seu uso contínuo, a rede não apenas integra o cotidiano, mas também registra, de forma material e simbólica, práticas sociais, relações afetivas e modos de habitar, configurando-se como um elemento concreto de memória.

Paradoxalmente, ao longo do tempo, não se observou, no contexto de Viana, a elaboração de discursos que abordassem a rede de dormir sob uma perspectiva histórica ou como objeto dotado de valor artístico e cultural. Apesar da existência de registros escritos mais amplos sobre a rede no Brasil, até o momento da realização desta pesquisa não foram encontradas referências específicas às redes de dormir em Viana, no Maranhão. Buscou-se, inclusive, realizar levantamentos documentais na casa episcopal da cidade; contudo, as tentativas não obtiveram êxito em razão das obras de reforma do edifício, que impossibilitaram o acesso ao acervo bibliográfico naquele período.

A rede de dormir pode ser compreendida, antes de tudo, como um objeto dotado de qualidades artísticas. Sua forma, suas cores e, sobretudo, o complexo entrelaçamento de fibras, especialmente no modo de fabricação artesanal, com fios de algodão ou palhas naturais, o que

lhes conferem texturas, ritmos e padrões visuais que ultrapassam a mera funcionalidade. Diante disso, impõe-se a questão: a rede de dormir pode ser considerada um objeto de arte? E, de modo mais amplo, o que se entende por arte?

Nesse debate, Alfred Gell, em sua obra póstuma “Arte e Agência: Uma Teoria Antropológica” (2018), propõe uma reflexão deslocando o foco tradicional da ideia de estética e da simbologia atribuída socialmente aos objetos, para o conceito de agência. Para o autor, os objetos artísticos não devem ser compreendidos apenas como representações simbólicas, mas como agentes capazes de produzir efeitos, estabelecer relações e influenciar ações humanas. Sob essa perspectiva, a rede de dormir pode ser interpretada como um artefato que atua no mundo social, mediando experiências, afetos e práticas cotidianas, e exercendo uma agência que se manifesta tanto no corpo quanto na memória daqueles que, com ela, convivem.

O autor propõe a proximidade entre arte e magia, onde ambos os fenômenos manifestem o encantamento da tecnologia. Cita a exemplo desse encantamento, as decorações feitas nas proas das embarcações, como as usadas em Kula, pelos Trobriandeses (Gell, 2018 p. 97), que preza pela eficácia ritualística, pelo poder mágico que chama a atenção pela força expressiva, e que impõe assombro, afastando-se da fruição puramente estética. Muito mais que provocar a contemplação, uma agência causa impactantes efeitos práticos, conduzindo à reflexão sobre os poderes de quem construiu e quem detém aquele objeto, no caso do exemplo as decorações nas proas das embarcações.

Assim, é por meio dos objetos e das experiências vividas em torno deles que a história se inscreve de forma sensível e duradoura. Quando, após certo tempo, ocorre um novo contato com esse mesmo objeto, ele atua como um disparador de lembranças, fazendo emergir memórias do passado e reativando situações anteriormente vividas, provocadas pela materialidade da própria coisa. Nesse sentido, retoma-se a fala de uma das interlocutoras da pesquisa, ao ser questionada sobre o significado da rede de dormir em sua vida. Laurinete Coelho, de 56 anos, vianense, solteira, funcionária pública da prefeitura de Viana e voluntária da biblioteca da AVL, sintetiza essa relação ao afirmar que a rede representa “lembranças, conforto, embalo, passeio no interior”. Sua resposta evidencia como a rede de dormir ultrapassa a função utilitária, constituindo-se como um objeto mediador da memória afetiva, capaz de articular experiências corporais, espaciais e temporais, conectando o presente a vivências passadas e reforçando vínculos identitários construídos ao longo da vida.

Para Gell (2018), as obras de arte podem funcionar como extensões da intencionalidade dos criadores e das sociedades que as produzem. Considerou ainda, a

existência de um modelo que nominou de “sistema de arte”, e que envolveu nele, quatro elementos, a saber: o Índice, que é o objeto artístico em si; o Protótipo, que é a intenção ou modelo do qual o índice deriva; o Agente, que é quem cria ou manipula o objeto artístico; e por fim, o Paciente, aquele quem recebe ou interage com a obra de arte. Levando em consideração esse modelo proposto pelo autor, trago para refletirmos em diálogo com a rede de dormir feita na cidade de Viana, o trabalho desenvolvido pela tecelã Dona Isauderina, de 72 anos, que aprendeu a tecer redes de dormir, desde seus 12 anos de idade, quando ainda morava com seus pais no povoado Beira da Baixa em Viana. Uma das últimas redeiras vivas a que tive acesso, que continua fabricando redes de fio de algodão, de que falarei adiante. A seguir, Dona Isauderina, seu tear e a rede, sua obra.



Figura 22 – Dona Isauderina mostrando a rede de dormir tecida em fios de algodão, 2024. Foto autoral.

Ao transpor a rede de dormir para o contexto teórico proposto por Alfred Gell, destaca-se a figura da entrevistada Dona Isauderina, para quem a rede constitui simultaneamente cotidiano, ofício e expressão de saber ancestral. Reconhecida por muitos amigos e circunvizinhança na cidade de Viana, é provável que seja uma das últimas redeiras em atividade. A artesã reside no bairro Barra do Sol, área de intenso fluxo de pessoas, por ser o centro do comércio popular de Viana. Sua própria casa é também ateliê e residência, lá ela recebe as encomendas e realiza o trabalho de tecelagem. Ao adentrar nesse espaço, chama imediatamente a atenção o grande tear de madeira maciça, apoiado junto à parede, cuja dimensão, quase duas vezes maior que a da própria artesã, evidencia a centralidade do fazer manual na dinâmica do ambiente.

À luz do sistema de agência descrito por Gell, Dona Isauderina pode ser

compreendida como a Agente, isto é, aquela que cria e manipula o objeto artístico. O Índice, manifesta-se na própria rede de dormir, materialização concreta do processo criativo; o Protótipo corresponde ao modelo tradicional da rede que orienta sua confecção, reproduzido e atualizado a cada nova peça tecida no tear; e o Paciente é representado por cada pessoa que se encanta pela rede e estabelece com ela uma relação de uso, afeto ou pertencimento ao adquiri-la. É a partir dessa compreensão que se insere a fala da artesã, colhida em entrevista realizada em seu espaço de trabalho, transcrita a seguir.

Eu penso na rede, eu penso na rede, eu vou fazer essa rede, vou fazer ela de tal maneira, de qualquer jeito, pra mim vender, pra ela ficar bonita. Quando eu vou botar ela no tear, eu já pensei as cores, eu faço azul e branco, vermelho e branco ou amarelo e branco. Aí eu boto na minha memória: eu vou fazer essa rede vermelha e branca, eu vou fazer ela, feitio de brim, quadriculado, e aí eu faço (26 de Outubro de 2024, Viana).

Ao pensar em fazer a rede, imaginar suas cores e formas de tecer, Dona Isauderina reflete sobre sua ação, movida pela intenção, pela vontade, ela planeja mentalmente e executa cada detalhe pensado anteriormente, construindo cada ponto, um por um. O desejo se transforma em objeto, e sobre isso ela diz: “eu vou fazer ela, feitio de brim quadriculado, aí eu faço”. Considero a intenção de Dona Isauderina, o Protótipo, citado por Gell (2018). A arte da criação parte sempre de um primeiro momento, que é o de refletir sobre o que se vai fazer. Quando inquirida sobre o porquê de fazer redes, ela prontamente respondeu: “E nem sei fazer essa pergunta, dizer né, hehehehe! Mas pra mim, a rede é boa pra mim dormir, eu acho bonita elas estendidas no meu quarto, e faço os meus negócios, graças a Deus! E me sinto bem, feliz em trabalhar no que eu sei” (26 de outubro de 2024, Viana).

Ao relacionar o “sistema de arte” de Gell com contexto local, é possível perceber como esses elementos se manifestam concretamente na produção artesanal das redes de dormir em Viana. O processo de criação das redes não apenas reflete a intencionalidade individual de Dona Isauderina, mas também incorpora saberes coletivos, tradições familiares e valores culturais transmitidos entre gerações. Assim, a rede de dormir torna-se um índice carregado de significados, resultado da interação entre o agente criador, o protótipo cultural e o paciente — aquele que utiliza e atribui sentido à peça. Essa dinâmica evidencia a riqueza simbólica e social presente no fazer artesanal, estabelecendo uma ponte entre a teoria e a prática vivenciada por Dona Isauderina.



Figuras 22 e 24 – Dona Isauderina Mafra, 2024: Foto autoral.

Para Alfred Gell (2018), em “Arte e Agência”, a Arte é uma “Tecnologia de Encantamento”. Afirmou que a arte não apenas representa ideias, mas também exerce um efeito sobre quem a observa. Esse “encantamento” ocorre por meio da complexidade técnica, do virtuosismo e da forma como a obra envolve emocional e cognitivamente o espectador. Ao tecer suas redes de fios de algodão, a redeira Dona Isauderina se envolveu com o seu fazer; nesse processo, motiva outras pessoas com a técnica de tecelagem e com o resultado do seu trabalho que é a rede, feita, pronta. Desse modo, quem presencia, vê a rede tecida por ela, sente-se tocado pela beleza da arte feita por Dona Isauderina, e também pela dedicação e emoção, entregues pela artesã em cada trabalho executado.

Ao observar as ações e o ambiente ao seu redor, Dona Isauderina foi gradualmente incorporando o significado e a importância do fazer manual na sua cultura e na sua vida. Segundo Gell, o encantamento ocorre quando há uma conexão emocional que transforma a experiência de observar em uma motivação interna para aprender e participar ativamente. Portanto, a presença constante das redes sendo tecidas na comunidade e a convivência com as pessoas habilidosas ao seu redor, contribuíram para que ela internalizasse esse conhecimento de forma natural e espontânea. Assim, o contato direto com o trabalho manual, aliado ao ambiente social, criou uma atmosfera de encantamento que despertou nela o desejo de aprender a fazer as redes, mesmo sem uma orientação formal, evidenciando a força do vínculo emocional e cultural na transmissão do saber tradicional.

Desde a infância, Dona Isauderina foi tomada por um encantamento que despertou nela o desejo de aprender o ofício da tecelagem de redes de dormir. Esse aprendizado ocorreu de forma gradual e cotidiana, por meio da observação atenta das pessoas mais velhas que teciam redes a partir dos fios de algodão. O conhecimento não lhe foi transmitido de maneira formal, mas incorporado pelo convívio e pela experiência sensível, motivando-a, por vontade própria, a desejar fazer com as próprias mãos aquilo que via os adultos realizarem.

À luz da teoria de Alfred Gell (2018), especialmente no que se refere à chamada *tecnologia do encantamento*, é possível compreender esse processo como um momento primeiro, inaugural de agência. Ainda criança, Dona Isauderina sentiu-se profundamente atraída pelo ato de criar um objeto complexo e significativo, mesmo sendo este maior do que seu próprio corpo à época, iniciando sua prática a partir dos fios de algodão retorcidos, produzidos por sua família e pelos vizinhos da comunidade. Esses sujeitos, ainda que de forma não intencional, tornaram-se suas principais referências e fontes de inspiração. Ao observar o modo como faziam e o que produziam, com atenção, a artesã experimentou o estado de encantamento descrito por Gell, em que o fazer artístico mobiliza o desejo, a atenção e a ação, levando o observador a transformar-se. É ele próprio que se transforma em agente criador.

Ela conta, que era muito comum no lugar onde morava com seus pais, estar em contato com pessoas tecendo redes, como as irmãs mais velhas e as mulheres da vizinhança, que teciam as redes de fios. Foi observando cada movimento, cada detalhe que um dia ela decidiu fazer uma rede, sentiu o desejo de fazer as suas próprias redes. Sobre o fato, ela comentou: “Eu comecei fazer rede com 12 anos, lá no Vidéu. Eu aprendi sozinha, e Deus, e meu pai. Eu botei a primeira rede no tear, eu não dava nem conta de subir assim e descer pra botar. Eu pedia, para as pessoas que tinham (tear), umas pessoas que tinham, que faziam”. Mesmo sem altura suficiente para alcançar o tear, sem ter um tear próprio ou adequado para sua altura, a menina insistiu, pedindo para aqueles que tinham teares para ajudá-la na missão de fazer a primeira rede. Ao observar as ações e o ambiente ao seu redor, Dona Isauderina foi gradualmente incorporando o significado e a importância do fazer manual na sua cultura e na sua vida. Segundo Gell (2018), o encantamento ocorre devido a uma conexão emocional que transforma a experiência de observar em uma motivação interna para aprender e participar ativamente. Nesse sentido, cabe perfeitamente o exemplo daquela menina que, aos doze anos, resolveu que iria fazer, sozinha, uma rede de dormir, afinal ela via com muita frequência, suas irmãs e vizinhos adultos fazendo redes, por isso imaginou que poderia ser fácil. Chegou a

pedir para usar um tear de alguém para tecer a primeira rede, que de tão alto, ela não conseguia passar o fio de algodão por ele.



Figura 25 – O tear de Dona Isauderina, 24 de Outubro de 2014, Viana.

Nessa perspectiva, a rede de dormir constitui-se como um elo entre Dona Isauderina, o saber tradicional e a comunidade, ainda que a própria artesã não se perceba conscientemente como agente desse processo. Por meio de seu ofício, ela materializa o potencial transformador da arte, que se manifesta nas relações sociais e na transmissão de conhecimentos. Ao refletir sobre essa dinâmica, Alfred Gell propõe que os objetos artísticos possuem agência, na medida em que são capazes de provocar respostas, afetar comportamentos e mobilizar significados, mesmo sem deter consciência própria.

Inserido no campo da antropologia da arte e da teoria da materialidade, Gell oferece um olhar inovador sobre o papel dos artefatos nas relações sociais. Para o autor, a agência refere-se à capacidade de um agente — humano ou material — de produzir efeitos no mundo e influenciar ações e percepções de outros sujeitos. Ao transpor essa noção da filosofia da ação para a antropologia, Gell sustenta que os objetos artísticos não devem ser compreendidos como representações passivas, mas como participantes ativos nas tramas sociais, capazes de mediar relações, transmitir valores e produzir sentidos.

Gell (2018) compreende a agência de modo relacional, isto é, algo possui agência quando é percebido como capaz de afetar ações, pensamentos ou emoções de outras entidades. No campo da arte, o autor demonstra que tanto os objetos quanto os artistas podem atuar sobre os sujeitos que com eles interagem, despertando sentimentos como admiração, desejo, temor

ou encantamento, ainda que não detenham intenção ou consciência própria. Essa perspectiva permite compreender a rede de dormir como um artefato dotado de agência no cotidiano. Tal dimensão manifesta-se, por exemplo, no relato de uma participante voluntária da pesquisa, que afirmou: “Quando eu era criança, meus primos, meu irmão e eu costumávamos brincar de empurrar e balançar a rede como se fosse aquelas barcas de parque” (Kelly Yasmim, 15 anos, estudante do 1º ano do Ensino Médio, 2024). O depoimento de Kelly evidencia como a rede, para além de sua função utilitária, atua como mediadora de experiências afetivas e lúdicas, influenciando práticas, memórias e formas de interação social.

A partir do depoimento da jovem vianense, observa-se a dimensão relacional da interação estabelecida entre ela, seus primos e a rede de dormir, na qual tanto o objeto quanto as ações dos sujeitos são ressignificados. Com base nesse contexto, a rede deixa de cumprir exclusivamente sua função tradicional de suporte ao descanso ou ao sono e passa a assumir o papel de brinquedo, comparável a uma “barca” de parque de diversões. Essa transformação evidencia a agência do objeto, que, ao ser apropriado de outra maneira, passa a influenciar comportamentos, gestos e experiências lúdicas. Tal perspectiva afasta-se das explicações tradicionais da arte centradas apenas na estética ou no simbolismo e reforça a compreensão da arte como parte de um sistema social, no qual os objetos são capazes de “fazer coisas” e produzir efeitos sobre os sujeitos, ainda que essa atuação muitas vezes se manifeste de forma silenciosa e pouco perceptível no cotidiano.

Essa dimensão relacional também se fez presente nas respostas ao questionário aplicado durante a pesquisa de campo. Quando indagados sobre a finalidade da rede de dormir, os participantes atribuíram a ela diferentes funções. Do total de quinze respondentes, 50% afirmaram que a rede serve para dormir ou descansar; 30% indicaram sua função de amenizar o calor; e 20% associaram seu uso à sensação de movimento. A diversidade dessas respostas reforça a multiplicidade de sentidos atribuídos ao objeto e evidencia sua capacidade de articular práticas, percepções e experiências distintas no cotidiano vianense. Para melhor visualização desses dados, apresenta-se a seguir um gráfico em porcentagem que ilustra a distribuição das respostas.

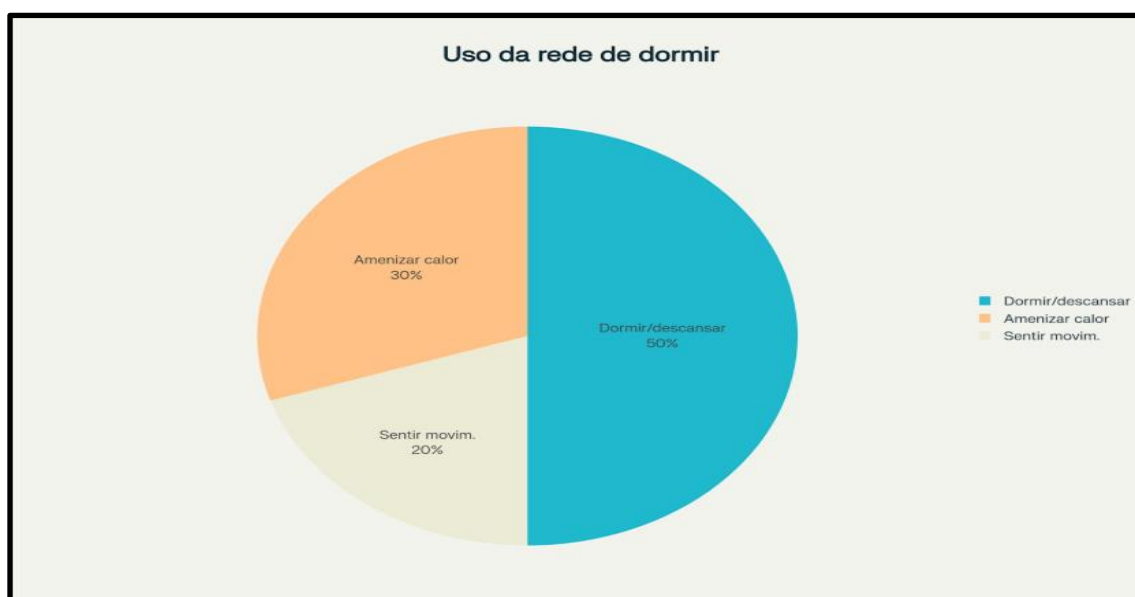


Figura 26 – Gráfico sobre a utilidade da rede de dormir para o vianense

A partir da leitura do gráfico, observa-se que a maioria dos participantes do questionário não considerou a mobilidade da rede de dormir como uma de suas características centrais. Apenas uma parcela reduzida reconheceu que a rede se desloca no espaço, podendo mover-se em diferentes direções, ser torcida, sacudida ou embalada. Quando essa dimensão é considerada com maior atenção, a rede deixa de ser compreendida exclusivamente como um local de repouso, revelando outras possibilidades de uso e interação. Diante disso, impõe-se a seguinte indagação: por que, para a maioria dos respondentes, a rede é percebida apenas como um lugar destinado ao descanso?

Dando continuidade à análise do questionário, foi incluída a pergunta: “Na sua casa, as pessoas costumam dormir em camas ou em redes? Explique o motivo”. Nessa questão, alguns participantes responderam de forma bastante sucinta, limitando-se a poucas palavras e, por vezes, omitindo a justificativa solicitada. Ainda assim, foi possível identificar um padrão geracional: os participantes mais jovens demonstraram preferência pelo uso da cama, enquanto os mais idosos afirmaram dormir predominantemente em redes. Estes últimos acrescentaram, em seus relatos, que a rede é tradicionalmente utilizada durante o dia, especialmente após o almoço, para o cochilo da tarde, uma prática cultural mantida com rigor na cidade de Viana. Nesse horário, o comércio local costuma fechar as portas, as ruas tornam-se silenciosas e a população se recolhe, instaurando um tempo social marcado pelo repouso e pela suspensão das atividades cotidianas.

Outros interlocutores relataram manter uma rede instalada na varanda ou na sala da casa, destinada exclusivamente a momentos de descanso breve, sobretudo no período da tarde,

havendo, inclusive, situações de disputa entre os moradores para utilizá-la primeiro. Observa-se, nesse caso, uma interação direta e cotidiana entre os sujeitos e a rede de dormir, que passa a organizar práticas e dinâmicas no espaço doméstico. A professora Vitória Santos, graduada em Letras, Pedagogia e Administração Escolar, de 73 anos, aposentada, casada, mãe e avó, afirmou possuir uma rede na sala de estar, utilizada apenas para o descanso vespertino, momento em que, com frequência, mais de uma pessoa manifesta o desejo de ocupá-la. Esse relato evidencia o valor simbólico e afetivo atribuído à rede no cotidiano familiar, especialmente em determinado horário do dia. A disputa pelo uso da rede revela não apenas a centralidade do descanso, mas também a preferência por esse objeto em detrimento da cama, como se a rede fosse, naquele contexto específico, o meio mais adequado e eficaz para proporcionar repouso e conforto.

Nessa configuração, a rede de dormir atua quase como um personagem do cotidiano, capaz de despertar desejo e mobilizar os moradores, que por vezes a disputam para usufruir de um breve momento de descanso, ainda que efêmero. Paradoxalmente, ao anoitecer, ela é deixada de lado em favor da cama, revelando uma alternância simbólica e funcional em seu uso. Presente de forma permanente na sala, a rede integra-se à arquitetura doméstica como um móvel móvel, incorporado ao espaço e à rotina, mas raramente problematizado em sua historicidade ou significado cultural. Sua existência prolongada e naturalizada no ambiente doméstico parece dispensar questionamentos sobre sua origem, seus sentidos ou os saberes que a constituíram. Tal naturalização pode ser compreendida, em parte, como efeito da comodidade cotidiana, que leva à aceitação acrítica dos objetos que nos cercam. Assim, a rede de dormir convida a uma reflexão mais ampla: quantos artefatos coexistem conosco em nossos lares sem que nos interroguemos sobre os caminhos que percorreram, as mãos que os produziram e os propósitos para os quais foram concebidos? Essa ausência de questionamento evidencia a facilidade com que incorporamos objetos prontos à vida cotidiana, silenciando as histórias materiais e culturais que os constituem.

A estudante Kelly Yasmin, de 15 anos, moradora da Rua Antônio Lopes, relatou que, em sua família, o uso da rede de dormir coexistia com o da cama; contudo, ao longo do tempo, passaram a utilizar exclusivamente a cama, sem que houvesse um motivo claramente identificado para essa mudança. De modo semelhante, a estudante Maysa Campos, de 14 anos, aluna do Ensino Médio em tempo integral no IFMA de Viana, informou em seu questionário que dorme atualmente na cama. Ela destacou que sua residência possuía diversos “ganchos”, referindo-se às escáfulas ou armadores de redes, distribuídos pelas paredes, evidenciando o uso

recorrente desse objeto no passado. No entanto, segundo seu relato, restou apenas um par desses suportes, hoje utilizado de forma esporádica, o que sinaliza uma transformação gradual nos hábitos domésticos relacionados ao descanso.

A análise dos dados obtidos a partir da pergunta – “Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes?” – indica que 54,5% dos participantes afirmaram dormir em camas, 27,3% relataram alternar entre camas e redes, e 18,2% declararam dormir exclusivamente em redes. Observa-se que a preferência pela cama é predominante entre os participantes mais jovens, enquanto o hábito de dormir em redes se mostra mais recorrente entre as gerações mais velhas, evidenciando uma relação significativa entre faixa etária e escolha do leito.

Entre os 27,3% que alternam entre cama e rede, identifica-se uma diversidade etária expressiva, envolvendo jovens, adultos e idosos, o que sugere a coexistência e a sobreposição de práticas tradicionais e contemporâneas no interior dos lares vianenses. Essa convivência intergeracional pressupõe momentos de interação e compartilhamento de hábitos, nos quais as formas de dormir foram transmitidas, ressignificadas ou adaptadas ao longo do tempo, influenciando escolhas futuras. Assim, a opção entre cama e rede não se apresenta como rígida, mas como resultado de experiências corporais, afetivas e culturais acumuladas, nas quais cada corpo se adapta àquilo que lhe oferece maior conforto.

Além da dimensão geracional, a escolha pelo uso da cama ou da rede pode ser condicionada por fatores circunstanciais, como o clima ou o estado de saúde. Em determinadas situações, a rede é preferida por favorecer a respiração, uma vez que sua inclinação mantém a cabeça em posição mais elevada em relação aos pés, proporcionando maior conforto corporal. Essa adequação da rede a diferentes contextos é destacada por Cascudo (2003, p. 119), ao afirmar: “Não estou doente para dormir em cama... mesmo doentes ficavam nas redes. Alguns tomavam a cama quando chegava o médico ou visitas de cerimônia. Depois, punham-se, aliviados, na rede querida”.

Desse modo, a rede de dormir revela-se um artefato flexível e funcional, capaz de responder às mais diversas situações do cotidiano, sendo ora preterida, ora escolhida, conforme as necessidades do corpo e da experiência individual, reafirmando seu lugar central na cultura doméstica e nos modos de viver locais.

Esses achados dialogam com as reflexões de Mauss (2003), para quem as técnicas do corpo, como o modo de dormir, são transmitidas socialmente e adaptadas de acordo com o contexto cultural e geracional, reforçando a importância da rede de dormir como elemento

identitário e dinâmico na cultura brasileira. A seguir o gráfico demonstrativo que reflete os percentuais obtidos:

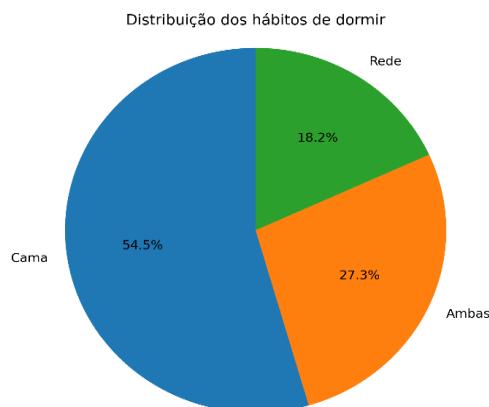


Figura 27 – Dos hábitos de dormir em camas, redes ou ambas.

Seguindo ainda com as perguntas do questionário, a estudante do 1º ano, Maria Eduarda, de 15 anos, em resposta ao questionamento sobre a origem da rede de dormir, escreveu não saber a respeito, mas, sabia que os materiais usados nas primeiras redes eram a lona e o algodão. A universitária Júlia de Jesus, de 19 anos, afirmou também não conhecer a origem da rede de dormir, mas que recordava da imagem dos navios negreiros, associando a rede de dormir como elemento presente nesses navios. Declarou também acreditar que a sua avó, Maria Raimunda, sabia fazer redes, mas devido à idade não podia fazer mais. Tentei marcar uma conversa, mas minhas tentativas foram em vão. Alguns participantes ou foram monossilábicos ou deixaram a questão em branco. Laurinete, de 56 anos, solteira, curso superior e pós-graduada, voluntária na biblioteca da AVL que atende os estudantes da cidade, respondeu que ouviu falar em redes a partir da cultura indígena, e que as redes eram feitas de cipós. Ainda com uma certa dúvida, Jedíael de 38 anos, formação superior, policial e escritor, considerou que desde a colonização foram encontradas redes entre os povos originários no Brasil.

A análise das respostas referentes ao conhecimento sobre a origem das redes de dormir, obtidas junto a um grupo de 11 participantes, entre jovens, adultos e idosos, revela um quadro significativo de dispersão informacional. Os dados indicam que 36,4% dos entrevistados declararam não saber a origem da rede de dormir, enquanto outros 36,4% reconheceram corretamente sua origem vinculada aos povos indígenas, evidenciando a permanência desse saber ancestral, ainda que de forma parcial, no imaginário social. Por sua vez, 27,3% dos participantes afirmaram não ter certeza sobre essa origem, demonstrando dúvidas ou

conhecimentos fragmentados. Esses resultados evidenciam uma lacuna no conhecimento histórico-cultural acerca da rede de dormir, mesmo sendo ela um objeto amplamente presente no cotidiano doméstico. Tal constatação reforça a necessidade de ações educativas e culturais que promovam a valorização e a difusão das raízes indígenas desse artefato, contribuindo para o fortalecimento da memória coletiva e da identidade cultural local. O gráfico a seguir ilustra, de forma sintética, a distribuição percentual dessas respostas, facilitando a visualização dos dados levantados na pesquisa de campo.

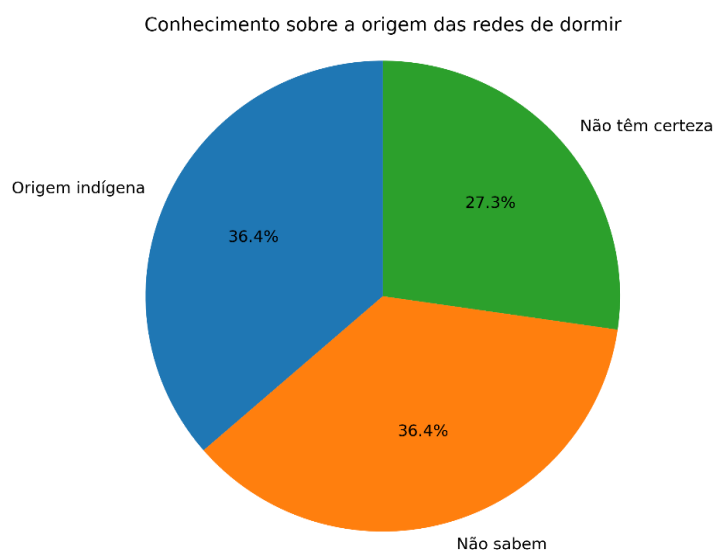


Figura 28 – Gráfico conhecimento sobre a origem das redes de dormir.

A leitura do gráfico evidencia que o número de participantes que desconhecem a origem da rede de dormir, somado àqueles que demonstram incerteza, supera o contingente dos que afirmam conhecer sua história. Tal resultado revela uma fragilidade no processo de transmissão da memória histórico-cultural associada a esse objeto, especialmente significativo em um país cujas redes de dormir têm origem nos povos indígenas. Sob a perspectiva das reflexões de Pollak (1989), esse cenário pode ser compreendido como um efeito do esquecimento social, entendido não como ausência absoluta de memória, mas como resultado de silenciamentos, rupturas e descontinuidades nos processos de transmissão entre gerações. Para o autor, a memória é sempre seletiva e atravessada por relações de poder, o que faz com que determinados saberes sejam mais valorizados, enquanto outros tendem a ser marginalizados ou esquecidos.

Nessa mesma direção, Ricoeur (2008) considera que o esquecimento não se opõe de modo simples à memória, mas é parte integrante de sua própria dinâmica, assumindo a forma

de apagamento quando as narrativas deixam de ser contadas e reinscritas no presente. Assim, o desconhecimento acerca da origem da rede de dormir aponta para um enfraquecimento das narrativas que conectam esse artefato às experiências históricas e culturais dos povos originários, comprometendo sua função como suporte de identidade. Esse apagamento simbólico afeta diretamente a forma como as gerações atuais e futuras se relacionam com o objeto, reduzindo-o, muitas vezes, à sua dimensão utilitária e obscurecendo seu valor como documento histórico-cultural e como elemento constitutivo da memória coletiva.

Retomando a reflexão sobre o hábito de dormir em redes, não se trata de prescrever uma forma correta ou ideal de repouso — cada indivíduo constrói, ao longo da vida, suas próprias preferências corporais e modos de dormir. Contudo, o desconhecimento acerca da origem e da história dos costumes relacionados à rede de dormir produz efeitos mais amplos do que uma simples escolha cotidiana. A ausência de informação e de diálogo sobre esses saberes tradicionais desencadeia um processo gradual de silenciamento que, por sua vez, conduz ao esquecimento. Aquilo que não é narrado, compartilhado ou problematizado tende a desaparecer do horizonte coletivo, apagando não apenas práticas, mas também histórias, identidades e formas de existência socialmente construídas.

Esse mecanismo pode ser compreendido a partir da dinâmica da memória social: o que é reiteradamente lembrado permanece vivo; o que deixa de circular no discurso tende a se diluir. De maneira ilustrativa, ainda que em um registro mais cotidiano, observa-se como determinadas músicas, amplamente difundidas nas mídias digitais, acabam sendo memorizadas e repetidas, mesmo quando não despertam apreço estético. A repetição constante assegura sua permanência na memória. De modo inverso, práticas culturais que deixam de ser faladas, ensinadas e contextualizadas perdem visibilidade e significado ao longo do tempo. Assim, torna-se fundamental pesquisar, dialogar e narrar a história da rede de dormir, de modo que as gerações atuais possam reconhecê-la e transmiti-la às gerações futuras.

Dessa forma, o questionário aplicado junto aos moradores de Viana cumpriu um papel relevante ao provocar lembranças, ativar memórias e tensionar as relações entre o objeto, a rede de dormir, e as experiências humanas a ele associadas. Ao rememorar usos, significados e afetos, a pesquisa contribuiu para reinscrever a rede no campo da reflexão cultural. A partir desse movimento, buscou-se ampliar a investigação para outros registros simbólicos, por meio da seguinte questão: “Você conhece algum livro, filme, música ou poesia que conte alguma história sobre a rede de dormir?”. Solicitou-se, ainda, que os participantes explicassem suas respostas e citassem exemplos. Os resultados dessa questão são apresentados e analisados a

seguir, conforme ilustrado no gráfico subsequente.



Figura 29 – O conhecimento sobre filmes, músicas ou poesias relacionadas à rede de dormir.

Com base nesses dados da pesquisa aplicada, observou-se que, ao serem questionados sobre o conhecimento de algum livro, filme, música ou poesia que narrasse histórias relacionadas à rede de dormir, a maioria dos participantes não soube ou esqueceu de indicar alguma referência. De um total de onze entrevistados, apenas cinco mencionaram conhecer alguma música relacionada, citando a canção “Redinha de Algodão” (comentada mais adiante) enquanto os demais seis não reconheceram nenhuma obra cultural associada à rede de dormir. Esse resultado evidencia uma lacuna na difusão e valorização das narrativas culturais ligadas à rede, apesar de sua presença significativa no cotidiano e na memória afetiva de diversas comunidades. Tal constatação reforça a importância de iniciativas que promovam a preservação e divulgação dessas expressões artísticas e culturais, contribuindo para o fortalecimento da identidade e do patrimônio imaterial associados à rede de dormir.

Dando continuidade à pesquisa, investigou-se se os moradores de Viana conheciam pessoas que fabricavam redes de dormir e, em caso afirmativo, quem seriam e onde exerciam essa atividade. As respostas revelaram memórias fragmentadas, mas significativas. Júlia de Jesus, 19 anos, estudante universitária, afirmou: “Acredito que minha avó sabia fazer redes, seu nome é Maria Raimunda”. Jediael Everton, 38 anos, casado, pai, policial, relatou: “A minha mãe fazia em tear, tecendo fio a fio. Eu era criança, mas lembro. Fazia em casa”. Neste caso, também tentei articular uma entrevista, ligação, ou que me respondesse ao questionário, mas devido à idade avançada e a sensível condição de saúde, não foi possível. Já Maria Vitória Santos Cidreira, 73 anos, professora aposentada, destacou: “Sim, muitas! Conheci pessoas que

eram profissionais na fabricação de redes e que já faleceram, mas há ainda outras vivas em nossa cidade”. Apesar da afirmativa, não encontrei outra pessoa, que não fosse Dona Isauderina. Talvez o curto tempo para desenvolver esta pesquisa tenha limitado a investigação. O que não impede que em outro momento este dado venha a ser melhor abordado.

Os dados obtidos indicam que, entre os 11 participantes da pesquisa, apenas quatro afirmaram conhecer pessoas que fabricam ou fabricaram redes de dormir em Viana, enquanto sete declararam não conhecer ninguém envolvido atualmente com esse ofício. Esse resultado evidencia, por um lado, a permanência de memórias individuais e familiares relacionadas à produção artesanal das redes e, por outro, o progressivo enfraquecimento da visibilidade social desse saber tradicional. Para facilitar a visualização e a compreensão da distribuição das respostas, apresenta-se a seguir o gráfico correspondente a essa questão.

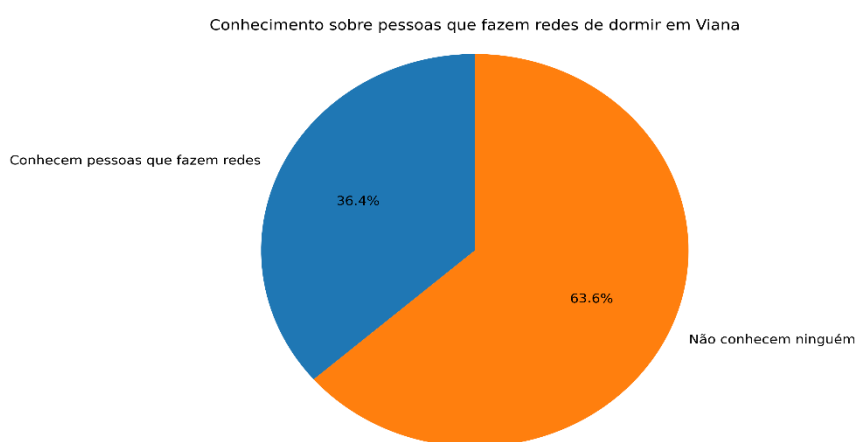


Figura 30 – Conhecimento sobre pessoas que fazem redes de dormir em Viana

E como parte da investigação, partiu-se para algo mais pessoal ainda, com a pergunta: “Conhece alguma história curiosa sobre a rede de dormir?”. Das respostas totais dos 11 participantes, 6 responderam que conheciam, enquanto 5 afirmaram desconhecer. Nesse quesito vieram então as histórias. “Minha mãe conta sobre uma mulher amamentando, e a cobra descia pelo punho da rede, retirava o bebê do peito e colocava a boca no lugar”. Completou afirmando: “minha mãe tem várias redes em casa, mas nunca deitou em nenhuma” (Laurinete Costa Coelho, 56 anos, solteira, pós-graduada). “Lembro que eu caía dela, e uma mais específica em que eu batia a cabeça no chão. Hoje é um pouco cômico, mas na época doeu”, afirmou Maysa Campos Lemos, 14 anos, Ensino Médio Integral. “Quando eu era criança, enquanto eu brincava na calçada da casa à noite, meu pai se embalava numa rede, e durante o embalo havia um som na escápula, isso era o sinal para saber se ele estava dormindo ou não”

(Maria Consuelo Travassos, 62 anos, casada, escritora). Kelly Yasmim, 15 anos, estudante do Ensino Médio, escreveu: “Quando eu era criança, meus primos, meu irmão e eu costumávamos brincar de empurrar e balançar a rede como se fosse aquelas barcas de parque”.

Com base nos parágrafos apresentados, é possível concluir que a rede de dormir, além de ser um objeto utilitário, carrega uma profunda carga cultural e afetiva para a comunidade de Viana. As narrativas pessoais revelam que o conhecimento sobre a confecção e o uso das redes está intrinsecamente ligado às memórias familiares e às tradições locais, transmitidas de geração em geração. Conforme destaca Alfred Gell (2018), as obras de arte e artefatos, como a rede de dormir, funcionam como extensões da intencionalidade dos seus criadores e das sociedades que as produzem, estabelecendo uma relação dinâmica entre o agente (tecelã), o índice (a rede), o protótipo (modelo cultural) e o paciente (usuário ou receptor da obra). Dessa forma, a rede de dormir em Viana não é apenas um objeto funcional, mas um elo simbólico que conecta passado e presente, revelando a importância de preservar essas práticas e histórias como parte do patrimônio cultural imaterial da região.

Os elementos das histórias coletadas, ilustram a importância da rede de dormir de diversas formas que enriquecem o entendimento cultural e social do objeto. Primeiramente, as narrativas pessoais trazem o fato (o que acontece), como a história da cobra que desce pela rede, enquanto a mãe amamenta o bebê, ou as brincadeiras infantis na rede, que despertam a atenção e a emoção do ouvinte, criando uma conexão afetiva com o objeto. O tempo e o espaço dessas histórias (quando e onde acontecem) remetem à tradição familiar e comunitária, como os relatos sobre mães e avós que teciam redes em casa, o pai que ajuda a filha a começar a tecer a rede, situando a rede no contexto da vida cotidiana em Viana. O enredo dessas memórias, com episódios de cuidado, brincadeira e até perigo, revela a rede como um elemento vivo da cultura local, carregado de significados e experiências compartilhadas.

As narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa evidenciam a potência da oralidade como forma de transmissão cultural e de preservação da memória coletiva. Conforme argumenta Larrosa (2002), a experiência narrada não se limita à comunicação de informações, mas constitui um modo de elaboração do vivido, no qual o sujeito atribui sentido àquilo que experimenta. Nesse contexto, os relatos sobre a rede de dormir possibilitam a identificação entre narrador e ouvinte, ativando memórias, afetos e reconhecimentos compartilhados. Assim, as histórias não apenas informam sobre os usos e modos de fabricação da rede, mas expressam valores, saberes e relações sociais que a atravessam, evidenciando seu papel como elemento constitutivo da identidade local. A rede de dormir, portanto, emerge simultaneamente como

patrimônio material, enquanto objeto, e imaterial, enquanto portadora de memórias, práticas e narrativas que se atualizam na experiência social.

Desse modo, os elementos constitutivos das narrativas, acontecimentos, personagens, temporalidades, espaços e enredos, mostram-se centrais para a compreensão da rede de dormir no âmbito desta pesquisa. Eles permitem apreender a rede não apenas como um artefato material, mas como um suporte de memória e um símbolo ativo das práticas sociais, das experiências vividas e das identidades compartilhadas pela comunidade vianense. Em consonância com Pollak (1989), observa-se que as narrativas acionam memórias individuais e coletivas ancoradas em acontecimentos vividos, em pessoas significativas e em lugares específicos, revelando como a rede participa da construção do sentimento de continuidade e pertencimento social. As lembranças associadas à infância, à convivência familiar e ao cotidiano doméstico evidenciam a rede como um marcador identitário, capaz de articular passado e presente no interior das experiências narradas.

Sob a perspectiva de Ricoeur (2007), essas narrativas operam como formas de mediação entre memória e história, pois organizam o vivido em relatos dotados de sentido, nos quais o tempo é reconfigurado pela memória. Os depoimentos sobre a confecção das redes, seja no tear da avó, no trabalho da mãe ou na trajetória de Dona Isauderina, evidenciam a transmissão intergeracional de saberes como uma prática narrativa que assegura a permanência do *saber-fazer* tradicional. Nesse processo, a rede de dormir se consolida como um elo entre gerações, materializando aquilo que Ricoeur denomina de “memória narrada”, na qual o objeto funciona como testemunho silencioso das experiências humanas.

Além disso, as histórias de uso da rede, como no embalo do pai, as brincadeiras infantis ou o descanso compartilhado, revelam dimensões afetivas e relacionais que reforçam o papel da rede como espaço de convívio, cuidado e sociabilidade. Tais narrativas confirmam que a rede não apenas integra o cotidiano doméstico, mas participa ativamente da tessitura das relações sociais, assumindo a função de um lugar de memória, nos termos de Pollak, onde se entrelaçam afetos, práticas culturais e identidades coletivas.

As narrativas em torno da rede de dormir, coletadas junto aos moradores de Viana, evidenciam que esse objeto ultrapassa amplamente sua função utilitária, configurando-se como um operador simbólico fundamental na construção da memória, da identidade e das relações sociais locais. Conforme argumenta Michael Pollak (1989), a memória se estrutura a partir de acontecimentos, personagens e lugares compartilhados, sendo constantemente reelaborada nas interações sociais. Nesse sentido, a rede de dormir emerge como um suporte material dessas

memórias, pois participa dos acontecimentos cotidianos, é mediada por pessoas significativas — mães, avós, artesãs — e ocupa espaços centrais da casa, tornando-se um elemento de continuidade entre passado e presente.

Sob a perspectiva de Paul Ricoeur (2007), a memória se realiza narrativamente, isto é, ganha sentido quando é contada, reinterpretada e transmitida. As histórias sobre o uso da rede — seja como espaço de descanso, de cuidado, de brincadeira ou de trabalho — operam como narrativas que organizam a experiência vivida e permitem à comunidade reconhecer-se no tempo. Ao serem narradas, essas experiências resistem ao esquecimento e ao apagamento cultural, reafirmando a rede como um elemento constitutivo da identidade vianense.

Essa dimensão relacional e comunicacional é aprofundada por Anne Cauquelin (2007), ao discutir a “sociedade da comunicação”, na qual os sentidos não residem isoladamente nos objetos, mas se constroem em redes de significação. As histórias, práticas e afetos associados à rede de dormir formam uma teia simbólica que conecta indivíduos, gerações e modos de vida. Assim, a rede não é apenas um artefato material, mas um ponto de convergência de narrativas, valores e memórias que circulam socialmente, produzindo pertencimento e reconhecimento coletivo.

Além disso, as narrativas revelam dimensões de resistência e empoderamento, especialmente quando evidenciam trajetórias de mulheres que aprenderam o ofício ainda na infância e transformaram esse saber em meio de subsistência, ou quando mostram a rede como espaço de cuidado, acolhimento e sobrevivência cotidiana. Nesses relatos, a rede assume um papel ativo na vida social, funcionando como testemunha e agente das experiências humanas, conforme sugerem as abordagens contemporâneas da materialidade e da memória.

Dessa forma, ao articular memória, narrativa e comunicação, a análise das narrativas sobre a rede de dormir em Viana permite compreendê-la como patrimônio material e imaterial, inscrito nas práticas do cotidiano e nas histórias compartilhadas. A rede consolida-se, assim, como um elemento central na transmissão de saberes, no fortalecimento dos laços sociais e na afirmação da identidade cultural local, resistindo ao esquecimento por meio da palavra, da experiência e da memória coletiva.

Os resultados indicam que há uma diversidade significativa no entendimento sobre a origem das redes de dormir, com cerca de 36% a 45% dos participantes desconhecendo sua procedência, enquanto aproximadamente 36% reconhecem a origem indígena. Em relação ao uso, 60% afirmaram dormir em camas, 30% alternam entre camas e redes, e 20% preferem exclusivamente a rede, sendo que os mais jovens tendem a optar pela cama, enquanto os idosos

mantêm a tradição da rede. A faixa etária dos que utilizam ambas as opções, incluem jovens, adultos e idosos, demonstrando a coexistência de práticas tradicionais e contemporâneas no ambiente doméstico.

De modo geral, a arte é frequentemente compreendida como algo restrito à esfera da beleza, da expressão estética ou da representação simbólica, muitas vezes associada aos museus ou a manifestações culturais institucionalizadas, o que a faz parecer distante do cotidiano e inacessível para grande parte das pessoas. No entanto, ao refletir a partir da perspectiva proposta por Alfred Gell, essa compreensão se amplia significativamente. Para o autor, a arte deve ser entendida como uma ferramenta social dotada de agência, capaz de produzir efeitos concretos sobre as emoções, os comportamentos e as relações humanas. Gell não se detém apenas no que a arte “significa”, mas sobretudo no que ela “faz” no mundo social. Sob essa ótica, é possível questionar: o que a prática da tecelagem proporcionou à vida de Dona Isauderina? Mais do que uma atividade produtiva, o fazer da rede configurou-se como um modo de existência, uma fonte de sentido, pertencimento e continuidade. De forma semelhante, ao se conhecer a trajetória da artista canadense Maud Lewis, reconhece-se como a arte atuou diretamente sobre suas emoções, sua subjetividade e sua forma de estar no mundo. Assim, tanto Dona Isauderina quanto Maud Lewis, ainda que inseridas em contextos distintos, tornam-se referências potentes para compreender o papel transformador da arte, evidenciando como ela pode operar como uma bússola existencial, oferecendo orientação, resistência e sentido àqueles que a vivenciam como prática cotidiana.

Gell (2018) exemplifica sua teoria ao analisar os escudos Asmat, produzidos por grupos indígenas da Papua-Nova Guiné, ricamente ornamentados com padrões geométricos e figuras antropomórficas. À primeira vista, tais escudos poderiam ser compreendidos apenas como objetos esteticamente elaborados ou carregados de simbolismo ritual. No entanto, para o autor, eles ultrapassam essas dimensões, pois atuam de forma ativa no contexto social e bélico: ao serem empunhados pelos guerreiros, fortalecem sua moral, conferem proteção simbólica e impõem temor aos adversários. Desse modo, a arte não se restringe à contemplação, mas participa efetivamente das relações sociais, produzindo efeitos concretos no mundo.

Nessa perspectiva, a noção de agência proposta por Gell refere-se à capacidade de pessoas ou objetos de provocar ações, afetos e respostas nos outros. Embora tradicionalmente a agência seja atribuída exclusivamente aos seres humanos, o autor argumenta que determinados objetos também podem exercê-la, na medida em que influenciam percepções, emoções e comportamentos daqueles que com eles interagem. Tal compreensão permite

aproximar essa teoria do contexto das redes de dormir produzidas por Dona Isauderina, em Viana. Com frequência, pessoas que passam por sua casa-ateliê se detêm diante das redes, sentem-se tocadas pela beleza, pela força do entrelaçamento dos fios e pela dedicação impressa no trabalho artesanal, manifestando o desejo de adquiri-las. Nesse sentido, as redes atuam como agentes, capazes de suscitar encantamento, emoção e vínculos simbólicos, confirmando o argumento de Gell de que a arte age socialmente e não permanece como elemento passivo.



Figura 31: Tecelagem de Dona Isauderina, artesã vianense. Foto autoral.

Gell (2018) ainda cita um exemplo bem conhecido, a Madona de Czestochowa, um ícone religioso na Polônia. Para os fiéis, essa imagem de Nossa Senhora Negra tem um poder especial: dizem realizar milagres, proteger a cidade e responder às orações. Independentemente de pertencer a quaisquer que sejam as religiões, o fato é que essa imagem tem um impacto real na vida das pessoas, move multidões, desperta emoções e pode até influenciar a tomar decisões ligadas às questões políticas e sociais.

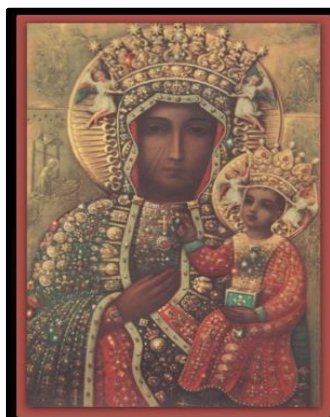


Figura 32: Madona de Czestochowa – Polônia. Fonte: internet.

Arte, para Gell (2018), não é apenas uma questão de beleza ou simbolismo, mas algo que participa das relações sociais. Agência é o poder de um objeto (ou pessoa) que afeta o mundo ao seu redor. Logo, a própria existência histórica da rede de dormir evidencia sua capacidade de afetar e mobilizar pessoas, imaginários e práticas sociais. Ao longo do tempo, esse artefato atravessou distintos contextos culturais e temporais, exercendo funções e significados variados: desde sua menção inaugural na carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelas aquarelas de Jean-Baptiste Debret, pela adaptação europeia das *amacas* utilizadas por marinheiros, até sua ressignificação artística na instalação *Riposatevi*, de Lúcio Costa, apresentada em Milão. Entre esses marcos, há um vasto intervalo histórico permeado por transformações sociais, crises e conflitos que marcaram a humanidade; ainda assim, a rede permaneceu presente, ativa e funcional, adaptando-se a múltiplas realidades. Ela é, simultaneamente, abrigo para o descanso, leito para o sono e, no imaginário infantil, barco em movimento. Essa potência simbólica manifesta-se também nos relatos dos interlocutores da pesquisa. Ao responder à pergunta sobre histórias curiosas envolvendo a rede de dormir, a professora e escritora Consuelo, de 62 anos, recorda: “Enquanto eu brincava na calçada da casa à noite, meu pai se embalava numa rede, e durante o embalo havia um som na escápula; isso era o sinal para saber se ele estava dormindo”. Tal memória revela como a rede ultrapassa sua função utilitária e atua como mediadora de afetos, percepções e sentidos cotidianos. Assim como os escudos dos guerreiros analisados por Gell ou as imagens esculpidas nas proas das embarcações, a rede de dormir exerce agência: move o imaginário, transforma experiências e se inscreve de forma duradoura na memória social.

Apesar de os dados revelarem que a maioria dos participantes desconhece a história das redes de dormir, uma das questões do questionário apontou, em sentido oposto, respostas majoritariamente positivas, indicando que a rede ainda permanece viva no imaginário coletivo,

se não plenamente como documento histórico, ao menos como expressão artística. Quando indagados se conheciam algum livro, filme, música ou poesia que narrasse ou mencionasse a rede de dormir, a maior parte dos interlocutores afirmou reconhecer esse objeto em manifestações artísticas, especialmente na música e na poesia. No âmbito musical, destacou-se a canção “Redinha de Algodão”, composta e interpretada por Dilú Melo, lançada em 1952 pela gravadora Continental. A menção a essa obra não é fortuita: Dilú Melo, artista vianense, iniciou sua formação musical ainda na infância, aprendendo violino com sua mãe, Dona Nenê, aos nove anos de idade, e compondo sua primeira música aos treze anos. Sua trajetória reafirma a forte tradição musical de Viana.

Quando os conceitos de arte e agência se articulam, conforme proposto por Alfred Gell, a arte deixa de ser compreendida como um objeto inerte ou meramente contemplativo e passa a ser entendida como algo que atua sobre o mundo social. A arte, nesse sentido, exerce agência ao afetar emoções, orientar pensamentos e influenciar ações humanas. A trajetória da rede de dormir, particularmente na experiência de Dona Isauderina, exemplifica esse princípio: o objeto não apenas compôs o seu cotidiano, mas atuou diretamente em sua formação subjetiva, despertando o desejo de aprender, de fazer e de permanecer no ofício da tecelagem. A rede, portanto, agiu sobre a artesã, mobilizando afetos, sentidos e pertencimento, algo que se manifesta quando ela afirma sentir-se bem e feliz ao exercer aquilo que sabe fazer.

Conclui-se, assim, que, embora a rede de dormir esteja amplamente presente na cultura brasileira e, de modo específico, no cotidiano da cidade de Viana, persiste uma lacuna significativa no conhecimento histórico-cultural acerca de sua origem, trajetória e significado simbólico, sobretudo entre as gerações mais jovens. Os dados analisados indicam que, mesmo integrada à vida doméstica e às práticas diárias, a rede nem sempre é reconhecida como um patrimônio cultural carregado de memória e identidade. Ainda que a amostragem da pesquisa seja reduzida, os resultados evidenciam a necessidade de ampliar ações educativas, investigações acadêmicas e iniciativas de valorização cultural que contribuam para a preservação, a transmissão e a ressignificação da rede de dormir como elemento material e imaterial da memória coletiva vianense.

Conclui-se, portanto, que, apesar da presença constante da rede de dormir na cultura brasileira e, de modo particular, no cotidiano da cidade de Viana, persiste uma lacuna significativa no que se refere ao conhecimento histórico-cultural acerca de sua origem e de seus significados simbólicos, sobretudo entre as gerações mais jovens. Os dados obtidos por meio dos questionários evidenciam que, embora a rede esteja amplamente integrada à vida doméstica,

utilizada para o descanso, o sono noturno, o cochilo após o almoço ou mesmo como elemento decorativo, seu reconhecimento como herança cultural e documento histórico, apesar dos esforços dos teóricos, tem se apresentado fragilizado. Ainda que a amostragem da pesquisa seja reduzida, e não contemple um volume considerável, os resultados apontam para a necessidade de ações educativas, investigações acadêmicas e iniciativas culturais que valorizem a memória, a identidade e o patrimônio material e imaterial representados pela rede de dormir, contribuindo para sua preservação e ressignificação no contexto contemporâneo.

A rede de dormir habita os espaços domésticos de Viana de maneira silenciosa e persistente: estendida nas varandas, armada nos interiores das casas de madeira dos campos, recolhida atrás das portas ou pendida nos cantos à espera do próximo corpo que nela irá repousar. Criada pelos povos indígenas e apropriada ao longo dos séculos por diferentes grupos sociais, a rede permanece como um artefato funcional e simbólico, atravessando gerações e modos de vida. Por sua presença contínua, por sua capacidade de acolher, embalar, proteger e reunir memórias, a rede de dormir pode e deve ser compreendida como um documento histórico vivo, cúmplice das histórias individuais e coletivas que se tecem no cotidiano vianense. Ela testemunha o saber-fazer das tecelãs, como Dona Isauderina, que encontra no ofício da rede não apenas sustento, mas sentido e felicidade, acompanha as infâncias que transformam seu balanço em embarcação imaginária, integra o ritmo das casas, das águas e das lanchas que cortam o lago. Por tudo o que representa – ancestralidade, memória, afeto, trabalho e identidade –, a rede de dormir afirma-se como um patrimônio cultural vivo da cidade de Viana, merecedora de reconhecimento, estudo e valorização contínuos.

A rede de dormir, ao longo desta pesquisa, revela-se como um objeto eminentemente interdisciplinar, atravessado por dimensões históricas, antropológicas, artísticas, sociais e memoriais. Longe de se restringir à função utilitária do repouso, ela se constitui como artefato cultural capaz de condensar práticas corporais (Mauss), memórias individuais e coletivas (Pollak), narrativas afetivas e identitárias (Ricoeur) e formas de agência material (Gell). Sua presença constante nas casas de Viana, suspensa nas salas, varandas ou quartos, utilizada para o sono, o descanso, a brincadeira infantil ou o acolhimento de visitantes, evidencia como o objeto participa ativamente da organização do cotidiano e da produção de sentidos. Exemplos como o trabalho da tecelã Dona Isauderina, cuja prática artesanal traduz a transmissão intergeracional de saberes, ou os relatos dos moradores que associam a rede à infância, ao cuidado familiar e à convivência comunitária, demonstram que a rede opera simultaneamente como documento histórico, suporte de memória, objeto artístico e agente

social. Nesse entrelaçamento de campos do saber, a rede de dormir emerge como um “documento vivo”, cuja materialidade e uso cotidiano permitem compreender a cultura local não apenas pelo que se preserva nos arquivos, mas pelo que se vive, se recorda e se reinventa continuamente no espaço doméstico e social de Viana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou analisar a rede de dormir como artefato histórico-cultural, especialmente no contexto de Viana/MA, articulando de forma interdisciplinar a História, a Arte, a Antropologia e a Etnologia. Ao revisitar registros documentais, iconográficos e relatos de viajantes dos séculos XVI ao XIX, evidenciou-se a centralidade da rede, apesar do tema tangenciar diversos assuntos, não apenas como objeto utilitário, mas como símbolo de identidade, memória e resistência dos povos originários e dos brasileiros.

A pesquisa demonstrou que a rede de dormir transcende sua função prática, sendo também um elemento artístico, de design sofisticado, que atravessou fronteiras e inspirou produções literárias e visuais. O resgate das varandas de crochê, a partir do acervo familiar e sua ressignificação em obras de arte, revelou o potencial da rede como suporte de afetos, memórias e narrativas pessoais, conectando o passado ao presente por meio da criação artística.

Os relatos históricos e etnográficos analisados, aliados à produção artística contemporânea, reforçam a importância da rede de dormir como patrimônio cultural brasileiro, evidenciando sua presença constante no cotidiano, nos rituais e na formação da identidade nacional. O estudo também aponta para a necessidade de valorização e preservação desses saberes tradicionais, frequentemente ameaçados pelo esquecimento e pela modernidade.

Ao propor uma abordagem interdisciplinar, esta dissertação contribui para ampliar o olhar sobre a rede de dormir, promovendo o diálogo entre diferentes campos do saber e estimulando novas investigações sobre objetos do cotidiano como portadores de história, memória e cultura. Assim, reafirma-se a relevância da rede de dormir não apenas como objeto de estudo, mas como elo fundamental entre gerações, territórios e afetos, cuja compreensão pode enriquecer a percepção sobre a diversidade e a riqueza da cultura brasileira.

Este estudo teve como objetivo, ainda, analisar o conhecimento e as percepções de diferentes faixas etárias sobre a rede de dormir, com foco em sua origem, função e uso cotidiano. A metodologia adotada foi qualitativa e quantitativa, por meio da aplicação de questionários a grupos compostos por jovens, adultos e idosos, totalizando 11 a 15 participantes conforme o questionamento. Os dados coletados foram organizados em gráficos para criar uma dinâmica na visualização das respostas.

A presente dissertação analisou a rede de dormir a partir de um percurso interdisciplinar, inicialmente organizado em três capítulos, posteriormente reestruturados em dois, de modo a fortalecer a coerência teórico-metodológica do estudo. A reflexão tem início

na introdução, na qual se explicita a gênese do tema e o interesse investigativo que motivou a pesquisa. Em seguida, desenvolve-se um panorama histórico da rede de dormir, articulando registros estrangeiros, documentos escritos e representações artísticas, que permitem situar o aparecimento e a circulação desse artefato ao longo do tempo. Na sequência, o trabalho dialoga com produções acadêmicas mais recentes sobre a rede de dormir, buscando identificar estudos que abordassem especificamente sua presença no município de Viana, no Maranhão — lacuna que se mostrou significativa. Por fim, por meio da aplicação de questionários, investigou-se a relação entre memória, cotidiano e uso da rede de dormir a partir das vivências dos moradores vianenses. Esse percurso metodológico teve como propósito pensar a rede de dormir como testemunho vivo e artefato histórico-cultural, especialmente no contexto local de Viana/MA, articulando história, memória, antropologia e arte. Coube, portanto, aos dados empíricos e às narrativas coletadas sustentar ou tensionar essa proposição, permitindo compreender de que modo a rede de dormir permanece atuante como elemento material, simbólico e identitário na vida cotidiana da comunidade pesquisada.

Articulando perspectivas das Artes, Antropologia e Etnologia, o percurso investigativo, que dialogou com autores como Câmara Cascudo, Alfred Gell, Berta Ribeiro, refletiu sobre a rede de dormir, e o grupo participante da pesquisa, a partir da perspectiva dos autores, entendendo que a rede de dormir transcende seu uso prático, como identidade, memória e resistência dos povos originários, e como elemento fundamental na formação do cotidiano e da cultura. Ao tempo em que tem sido deixada de lado como conteúdo a ser exibido e discutido, e tornando-se de certa maneira, esquecida por aqueles que se apropriaram dessa técnica de dormir, na medida em que conferem pouca importância à sua história e seu valor.

Este trabalho percorreu apenas uma parte da longa história da rede de dormir; permanece em aberto, ainda, aquela narrada a partir da voz de seus criadores originários. Talvez quando a rede conquistar plenamente mais espaço, seu percurso histórico reverbere com maior intensidade, revelando a memória trançada em cada fio como documento vivo, histórico e cultural. Muito mais do que o objeto registrado em arquivos, bibliotecas ou bases digitais, mas como saber partilhado em narrativas orais, experiências cotidianas e escritos acessíveis, capazes de promover reconhecimento e orgulho por um artefato presente nos lares brasileiros.

A pesquisa demonstrou que, desde os primeiros registros documentais estrangeiros, a rede de dormir despertou interesse, admiração e estranhamento, como evidenciam os relatos de Hans Staden em “Viagem à Terra do Brasil”, entre outros viajantes e artistas que a documentaram em textos, mapas e imagens. Esses registros, articulados às pesquisas

contemporâneas e aos depoimentos coletados em Viana, evidenciam não apenas o valor simbólico e afetivo da rede, mas sobretudo seu caráter transformador, na medida em que provoca reações, comportamentos e emoções nos sujeitos que com ela interagem, conforme a noção de agência proposta por Gell (2018).

Ao longo do segundo capítulo, reforçou-se a necessidade de compreender a rede de dormir como patrimônio cultural brasileiro, destacando sua permanência no imaginário coletivo, nas práticas cotidianas e nas representações artísticas e documentais ao longo dos séculos. A análise desse objeto, a partir de múltiplos olhares e experiências, contribui para a valorização dos saberes indígenas e populares, bem como para a reflexão crítica sobre memória, identidade e diversidade cultural.

Por fim, este estudo evidencia a necessidade de preservar e valorizar os objetos e práticas culturais que nos conectam às nossas raízes, reconhecendo na rede de dormir um significado de entrelaçamento de relações e conexões, um elo entre gerações, territórios e afetos. Espera-se que esta pesquisa suscite inquietações, estimule novas investigações e amplie os debates em torno da rede de dormir, não apenas como artefato funcional, mas como patrimônio material e imaterial. Que a rede seja reconhecida, sobretudo, por aqueles que nela dormem, balançam, descansam ou sonham, como testemunho vivo na história e da cultura da cidade de Viana.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **A Arte e as Artes**: primeira introdução à Teoria Estética. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- AMARAL, Ivanilda Teixeira do. O Saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II/PI: uma proposta de inventário participativo – TeMA. Universidade Federal do Piauí, 2017. Disponível em <http://repositoriomude.com.br/disserta/o-saber-fazer-da-tecelagem-manual-das-redes>. Acesso em 5.jun.2025.
- AVALOSE, Cláudia M.; Meneses, Patrícia D. **Arte não Europeia** – conexões historiográficas a partir do Brasil. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2020.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BENJAMIN, W. **Estética e Sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2017.
- BHABHA, Homi K. **O Lugar da Cultura**. Tradução: Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA. História do Município de Viana. Disponível em <https://www.cmviana.ma.gov.br/historia-do-municipio>. Acesso em 5.jun.2025.
- CARDOSO, Ruth. **Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 107-126.
- CASCUDO, Câmara. **Rede de Dormir – Uma Pesquisa Etnográfica**. São Paulo: Global, 2003.
- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CONVENÇÃO DE ZONAS ÚMIDAS. Planejamento para o Sucesso de Conservação., Sítio Ramsar APA das Reentrâncias Maranhenses/MA. (Ramsar, Irã 1971). Disponível em https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-ecossistemas/ecossistemas/areas-umidas/publicacoes/baixada_maranhense.pdf Acesso em 5.jun.2025.
- CUNHA, Andrei; RASSIER, Luciana; KAHMANN, Andrea (org.). **Territórios culturais, fronteiras e tradução**. Porto Alegre: Bestiário/Class, 2021.
- DANTO, Arthur C. **A Transfiguração do lugar-comum**. São Paulo: Cosac&Naify, 2005.
- DENIS, Ferdinand. VALENTE, Cristóvão. **Fragment d'une théogonie brésilienne recueilli**

au XVI e siècle. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/639>. Acesso em 23.abr.2025.

FONSECA, Rafael. Redes de Dormir. In: Revista Carbono. Disponível em http://revistacarbono.com/artigos/03redes-de-dormir-raphael-fonseca/#_ftn3. Acesso em 5.jun.2025.

GARDNER, James. **Cultura ou lixo?** Uma visão provocativa da arte contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

GEHRING, C. **O ambiente do trópico úmido e o manejo sustentável dos agrossistemas.** In: MOURA, E. G. de; AGUIAR, A. C. F. O desenvolvimento rural como forma de ampliação dos direitos no campo: princípios e tecnologias. São Luís: UEMA, 2006, p. 101-140.

GELL, Alfred. **Arte e Agência:** uma Teoria Antropológica. Tradução: Jamile Pinheiro Dias, coleção Argonautas. São Paulo: Ubu Editora, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa Social.** São Paulo – 6ª edição. Ed. Atlas, 2008.

_____. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** São Paulo – 4ª edição. Ed. Atlas, 2002.

GOMES, Mércio Pereira. **The Ethnic Survival of the Tenetehara Indians of Maranhão, Brazil.** Gainesville: University of Florida, 1977.

GREENBERG, Clement. **Arte e Cultura.** São Paulo, Ática, 1996.

GUERARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. **Método de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, STUART. WOODWARD, Kathryn. SILVA, Thomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e Diferença:** a Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEENHARDT, Jacques. **Jean Baptiste Debret:** um olhar francês sobre os primórdios do império brasileiro. École des Hautes études en Sociales (EHESS), França. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752013v367> Acesso em 23.abr.2025.

LEITE, Sylvia. **Lugares de Memória** Disponível em <https://lugaresdememoria.com.br/ini-ou-rede-de-dormir-um-utensilio-que-se-tornou-simbolo-de-brasilidade/> Acesso em

5.jun.2025.

LIMA, Edney Araujo. **Etnomatemática e cultura local: saberes dos tecelões de Jaguaruana. Fortaleza: UFC, 2019.**

MAINARDES, Jefferson. CURY, C. Roberto Jamil. **Ética e Pesquisa em Educação: subsídios. Rio de Janeiro – ANPED, 2019.**

MAUSS, Marcel. 2003. **As técnicas do corpo.** In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac&Naify, p. 399-422. [1934]

MELATTI, Júlio Cezar. **Os índios Tenetehara e a sociedade nacional.** Revista de Antropologia, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 55–74, 1993.

NORONHA, Raquel Gomes. **Design, artesanato e comunidade: práticas colaborativas no Maranhão.** DAT Journal, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 48–63, 2019. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/642>. Acesso em: 10.fev.2025.

NORONHA, Raquel Gomes; ALCÂNTARA, G. **Especificidades e modos de fazer em comunidades tradicionais: entre o artesanato e o design.** In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 12., 2016, Belo Horizonte. *Anais...* São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/22-20557/>. Acesso em: 10.fev.2025.

OLIVEIRA, Christofferson L. **A Missão de Maracu e a formação da vila de Viana (1683-1759).** 2015. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de criação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

_____. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-201.

PORTAL PUC. Etnomatemática: estudos propõe novas abordagens para o ensino da disciplina. Disponível em <https://portal.pucrs.br/noticias/ensino/etnomatematica/> Acesso em 5.jun.2025.

PRODANOV, Cristiano Cleber. FREITAS, Ernani César de Freitas. **Métodos e Trabalho Científico: Método e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª edição. Novo

Hamburgo: Feevale, 2003.

RAMINELLI, Ronald José. Escritos, Imagens e artefatos: ou a viagem de Thevet à França Antártica. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/nVPKFgdrx3xvv3btNYGSD9N/>. Acesso em 5.jun.2025.

REGO, J. S. do. **Literatura e Humanização em Antonio Candido**. Revista Guará – Revista de Linguagem e Literatura, Goiânia, Brasil, v. 10, n. 2, p. 61–68, 2021. DOI: 10.18224/gua.v10i2.8766. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/8766>. Acesso em: 5.jun.2025.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena** – Linguagem Visual. Ed. Itatiaia, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **Arte Índia** – Suma Etnológica Brasileira. Vol. 3. Ed. Vozes, 1986.

_____. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis: Vozes, 1970.

SEEGER, Anthony. **Os índios e Nós**: Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras. Editora Camus. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú – Coleção Nicolai.

SOUZA, J. e OELZE, B. (org.) **Simmel e a Modernidade – A Ruína**. SP: UnB, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Trançados indígenas norte amazônicos**: fazer, adornar, usar. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v. 4, n. 2, p. 117-146, dez.2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté**: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

WOLF-MEYER, Matthew J. **The Slumbering Masses**: Sleep, Medicine, and Modern American Life. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

ZALUAR, Alba. **Teoria e Prática do Trabalho de Campo**. Alguns Problemas. In: De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de Tristes trópicos. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/nFGRmSnwQVXkJF6HCfNnw9c/> Acesso em 5.jun.2025.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Transcrição das respostas dadas ao questionário aplicado aos moradores da cidade de Viana. O questionário aborda questões no tocante à rede de dormir e a vivência do morador da cidade.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MORADORES DA CIDADE DE VIANA

1-Nome completo: Jediael Everton Cutrim.

1.1 - Idade: 38 anos.

1.2 – **Estado civil:** casado.

1.3 – **Gênero:** masculino.

1.4 - **Escolaridade:** Ensino Superior Completo

1.5 – **Endereço:** Rua Raimundo Lopes da Cunha, nº471 B, Citel, Viana, MA.

1.6 – **Telefone:** não respondeu.

1.7 - Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- Na casa somos 5: mãe, irmã, sobrinho, esposa e eu. Temos uma renda aproximada de 5 salários mínimos.

REDE DE DORMIR

1.8- O que significa a rede de dormir para você?

R- Meu lugar/ local favorito para deitar após um dia estressante, lugar de repouso.

1.9 - Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- Minha mãe só dorme em rede, possui mais de 80 anos, minha irmã também, os demais em apenas alguns momentos.

1.10 - Para você para que serve a rede de dormir?

R- Para alguns serve como um instante de repouso, mas para muitos pode ser o único meio de repouso, por ser mais acessível do que uma cama, por exemplo. Para mim, representa parte de minha infância.

1.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- Apesar de atualmente ter-se redes bem mais caras do que camas, muitas vezes a diferença está na aquisição, outras gosto ou mesmo torna-se mais confortável, como no caso de minha

mãe.

1.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Não sei dizer, mas é sabido que desde a colonização foram encontradas redes nos povos originários do Brasil.

1.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Não.

1.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Porque?

R- Não sei dizer.

1.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Não.

1.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Minha mãe fazia em tear, tecendo fio a fio. Eu era criança, mas me lembro. Fazia em casa (Viana/MA), porém não possui mais saúde para esta tarefa.

1.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Não possuo preferências.

1.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- Não.

2- Nome completo: Wilson Carlos Dantas Lima.

2.1 - Idade: 60 anos.

2.2 – Estado civil: divorciado.

2.3 - Gênero: masculino.

2.4 - Escolaridade: Segundo Grau incompleto

2.5 - Endereço: Rua São Benedito, nº 349, Viana, MA.

2.6 – Telefone: não respondeu

2.7- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- 4: filho, filha, mãe, companheira e eu. 2.500,00.

REDE DE DORMIR

2.8- O que significa a rede de dormir para você?

R- Infância.

2.9- Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- Camas, mais conforto.

2.10- Para você, para que serve a rede de dormir?

R- Relacha e disança¹⁴.

2.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- Conforto.

2.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Não.

2.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Não.

2.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Porque?

R- Casas de varandas.

2.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Música da Dilú Mello “Rede na Varanda”.

2.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Não.

2.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Grande.

2.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- Não.

3- Nome completo: Maria Vitória dos Santos Cidreira.

3.1 - Idade: 73 anos.

3.2 - **Estado civil:** Casada.

3.3 - **Gênero:** Feminino.

3.4 - **Escolaridade:** Graduação em Letras, Pedagogia e Administração Escolar.

3.5 - **Endereço:** Rua Dr. Castro Maia, nº 490.

3.6 – **Telefone:** não respondeu.

3.7- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- 03 pessoas: meu marido, minha filha e um dos meus netos. A renda é variável, aproximadamente cinco salários mínimos (a renda deles).

¹⁴ Na transcrição das respostas a autora optou por manter a grafia utilizada pelos respondentes.

REDE DE DORMIR

3.8- O que significa a rede de dormir para você?

R- A rede de dormir é um lugar de repouso e descanso.

3.9- Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- A maioria dorme em camas. Geralmente a rede é usada para o descanso durante o dia, principalmente uma que temos na sala, que certas vezes é até disputada.

3.10- Para você para que serve a rede de dormir?

R- Como disse anteriormente, para repouso e descanso.

3.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- Na cama ficamos parados e na rede podemos nos balançar.

3.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Creio que a rede seja de origem indígena, mas não tenho certeza.

3.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Não lembro no momento.

3.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Porque?

R- (não respondeu).

3.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Livro ou filme, não conheço, todavia, a música e a poesia estão cheias de exemplos. Dilú Melo, uma de nossas maiores referências musicais, fez uma composição sobre a rede de algodão.

3.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Sim, muitas. Conheci pessoas que eram profissionais na fabricação de redes e que já faleceram, mas há ainda outras vivas em nossa cidade.

3.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Eu gosto muito de uma rede. Pode ser de algodão, de fio, de linha; o importante é descansar o corpo e a mente numa boa rede.

3.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- A noite durmo em cama, porém durante o dia, gosto de descansar em uma que tenho em minha sala, pois serve para descansar o corpo e até a mente.

4- Nome completo: Maria Consuelo Travassos Serejo de Sousa.

4.1 - **Idade:** 62 anos.

4.2- **Estado civil:** casada.

4.3 -**Gênero:** feminino.

4.4 -**Escolaridade:** Curso Superior – licenciada em letras – UEMA.

4.5 - **Endereço:** Rua Dr. Castro Maia, 308, Centro, Viana-MA.

4.6 – **Telefone:** não respondeu.

4.7 - **Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?**

R- 5 pessoas: Eu, meu esposo, dois filhos e uma nora.

REDE DE DORMIR

4.8- **O que significa a rede de dormir para você?**

R- Um aconchego para os momentos de reflexão, meditação e imaginação.

4.9- **Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.**

R- Em cama. Eles se sentem mais confortáveis. Eu, particularmente gosto mais da rede.

4.10- **Para você para que serve a rede de dormir?**

R- Para sentir-se em movimento, conforme a estrutura que a rede apresenta: flexível, o que me proporciona sensações diversas. O balançar da rede é como se fosse um remédio para minha alma e um descanso dos momentos de tensão.

4.11- **Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?**

R- Na cama sinto a sensação de ficar estática, pronta para dormir. Na rede, sinto a presença da volatilidade, assim como os próprios pensamentos que se conectam entre si.

4.12- **Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?**

R- Penso que a rede tenha origem indígena, e talvez feitas de palhas.

4.13- **Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?**

R- Quando eu era criança, enquanto brincava na calçada da casa à noite, meu pai se embalava numa rede, e durante o embalo, havia um som na escápula, isso era o sinal para saber se ele estava dormindo ou não.

4.14- **Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Porque?**

R- Pensamento.

4.15- **Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?**

R- A música “Balanço na rede”, de Xande. “A rede na varanda”, de Dilu Melo.

4.16- **Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?**

R- Não.

4.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Gosto de redes de fios grossos.

4.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- A rede é objeto de inspiração. Guarda histórias que remetem à infância e que nos fazem sentir saudades.

5- Nome completo: Carlos Denilson Tomé Cunha

5.1 - Idade: 54 anos.

5.2 - Estado civil: casado.

5.3 - Gênero: masculino.

5.4 - Escolaridade: Ensino Médio

5.5 – Endereço: Rua Benjamim Barroso IV, 11, Bairro Citel, Viana-MA.

5.6 - 98 981636598.

5.7- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- Três pessoas, esposa, filho e filha. Renda 3 mil reais.

REDE DE DORMIR

5.8- O que significa a rede de dormir para você?

R- Vejo como um símbolo de recordação, pois, na minha infância eu dormia em rede e isso me traz boas recordações.

5.9- Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- Hoje na minha casa todos dormem em camas, acho que o motivo é que: em nenhum momento foram acostumados a dormir em rede.

5.10- Para você para que serve a rede de dormir?

R- Serve para descansar, meditar, ler um bom livro.

5.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- A diferença está no acolhimento, a rede parece nos abraçar.

5.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Não respondeu.

5.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Não conheço.

5.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Porque?

R- Está associada a um bom descanso.

5.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Conheço um poema que tem como título “Eu, a rede e a paz” autor (Henrique R. de Oliveira)

5.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Não conheço.

5.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Gosto das redes 100% algodão com varandas.

5.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- No momento não.

6 -Nome completo: Laurinete Costa Coelho.

6.1 - **Idade:** 56 anos.

6.2 - **Estado civil:** solteira.

6.3 - **Gênero:** feminino.

6.4 - **Escolaridade:** Superior – pós-graduada

6.5 - **Endereço:** Rua Professor Egídio Rocha, nº 385.

6.6 – **Telefone:** 98988578371.

6.7- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- Nenhuma. 2.000,00.

REDE DE DORMIR

6.8- O que significa a rede de dormir para você?

R- Lembranças, conforto, embalo, passeio no interior.

6.9 - Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- Cama, mas há sempre redes na varanda para um cochilo da tarde, visitas, etc.

6.10 - Para você para que serve a rede de dormir?

R- Uma boa espreguiçadeira, um vai e vem para amenizar o calor.

6.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- A acomodação, o ajuste no corpo feito na rede.

6.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Ouvi falar em redes a partir da cultura indígena, provavelmente cipós.

6.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Minha mãe conta sobre uma mulher amamentando e a cobra descia pelo punho da rede, retirava o bebê do peito e colocava a boca no lugar.

6.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Porque?

R- Cochilo, fica uma sempre disposta na varanda da minha mãe, meu pai usava, os irmãos usam para cochilar.

6.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Música da vianense Dilu Melo, creio que se intitule (“Redes na varanda”)

6.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Não.

6.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- De tecido.

6.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- Minha mãe tem várias redes em casa, mas nunca deitou na vida dela em nenhuma.

7- Nome completo: Júlia de Jesus Costa e Costa.

7.1 -**Idade:** 19 anos.

7.2 -**Estado civil:** solteira.

7.3 - **Gênero:** feminino.

7.4 - **Escolaridade:** Ensino Médio Completo.

7.5 - **Endereço:** Rua Dr. Castro Maia, Centro – 128.

7.6 – **Telefone:** 98 991693427.

7.7- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- Três pessoas (não sei informar a renda mensal).

REDE DE DORMIR

7.8 - O que significa a rede de dormir para você?

R- Um objeto que serve para o descanso e que transcende gerações ao longo do espaço, da história e das diversas sociedades.

7.9 - Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- Sim. Normalmente, dormimos em camas, mas vez ou outra descansamos em uma rede na varanda (é o único local da casa com escapas).

7.10- Para você para que serve a rede de dormir?

R- Serve para descansar de forma muito mais tranquila e serena.

7.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- A cama é o objeto mais cômodo para colocar em quartos, já a rede de dormir adequa-se mais a espaços arejados e que tenham contato com a natureza.

7.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Não. (Não sei o nome do material, mas me recordo da imagem dos navios negreiros, nos quais eram utilizadas redes de material que me parecia cipó e madeira).

7.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Sim, apenas histórias familiares e pessoas que foram simples. Mas marcantes, pois transmitem memórias felizes e reconfortantes.

7.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Por quê?

R- Natureza, pois remete a uma sensação natural e poética do contato humano com as coisas simples, como um vento fresco e o cantar dos pássaros

7.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Sim. “Rede de Dormir” de Câmara Cascudo (apresentado-me recentemente).

7.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Acredito que minha avó saiba fazer, seu nome é Maria Raimunda.

7.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Prefiro redes com tecidos mais finos e “gelados”.

7.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- Não.

8- Nome completo: Kelly Yasmin Muniz Trindade.

8.1 - **Idade:** 15 anos.

8.2 - **Estado civil:** solteira.

8.3 - **Gênero:** feminino.

8.4 - **Escolaridade:** 1º do Ensino Médio.

8.5 - **Endereço:** Rua Professor Antonio Lopes.

8.6 - (98) 988989763.

8.7- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?

R- Duas pessoas. Minha mãe e meu irmão.

REDE DE DORMIR

8.8- O que significa a rede de dormir para você?

R- Um “lugar” onde eu possa descansar, cochilar ou dormir.

8.9- Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

R- Costumávamos dormir em ambos, porém com o tempo começamos a dormir apenas em camas. O motivo, não sei.

8.10- Para você para que serve a rede de dormir?

R- Para tirar um cochilo ou dormir.

8.11- Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

R- Uma questão “cultural”, pois foi ao longo do tempo que a cama foi passando a existir.

8.12- Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?

R- Não muito, acho que de algodão ou algum tipo de tecido.

8.13- Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

R- Quando eu era criança, meus primos, meu irmão e eu costumávamos brincar de empurrar e balançar a rede como se fosse aquelas barcas de parque.

8.14- Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Por quê?

R- Sendo só rede, associaria a rede de pesca.

8.15- Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

R- Conheci agora, o livro “Rede de Dormir”, do autor Câmara Cascudo.

8.16- Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

R- Não conheço.

8.17- Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?

R- Não tenho preferência de rede.

8.18- Você gostaria de acrescentar alguma informação?

R- Não.

9 -Nome completo: Maria Eduarda Corrêa Pinheiro

9.1 - **Idade:** 15 anos.

9.2 - **Estado civil:** Solteira.

9.3 - **Gênero:** feminino.

9.4 - **Escolaridade:** 1º Ano do Ensino Médio

9.5 - **Endereço:** Rua das Flores.

9.6 – **Telefone:** 98 99813210.

9.7- **Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?**

R- 6 pessoas, mãe, avó, tias e irmão.

REDE DE DORMIR

9.8- **O que significa a rede de dormir para você?**

R- Para mim a rede de dormir significa mais que um objeto usado para descanso, pois ela em si representa uma tradição de um povo.

9.9- **Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.**

R- Em ambas as duas, pois alguns preferem dormir na cama enquanto outras na rede.

9.10- **Para você para que serve a rede de dormir?**

R- Para dormir, descansar e relaxar

9.11- **Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?**

R- Na rede você pode se embalar e na cama não.

9.12- **Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?**

R- Não conheço a origem, porém sei que os materiais usados nas primeiras redes foram lona e algodão.

9.13- **Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?**

R- Sim, antigamente quando criança meu irmão e eu costumávamos empurrar um ao outro, insinuando que estávamos no parque de diversões.

9.14- **Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Por quê?**

R- A palavra hamaca, pois que eu me lembre rede foi uma palavra criada pelos índios.

9.15- **Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?**

R- Sim, o livro “Rede de dormir” do escritor Câmara Cascudo.

9.16- **Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?**

R- Não.

9.17- **Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?**

R- Não tenho preferências por tipos de rede.

9.18- **Você gostaria de acrescentar alguma informação?**

R- Não.

10- Nome completo: Maysa Campos Lemos.

10.1 - **Idade:** 14 anos.

10.2 - **Estado civil:** Solteira.

10.3 - **Gênero:** Feminino.

10.4 - **Escolaridade:** Curso o Ensino Médio Integral.

10.5 - **Endereço:** Rua 09; Quadra 10; Bairro Jardim Cidade dos Lagos.

10.6: **Telefone:**

10.7- **Quantas pessoas moram com você? Quem são? Qual a renda mensal aproximada?**

R- 4 pessoas e as vezes 5. Minha mãe, minha prima, meu irmão mais novo, eu e as vezes, meu pai; a renda é aproximadamente 10.100.

REDE DE DORMIR

10.8- **O que significa a rede de dormir para você?**

R- Significa um local de descanso, e que traz consigo muitas memórias passadas e afetivas.

10.9- **Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.**

R- Em ambas, antes costumávamos ter ganchos de rede espalhados por várias paredes da casa, agora só temos um par que usamos raramente.

10.10- **Para você para que serve a rede de dormir?**

R- Para tirar um cochilo de tarde, depois do almoço, algo para nos trazer a sensação de relaxamento.

10.11- **Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?**

R- A cama é algo que dura mais e que usamos mais recorrentemente, já a rede, algo mais momentâneo.

10.12- **Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes, você acha que eram feitas?**

R- Não sei.

10.13- **Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?**

R- Lembro de quando eu caía dela, e uma mais específica em que bati a cabeça no chão. Hoje é um pouco cômico, mas na época doeu.

10.14- **Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Por quê?**

R- Memória.

10.15- **Conhece algum livro, ou filme ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?**

R- Não conheço nenhum.

10.16- **Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?**

R- Não conheço.

10.17- **Caso você goste de redes, possui alguma preferência de tipos de rede?**

R- Nenhuma preferência.

10.18- **Você gostaria de acrescentar alguma informação?**

R- Não.

APÊNDICE 2

Transcrição da entrevista com D. Isaurinda, redeira da cidade de Viana

Isauderina Santos Mafra, 77, solteira, sou mulher. Estudei o quarto ano de antigamente, eu estudava o quarto ano de antigamente, não tinha mais nada aqui em Viana para fazer. E meus pais não podiam me botar pra o outro lado, que esse tempo só estudavo... o muitas coisas, se fosse pra São Luís e tal, aí eu só estudei até o quarto. Foi Dona Francisca, chamavam Francisca Ligeiro, o título dela verdadeiro eu não sei, só chamavam Francisca de Raimundo Ligeiro. Meu endereço é Rua Pedro Alvares Cabral, 392. Morando, morando por enquanto tem só esse. Eu morava sozinha, porque os meus dois filhos foro criados, com quinze anos, eles saíro, foram estudar na casa das madrinhas deles. Tive dois filhos, um casal, um homem e uma mulher. Valentin Manoel Mafra, esse aqui, Valentin Manoel Mafra Neto e Josiane Mafra.

Só esse aqui, Raimundo, o resto foro embora, vem assim a passeio e vão simhora, morando, morando, só tem ele agora. Eu tenho ajuda das minhas redes, esse aqui também me dá uma ajuda, ele também já é aposentado, me ajuda também nas despesas. Já me aposentei graças a Deus, tenho ajuda do meu irmão e trabalho com as minhas redes.

E nem sei fazer essa pergunta, dizer, né hehehehe! Mas pra mim a rede é boa, pra mim dormir, eu acho bonita elas estendidas no meu quarto, e faço os meus negócios, graças a Deus e me sinto bem, feliz em trabalhar no que eu sei.

Quando tem gente aqui dorme mais é na rede, as minhas irmãs vêm de São Luís, elas querem rede. Porque elas dizem que tem praga, elas vão se embalar e se cobre, e fica ó, balançando.

A rede serve pra gente se embalar, se balançar, se deitar de um lado, se estira pra outro, se enrola com as varandas. Não, eu durmo na cama, mas eu tenho minha rede pra balançar quando eu estou com vontade, porque eu me acostumei depois que eu comprei a cama e não me acostumei mais, me deitar na rede pra dormir.

Quando eu era criança eu dormia em rede, depois que eu tive os meus filhos, comecei dormir ni cama.

Eu ainda tenho dois irmãos homem e quatro mulher, nós somos cinco mulher ainda, ao todo era treze, não moravam todos, porque foi, os mais velhos foro indo embora e foram ficando os mais novos. Morava lá no Vidéu, todos dormia na rede.

A casa era de madeira, de Girau que chamava, de Girau, sobrado tapada de pindoba, dois quartos, uns dormia no quarto, nós mulheres, e os homens dormia na sala, na rede. A cozinha era tapada com umas taubazinha assim, que foi tirada lá no mangue e ai eles taparo ao redor de tauba. Ah não, quem construiu a casa eu não lembro, de criança eu não lembro, agora depois que eu já tava maiorzinha, que crescer eu não cresci, quando eu já tava mais velha, adulta, eu lembro. Seu Domingo, pai de Pedro, ainda trabalhou na casa de papai, e assim, outras pessoas que eu não me lembro mais, mas eu sei que seu Domingo ainda trabalhou.

As minhas irmãs mais velhas, elas fiavo o fio de algodão, panhavo não sei por onde que conduzia o algodão, aí fazia os fios e fazia as redes em casa. Eu não lembro, só que elas não fazia, as redes, como eu faço. As redes que elas fazia nesse tempo era umas rede que botava umas talinha assim, e passava a carreirinha assim, pra cá, pra colá, e fazia assim, rede de pano, de gabardine. Eles compravam a gabardine e faziam as redes, era assim que era.

Porque a rede a gente deita, se estira pra lá e pra cá, e a cama a gente se deita só num...

Não, eu nunca perguntei, mas eu via elas fazendo a rede assim batendo o algodão e fazendo os fios e fazio as redes.

É o fio, é gabardine, tem gabardine branca, vermelha, todas as cores tem, a gente faz desses tecidos também. Eu compro o fio, antigamente quando eu comecei fazer rede, a gente comprava o tintol, a água, botava na água fervia e botava as meada, fazia umas meada assim do fio. Nós fazia num mocho, rolava assim e fazia aquelas meadas assim grande e botava de molho e botava pra ferver, se não quisesse, botava, deixava para amanhã, a gente tirava daquela água e botava pra enxugar, era, e fazia de qualquer cor que a gente queria. Bem torcidinho, erá só botar no tear e tecer.

Agora eu conheço muitos casos de pessoas que já fizeram rede também, mas elas nunca se interessaram para se dedicar a fazer, um tempo fazia depois largava, era só pra dormir mesmo e pronto. Não tinha importância essas redes de dormir. As minhas irmãs nunca fizeram rede pra vender, não. Eu me dediquei porque eu sempre tive vontade de trabalhar e de ter as minhas coisas por, próprias, pelo próprio esforço, isso. Eu não gostava de ficar esperando papai me dá, mamãe me dá, não sei o que, eles não compravam do meu jeito, eu num...

Eu comecei fazer rede com 12 anos, lá no Vidéu. Eu aprendi sozinha, e Deus, e meu pai. Eu botei a primeira rede no tiar, eu não dava nem conta de subir assim e descer pra botar. Eu pedia para as pessoas que tinham (tear), umas pessoas que tinham, que faziam. Eu via elas fazendo, aí o meu irmão mais velho, ele já morreu, era Raimundo de Valentin. O pessoal dizia

assim, herdou do Raimundo de Valentim, eles sabem tudinho quem é eu por lá (Vidéu), a metade sabe. Aí eu disse que era pra fazer essa rede, eu disse: “Eu faço!”. Aí eu botei ela no tear, botei errado. Aí eu chorei, me esganei, fiquei arriliada, queria tocar fogo. Aí mamãe disse: “Eu não vou te ensinar, porque ninguém mandou tu te meter, fazer o que tu não sabia!”. Aí meu pai chegou de trabalhar, e eu tava chorando. Ele era muito eu! Aí eu fui dizer, ele disse: “Tira de novo que eu vou te ensinar!”. Aí eu tirei, já contei essa história pra Manuela, tirei do tiá e ele foi me ensinar. Não! Aí ele me ensinou e eu fui continuando e de lá pra cá eu fui fazendo, e eu até hoje, graças a Deus, eu já fiz muitas redes, eu já vendi. Ah, não tenho ideia e nunca anotei quantas redes. Completamente não era todo mês, todo ano, mas sempre fazendo, que eu não vou dizer, ah eu fazia todo dia, todo mês, não! Tem mês que eu não faço, tem mês que eu faço e dagora que eu fiquei mais velha, já larguei mais de fazer e não encontro as pessoas suficiente pra comprar. Eles acho cara, que é muito cara e, eu já sei que alguém que quer comprar eu vendo. Dr. Antônio Gaspar é meu comprador de rede, já vendi muitas redes pra ele. Já dei rede de presente pra ele, graças a Deus porque ele é muito bom pra mim.

Eu penso na rede, eu penso na rede, eu vou fazer essa rede, vou fazer ela de tal maneira, de qualquer jeito pra mim vender, pra ela ficar bonita. Quando eu vou botar ela no tear, eu já pensei as cores, eu faço azul e branco, vermelho e branco ou amarelo e branco. Aí eu boto na minha memória: eu vou fazer essa rede vermelha e branca, eu vou fazer ela feitio de brim, quadriculado, e aí eu faço. Antigamente eu fazia quatro redes por mês, hoje eu não faço mais. Eu boto ela no tear, depois faço tudo e já estou mais velha mesmo e não dá pra fazer rápido. Mas se eu fosse fazer mesmo, agora com quinze dias eu tirava uma rede, mas não dá porque eu tenho, tudo sou eu, tudo de tudo, da porta da rua ao quintal, sou eu sozinha e Deus.

Tinha uma música assim: quando eu me deito na minha rede de dormir, eu já ouvi uma musiquinha. Mas eu não estou lembrando, mas quando eu ir lá na Vila Zizi, eu vou perguntar pra minha irmã, que a cabeça dela tá menos “Jabi”, eu vou procurar pra ela.

Eu conheço, só que essa pra, de venda, ela não faz mais, mas eu conheço. Posso dizer das minhas irmãs? Só que elas não façam mais. O nome delas, chama-se Percina. Não, ela não faz mais.

A de fio, eu tenho de pano e de fio, mas prefiro de fio. Eu acho ela mais macia. Tem, tem de dois metros e meio de largura, tem de três metros de comprimento, tem de três e vinte de comprimento, vai dependendo da pessoa pedir o tamanho. É só dizer essa é mais larga do que a outra.

Porque eu precisava de dinheiro, preciso, gosto de fazer, gosto de vender e gosto de

trabalhar e é isso que eu aprendi. Aprendi outras coisas, mas não me invoquei nessas essas coisas, né? Eu já trabalhei de tudo quanto foi coisa de grosseira. De roça, de quebrar coco, de fazer caeira, de tirar pindoba nos mato, tudo isso, tirar talo, criar porco, criar galinha, tudo eu já fiz da minha vida. Ah, essa história é muito longe, hehehe hahaha! Olha, primeiro a gente veio, nós já tava criança, quando a gente veio morar ao lado do Boiciquara, é, Boiciquara no São Francisco. Aí depois a gente voltou de novo pro Vidéu. Aí eu estudei aqui um pouquinho aqui com essa moça chamada Francisca, morei com ela um tempo. Ela foi embora pra São Luís, e o meu pai não deixou eu ir. Boiciquara é um povoado em Viana. Aí a gente voltou pro Vidéu. Aí quando eu vim de São Luís, foi o tempo que eu já tava adulta. Eu não morava muito tempo lá, porque eu não ficava longe de papai muito tempo, era um mês, cinco mês, seis mês... Valentim Manoel Mafra. Mamãe era Maria Angélica dos Santos Mafra. Não isso aí eu não seio. Eu, 9 de abril de 47, no Vidéu. Voltei de São Luís com 20 anos, fui com 15 mais ou menos, mas sempre vindo, e trabalhava fazendo minhas redes, já. Vendi pra Odete mãe de Nhoquinha, tu pode não saber, mas, o pessoal, a família sabe quem era Nhoquinha, quem era Odete que morava lá no Vidéu, pra esse pessoal todo, Ribamar de Eduardo, esse pessoal todo comprava rede na minha mão. E sempre eu fazia e vendendo. Depois que eu tava aqui em Viana, eu fiz aquele projeto da LBA, enviado pelo Dr. Nozor, Antenor de Chico de Olívia e mais outras pessoas.

Fiz esse projeto, me emprestara um dinheiro com umas companheiras, só que no final, essa, é história longa! Foi, aí vendia a rede, tinha seis meses de carência pra nós, e do resto a gente ia trabalhar pra pagar, né! Era uma rede que a gente pagava, só que eu não tenho na memória o tanto de rede que era, mas nesse tempo era muito dinheiro. Do meio pro fim, pra não aumentar mais a história, elas não queriam mais fazer rede, elas queriam o dinheiro pra o marido trabalhar não sei de que, outra não sei de que, eu disse que eu não dava, porque nós fizemos pra rede. E digo, e quando veio a pessoa, o fiscal virem ver as rede, vocês tem as costuras de vocês, vocês tem os porcos, e aí, tal, eu tenho minhas redes, o que eu sei fazer é rede, eu não sei costurar. E o dinheiro não dá pra comprar máquina pra nós todas costurar e com isso eu passei mais de seis meses indo pra São Luís lá pro escritório do LBA, não me lembro aonde é a rua, mas se eu ir lá, eu ainda sei onde é. Aí as moças de lá falavam, parece que o nome de uma era Fátima, não sei se ainda se lembra que era o nome dessa pessoa, disse: “olha, você vai trabalhar sozinha, se elas não quiserem, você fica com esse dinheiro porque você sabe trabalhar e nós não fomos lhe procurar, nós passamos na sua casa e olhamos e Dr. Nozor foi quem falou que você sabia fazer rede!”. Minha casa, era uma casinha de barro, tem um

jardinzinho aqui na frente tapado de talo e assim que eu comecei. E Nozor vinha era muito aqui, mais Consuelo, Consuelo é a mulher dele. Eu fazia, já fiz rede pra Nozor, botava punho nas redes de Nozor quando esbandalhava, ele mandava pra mim, e assim foi indo e com isso...

Construí essa casa, a maior parte com o dinheiro das minhas redes, teve outros dinheiros, mas sempre tem ele pelo meio. Até quando eu puder enxergar, que Deus não vai faltar minha vista pra mim não enxergar mais, que eu peço tanto e eu espero que eu váia continuar fazendo até quando eu achar quem compre minhas redes, se Deus quiser. Quando esses que compravam, não tão mais, mas eu vou informando pra outros, outros que informa pra outros e já atendi muitas informações, e aí eu vou fazendo.

É a paixão pra mim ter, de que eu viver, pra eu comprar as coisas que eu queria, que não conseguia e não tinha outra coisa pra mim fazer, e eu continuei fazendo. Não, eu não lembro quem foi, mas eu via as pessoas fazer e eu tinha vontade de fazer. Não, eles já faziam assim como, antigamente teve uma época que a gente fazia era muito, as mulher fazio, lá no Vidéu aqui por onde eu andei. A irmã de Maria de Lourde Vieira, aqui em Viana, ela fazia rede, lá com ela é que eu aprendi o resto das redes que eu fiz, a Teodora. Ela fazia rede de brim, e foi ela que me ensinou a fazer as redes de brim, ela era minha prima. Sabe Maria de Lourde, uma doidinha, como eu chamava, Ivaldo, esse Ivaldo teu tio, sabia quem era ela.

Botando que eu tinha que fazer, um dia, eu tinha que fazer minhas coisas, a única, com licença, eu tinha muita vontade de aprender a fazer crochê e não consegui, todo dia eu dizia: eita, meu Deus, se eu soubesse fazer crochê! Eu tô fazendo as coisas, e eu acho tão bonito... mas eu não consegui. Essa Dona Francisca, que era minha professora, botou uma pessoa dentro de casa, lá em São Luís pra me ensinar, mas eu não consegui. Eu sei fazer as varandas assim na parede, boto o fio lá na parede, e sei dar os nozinhos, faço elas de rosa, faço com o feitio de umas aranhas, eu sei fazer. Mas de crochê eu não aprendi. Mas eu tenho muita saudade, a paciência agora não tá dando mais, porque eu tenho muita coisa pra mim fazer, quando eu penso numa coisa, já estou fazendo outra. Olha as minhas redes eu faço, quando eu termino que eu olho pra elas, eu digo assim: - Meu Deus, como foi que eu fiz isso aqui? A minha filha já disse: - mamãe eu vejo a senhora fazer, mas depois me faz uma coisa assim, mas como foi que mamãe fez isto? E pra mim, que eu fico confusa, como foi que consegui? Sempre eu tive, assim, como foi que eu consegui fazer. Eu vou lhe mostrar as redes pra você entender.

APÊNDICE 3

Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE – PGCULT

Projeto de pesquisa: Tecer de Varanda – Memória e Contemporaneidade

Pesquisadora: Mestranda Susana Pinheiro

Orientadora: Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira.

Questionário

DADOS PESSOAIS/MARCADORES SOCIAIS

1.Nome completo:

2.Idade:

3.Estado civil:

4. Gênero:

5.Escolaridade:

6.Endereço e telefone:

7. Quantas pessoas moram com você? Se sim, quem são?

REDE DE DORMIR

8. O que significa a rede de dormir para você?

9.Na sua casa as pessoas costumam dormir em camas ou redes? Explique os motivos.

10. Para você para que serve a rede de dormir?

11. Para você qual a diferença entre a cama e a rede de dormir?

12. Você sabe a origem da rede de dormir? De quais materiais as primeiras redes você acha que eram feitas?

13. Conhece alguma história curiosa envolvendo a rede de dormir?

14. Para você, a rede de dormir é associada a qual palavra, na sua opinião? Por quê?

15. Conhece algum livro, ou filme, ou música e poesia, que conte alguma história sobre a rede de dormir? Qual?

16. Você conhece alguém que faça redes de dormir? Se sim, quem? Onde?

17. Caso você goste de redes, você possui alguma preferência de tipos de rede?

18. Você gostaria de acrescentar alguma informação?

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TECER DE VARANDAS - MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE

Pesquisador: MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78541024.0.0000.5087

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.053.367

Apresentação do Projeto:

A pesquisa propõe estudo sobre a rede de dormir, sua origem e sua história. Será realizada na cidade de Viana, na sede da AVL, Academia Vianense de Letras. Participantes são membros efetivos, adultos e jovens membros, cuja idade alcança entre 15 e 20 anos. O tamanho da amostra é de 15 participantes. A metodologia será a pesquisa documental e iconográfica, pesquisa ação. Serão abordadas questões como: Na casa onde você mora, há rede de dormir? Caso afirmativo, quantas e quem faz uso dessas redes. Busca-se discutir sobre o uso das redes de dormir no cotidiano, e apontar seu uso, em certos momentos na história dos brasileiros e de outros povos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Entender a rede de dormir, objeto pertencente ao cotidiano local, como meio transformador para uma consciência mais crítica, com um grupo de membros da AVL, Academia Vianense de Letras do município de Viana/ MA, e assim interpretar e ampliar novos olhares, para valorizar o conhecimento histórico e, possível, criação artística.

Objetivo Secundário: Analisar e reconhecer a rede de dormir como bem material e de relevância para a cultura brasileira; Compreender alterações nas redes ao longo da história; Investigar a produção de artistas que usaram a temática das redes de dormir e varandas em

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 7.053.367

obras de arte; Promover a escrita acerca do tema: redes de dormir.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No formulário de informações básicas do protocolo, apresenta-se a seguinte exposição de riscos e benefícios da pesquisa.

Riscos: Esta pesquisa poderá eventualmente causar momentos de timidez aos participantes, sobre as quais em caso de ocorrência realizaremos atendimento individual no sentido de assegurar total sigilo das informações, e se necessário, e a pessoa pedir, retirá-la da pesquisa com o uso do questionário e roda de conversas. Neste sentido, tratam-se de riscos mínimos.

Benefícios: Valorizar a história dos povos tradicionais a partir da rede de dormir como objeto de identidade cultural, plural e diverso em utilidade e também como objeto de arte, passível de, a partir dele, estabelecer novos conceitos sobre sua forma de uso, criação e relação com o próprio objeto na sociedade. Promover a troca de experiências por meio da socialização, usando a rede de dormir como expressão cultural numa perspectiva de dialogicidade entre as diferentes concepções e linguagens, verbal, visual e tecnológica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem motivações científicas e sociais importantes. Tem potencial para produzir conhecimentos efetivos e importantes para a área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

** Folha de rosto: Preenchida e assinada pela pesquisadora proponente e pelo coordenador do PPGCULT/UFMA.

** Projeto: Texto integral apresentado. Contem itens estabelecidos pela Norma Operacional 001/2013 CNS, Seção 3.4.

** TCLE: Apresentam-se dois documentos, um destinado a adultos, outro destinado a pais ou responsável de menores de idade. Ambos são redigidos na forma de convite contendo objetivos da pesquisa, procedimento de coleta de dados, informações sobre participação

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cseufma@ufma.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA**



Continuação do Parecer: 7.053.367

voluntária, riscos e benefícios, garantias de sigilo e privacidade, bem como endereços de contato dos pesquisadores e do CEP-UFMA.

** Declarações: Apresenta-se Termo de Autorização para Pesquisa de Campo emitido pela Academia Vianense de Letras (AVL) autorizando a realização da pesquisa no âmbito da instituição.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo de pesquisa atende requisitos da Resolução CNS 466/12 e da Norma Operacional CNS 001/2013. Não são identificadas pendências ou inadequações. Recomenda-se aprovação do protocolo em pauta.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2308742.pdf	25/03/2024 23:18:21		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Pesquisa.pdf	25/03/2024 23:14:48	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado.pdf	25/03/2024 23:07:35	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_para_pais_responsaveis.pdf	24/03/2024 13:47:20	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_brochura.pdf	23/03/2024 15:20:26	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_instituicao.pdf	23/03/2024 15:02:17	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
Orçamento	Orcamento_projeto.pdf	23/03/2024 15:00:17	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
Orçamento	Orcamento_Projeto.xlsx	23/03/2024 14:44:07	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	22/03/2024 19:34:46	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Aceito

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 7.053.367

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/03/2024 19:31:48	MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO	Acelto
---	----------	------------------------	--------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 04 de Setembro de 2024

Assinado por:
Emanuel Péricles Salvador
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado.
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br